

UNIVERSIDADE ABERTA



Ser Japonês ou Falar Português?

Aspetos socioculturais, cognitivos e pragmáticos do ensino de português como segunda língua no Japão

Renato Silva de Noronha Brandão

Mestrado em Português Língua Não Materna

2019

UNIVERSIDADE ABERTA



Ser Japonês ou Falar Português?

Aspetos socioculturais, cognitivos e pragmáticos do ensino de português como segunda língua no Japão

Renato Silva de Noronha Brandão

Dissertação orientada pela Prof.^a Doutora Isabel Maria dos Santos Falé

Mestrado em Português Língua Não Materna

2019

RESUMO

Este estudo é uma avaliação parcial da situação atual do ensino do português no Japão, com ênfase na região de Tóquio. O corpus da investigação foi construído a partir da experiência de mais de 20 anos do autor como professor de português e inglês em várias instituições de Tóquio e arredores, e da compilação de entrevistas e questionários respondidos por professores e estudantes de português, principalmente em universidades, mas também em escolas de idiomas e outras instituições. O respaldo teórico e acadêmico foi proporcionado pelo estudo feito ao longo do primeiro dos dois anos do Mestrado em Português como Língua Não Materna da Universidade Aberta de Lisboa e pela literatura existente sobre o ensino de idiomas no Japão. A investigação identificou vários aspetos positivos, como algumas experiências interessantes e enriquecedoras dos estudantes, mas também alguns problemas, tanto no ensino como no aprendizado do português no Japão, com resultados acadêmicos que carecem de uma avaliação uniformizada e são insuficientes, segundo vários professores e alunos, para o estudo ou trabalho em países lusófonos, seja de acordo com as diretrizes do QECR ou com os padrões do CELPE-BRAS, o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros do Ministério da Educação do Brasil.

Através da abordagem de aspetos socioculturais, cognitivos e pragmáticos do ensino de português no Japão, o estudo revelou alguns dos principais obstáculos e desafios encontrados por estudantes e professores num país altamente desenvolvido, mas ao mesmo tempo tradicional e conservador, consciente da necessidade de continuar expandindo seu contato com outras culturas, mas resistente às mudanças e ao questionamento gerados pelo estudo de línguas e culturas estrangeiras, e particularmente de um idioma historicamente multicultural e multinacional como é o português.

Palavras-chave: Português como língua não materna, Japão, ensino de português no Japão, plurilinguismo, multiculturalismo.

ABSTRACT

This study is a partial evaluation of the current situation regarding Portuguese language teaching in Japan, especially in and around the capital, Tokyo. The body of the investigation comes from the author's experience teaching Portuguese and English for more than 20 years in schools and universities in Tokyo and surrounding areas, as well as a compilation of interviews and questionnaires with teachers and students of Portuguese, mainly at universities, but also in language schools and other institutions. The theoretical and academic foundation comes from the first year of Universidade Aberta de Lisboa's master's degree in Portuguese as a Foreign Language as well as the analysis of various existing studies about language teaching in Japan.

The research revealed a series of positive and negative aspects, both in the teaching and in learning Portuguese in Japan, where academic results lack a uniformed evaluation and, according to many teachers and students, are often insufficient for further studies or work in Portuguese speaking countries, according to the guidelines of the CEFRL or those of the CELPE-BRAS, the Certificate of Proficiency in Portuguese Language for Foreigners from Brazil's Ministry of Education.

Through the analysis of sociocultural, cognitive and pragmatic aspects of Portuguese teaching in Japan, the research reveals some of the main obstacles and challenges faced by students and teachers in a highly developed, yet traditional and conservative country, conscious of the need for expansion of its knowledge of other cultures, but resistant to the changes and the questioning inherent to the study of foreign languages and cultures, particularly in the case of a historically multicultural and multinational language such as Portuguese.

Keywords: Portuguese as a foreign language, Japan, Portuguese teaching in Japan, plurilingualism, multiculturalism.

Dedicatória

Aos meus saudosos pais, que tanto fizeram pela minha educação.

A todos os professores de português, nossos colegas espalhados por todo o mundo, que exercem o nobre e árduo ofício de manter viva a língua e a cultura dos países lusófonos.

A todos os estudantes de português como língua não materna que conheci e ensinei, no Brasil, no Reino Unido, na Austrália, e no Japão, que têm um interesse genuíno pela nossa cultura e se esforçam incansavelmente para dominar nosso idioma.

Aos meus antepassados, vindos de Portugal e de outros países da Europa para o Brasil, que me trouxeram ao mundo neste complexo país de língua portuguesa.

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos à Professora Doutora Isabel Falé, pela orientação científica deste trabalho, e a todos os professores do Mestrado em Português Língua Não Materna da Universidade Aberta de Lisboa com quem estudei ao longo dos últimos dois anos.

Aos professores de português e de inglês no Japão, de várias nacionalidades, colegas e ex-colegas de trabalho nas Universidades Keio, Sophia, Seisen e Kanda, que contribuíram incansável e pacientemente para a realização deste trabalho com informações, opiniões e sugestões inestimáveis, particularmente aos professores e amigos Dr. Rômulo da Silva Ehalt, Profa. Aline Antunes e ao colega de trabalho e doutorando em Direito, Eduardo Mesquita Kobayashi.

Aos colegas da Escola Primária Keio Gijuku Yochisha, pelo apoio e compreensão durante a realização desta investigação.

Aos colegas e amigos, japoneses e brasileiros, da seção de português da NHK World – Japan, excelentes tradutores, editores e locutores de português que contribuíram com informações para este estudo, pelo incentivo e apoio durante estes dois anos de estudo.

À residente de longa duração no Japão, e cara amiga Miranda Kenrick, pelo apoio, amizade sincera, conselhos e incentivo para esta pesquisa.

Ao meu amigo e companheiro de longa data, Katsuhisa Watanabe, pela paciência e apoio durante estes dois árduos, mas fascinantes, anos de pesquisas.

Índice Geral

Table of Contents

RESUMO	I
ABSTRACT	II
DEDICATÓRIA	III
AGRADECIMENTOS	IV
ÍNDICE GERAL	V
INTRODUÇÃO	1
O ENSINO DE PORTUGUÊS NO JAPÃO	1
OBJETIVOS DESTA INVESTIGAÇÃO	3
1. IDENTIFICAR ASPETOS E OBSTÁCULOS DO ENSINO DE PORTUGUÊS NO JAPÃO	3
2. ELABORAR HIPÓTESES SOBRE OS OBSTÁCULOS.....	4
3. APRESENTAR SUGESTÕES	4
METODOLOGIA	4
ESTUDANTES DE PORTUGUÊS NO JAPÃO	5
1. ESTUDANTES DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE HERANÇA	5
2. ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS	5
3. PROFISSIONAIS	6
ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO DOS ESTUDANTES	6
1. MOTIVAÇÃO	7
1.1 Como foi seu primeiro contato com a língua portuguesa e suas primeiras impressões?	7
1.2 A que países você associava a língua portuguesa ao iniciar seus estudos?.....	10
1.3 Quais foram as primeiras pessoas famosas que você associou à língua portuguesa?	11
1.4 Antes de estudar português, você conhecia algum japonês ou estrangeiro que falasse esse idioma?	12
1.5 Excluindo seus professores, quantas pessoas que falam português você conhece hoje?	13
1.6 Você usa o português fora da sala de aula?	13
1.7 Em caso afirmativo, onde você usa o português?.....	14
1.8 Quais são seus objetivos com o aprendizado de português?.....	15
2. CONDIÇÕES E OPORTUNIDADES DE ESTUDO NO JAPÃO	16
2.1 Como você começou a estudar português?	16
2.2 O que você achou do(s) curso(s) que escolheu?.....	17
2.3 O que poderia ter sido melhor?.....	17
2.4 Há cursos disponíveis para seu nível, caso decida continuar estudando?	18
2.5 Que materiais didáticos você usou ou está usando para estudar português?.....	18
2.6 Você sempre conseguiu encontrar material didático com facilidade?.....	20
2.7 O que acha da qualidade do material didático disponível no Japão?.....	20
2.8 O que acha do preço do material didático disponível no Japão?.....	21
2.9 O que acha da apresentação do material didático disponível no Japão.....	22
3. PROFESSORES DE PORTUGUÊS NO JAPÃO	23
3.1 Como descreveria seu(s)/sua(s) professor(es)/professora(s) de português?	23
3.2 O que você acha que poderia ter sido melhor?.....	23
3.3 De onde é (são) seu(s) professor(es/as)?	24
3.4 Qual versão do português é a mais difícil para você?.....	25
3.5 Já fez intercâmbio?	25
3.6 (Para os que fizeram intercâmbio) Que diferenças notou entre os professores?	25

5.	EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS.....	26
4.1	Antes de estudar português você tinha estudado outro idioma?	26
4.2	Quais foram as principais dificuldades que encontrou ao começar a estudar o português? (assinale todas as opções relevantes).....	26
4.3	Que aspetos são divertidos para você ao estudar português.	27
4.4	Quais são os maiores obstáculos, em sua opinião, para melhorar seu português?	28
4.5	Há quanto tempo estuda/estudou português?.....	28
4.6	Qual foi a qualificação mais alta obtida no estudo de português?.....	29
4.7	Você já teve alguma oportunidade de usar o português fora do Japão? (assinale todas as opções relevantes)	29
4.8	Caso tenha usado o português fora do Japão, por favor, descreva brevemente sua experiência.	30
4.9	Qual é seu nível de leitura em português?.....	30
4.10	Perspectivas futuras (assinale todas as opções relevantes).....	31
5.	COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES SOBRE O QUESTIONÁRIO DOS ESTUDANTES	32
PROFESSORES DE PORTUGUÊS NO JAPÃO.....		34
1.	PROFESSORES JAPONESES	36
2.	PROFESSORES PORTUGUESES	36
3.	PROFESSORES BRASILEIROS SEM ASCENDÊNCIA JAPONESA	37
4.	PROFESSORES BRASILEIROS DESCENDENTES DE JAPONESES.....	37
ANÁLISE DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES.....		38
1.	INFORMAÇÕES PESSOAIS E FORMAÇÃO	38
1.1	País de Origem.....	38
1.2	Sexo	39
1.3	Faixa etária.....	39
1.4	Formação acadêmica	39
1.5	Experiência fora do Japão.....	40
1.6	(Aos que lecionaram fora do Japão) Poderia descrever algumas diferenças entre sua experiência como professor de português no Japão e em outros países?	40
2.	SOBRE O ENSINO DE PORTUGUÊS NO JAPÃO.....	47
2.1	Qual é a sua situação empregatícia?	47
2.2	Você administra ou é responsável por algum curso ou departamento?.....	48
2.3	Quem faz os currículos dos seus cursos?.....	48
2.4	Nos currículos acima, são incorporadas as diretrizes do QECR?.....	51
2.5	Como é feita a avaliação dos alunos?.....	52
2.6	Como professor, como você avaliaria os seguintes aspetos dos cursos oferecidos onde você trabalha?	54
2.7	Que materiais didáticos você utiliza em suas aulas? (assinale todas as opções relevantes).....	55
2.8	Você consegue achar material didático com facilidade?.....	56
2.9	O que acha da qualidade do material didático disponível no Japão?.....	56
2.10	O que acha do preço do material didático disponível no Japão?.....	57
2.11	O que acha da apresentação do material didático disponível no Japão?.....	57
2.12	Que aspetos da metodologia de ensino considera específicos para alunos de português no Japão? (pergunta opcional)	58
2.13	Em sua opinião, quais são os aspetos positivos do ensino de português no Japão? (opcional).....	59
2.14	Poderia mencionar algumas dificuldades ou obstáculos no ensino de português no Japão?.....	60
2.15	Como você classificaria o apoio que recebe das escolas/universidades onde trabalha?.....	63
3.	SOBRE OS ESTUDANTES DE PORTUGUÊS NO JAPÃO	64
3.1	Em sua experiência, quais são as três principais razões que levam seus alunos a estudar português?64	
3.2	Em seus cursos, qual é a proporção de alunos que são imigrantes ou filhos de imigrantes de países lusófonos?.....	65
3.3	Se você tem alunos que são imigrantes ou filhos de imigrantes de países lusófonos, como é a integração desses alunos na sala de aula? (resposta opcional)	65
3.4	Além do idioma em si, qual é o nível de interesse de seus alunos por aspetos socioculturais dos países lusófonos?.....	67

3.5 Qual é o nível de conhecimento de seus alunos de português sobre países lusófonos além do Brasil e de Portugal?.....	68
3.6 Usando o QECR, como você classificaria o nível médio dos alunos japoneses que se formam em uma universidade japonesa?	68
3.7 Qual é a proporção aproximada de seus alunos de português que fazem intercâmbio em países lusófonos?.....	69
3.8 Qual é o país mais escolhido por seus alunos para intercâmbio?.....	70
3.9 Você considera o intercâmbio uma atividade positiva para alunos de português no Japão Explique sua resposta. (opcional)	70
3.10 Qual é a porcentagem aproximada de seus alunos que usam português na vida profissional depois de se formarem?.....	72
4. SOBRE O APRENDIZADO DE PORTUGUÊS NO JAPÃO.....	72
4.1 Quais são as principais dificuldades encontradas por seus alunos de português? (assinale todas as opções relevantes)	72
4.2 Em geral, qual é o nível de contato da maioria dos seus alunos com a língua portuguesa fora das aulas?.....	73
4.3 Com exceção do inglês básico ensinado nas escolas japonesas, qual é a proporção aproximada de seus alunos que estudaram outro idioma antes do português?.....	74
4.4 Você nota diferenças entre os alunos que já estudaram e os que nunca estudaram outro idioma? Em caso afirmativo, poderia descrever algumas dessas diferenças? (opcional)	74
4.5 Qual é a proporção aproximada de seus alunos que têm um domínio suficiente de português para estudar numa universidade de um país lusófono?	76
4.6 Seus alunos leem livros em português?	77
4.7 Em caso afirmativo, poderia citar alguns autores lidos por seus alunos?	77
4.8 Você considera o uso das diretrizes do QECR adequado ao ensino de português no Japão? Por quê?	78
4.9 Avalie as seguintes afirmações sobre sua vida profissional como professor(a) de português no Japão:	80
SITUAÇÃO EMPREGATÍCIA E PERSPECTIVAS DOS PROFESSORES DE PORTUGUÊS NO JAPÃO.....	85
RESUMO DOS OBJETIVOS DESTA INVESTIGAÇÃO	88
1. IDENTIFICAÇÃO DE ASPETOS E OBSTÁCULOS DO ENSINO DE PORTUGUÊS NO JAPÃO.....	88
1.1 Aspectos Positivos.....	88
1.2 Aspectos Negativos.....	89
1.3 Obstáculos para o Ensino do Português no Japão	90
2. ELABORAÇÃO DE HIPÓTESES SOBRE OS OBSTÁCULOS	92
2.1 A posição do Japão no mundo	92
2.2 Pouco contato entre as universidades e organismos internacionais	93
3. SUGESTÕES PARA O FUTURO DO ENSINO DE PORTUGUÊS NO JAPÃO.....	94
3.1 Mais comunicação entre os docentes e as universidades.....	94
3.2 Maiores esforços para a implementação de diretrizes do QECR	94
3.3 Valorização do trabalho dos professores de português.....	95
CONCLUSÃO	96
BIBLIOGRAFIA.....	99
ANEXOS.....	102
1. GRÁFICOS DO QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS.....	102
1.1 Primeiro contato com a língua portuguesa	102
1.2 Países associados com a língua portuguesa.....	102
1.3 Contacto com lusófonos antes de iniciar os estudos	103
1.4 Contacto atual com lusófonos.....	103
1.5 Uso do português fora da sala de aula.....	103
1.6 Exemplos do uso do português fora da sala de aula	104
1.7 Objetivos do aprendizado de português.....	104
1.8 Início dos estudos de português	105
1.9 Opinião sobre o curso (1: péssimo – 5: excelente).....	105

1.10	<i>Possibilidade de continuação dos estudos</i>	106
1.11	<i>Materiais didáticos</i>	106
1.12	<i>Facilidade de encontrar material didático</i>	107
1.13	<i>Qualidade do material didático (1: péssimo – 5: excelente)</i>	107
1.14	<i>Preço do material didático (1: baratíssimo – 5: caríssimo)</i>	108
1.15	<i>Apresentação do material didático (1: pouco, ou – 5: bem interessante)</i>	108
1.16	<i>Opinião sobre professores (1: péssimo – 5: excelente)</i>	109
1.17	<i>Origem dos professores</i>	109
1.18	<i>Versão mais difícil do português</i>	110
1.19	<i>Idiomas estudados antes do português</i>	110
1.20	<i>Principais dificuldades</i>	111
1.21	<i>Obstáculos para aperfeiçoamento do idioma</i>	111
1.22	<i>Tempo de estudo</i>	112
1.23	<i>Uso do português fora do Japão</i>	112
1.24	<i>Nível de leitura em português</i>	113
1.25	<i>Perspectivas futuras</i>	113
2.	GRÁFICOS DO QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES	114
2.1	<i>País de origem</i>	114
2.2	<i>Sexo</i>	114
2.3	<i>Faixa etária</i>	115
2.4	<i>Formação académica</i>	115
2.5	<i>Experiência fora do Japão</i>	115
2.6	<i>Situação empregatícia</i>	116
2.7	<i>Nível de responsabilidade</i>	116
2.8	<i>Incorporação das diretrizes do QECR nos currículos</i>	117
2.9	<i>Avaliação dos alunos</i>	117
2.10	<i>Incorporação das diretrizes do QECR nas avaliações</i>	117
2.11	<i>Avaliação dos cursos</i>	118
2.12	<i>Materiais didáticos</i>	118
2.13	<i>Obtenção de material didático</i>	119
2.14	<i>Qualidade do material didático (1: péssimo – 5: excelente)</i>	119
2.15	<i>Preço do material didático (1: baratíssimo – 5: caríssimo)</i>	120
2.16	<i>Apresentação do material didático (1: pouco ou – 5: muito interessante)</i>	120
2.17	<i>Apoio das universidades (1: nenhum – 5: bastante)</i>	121
2.18	<i>Proporção de imigrantes ou filhos de imigrantes</i>	121
2.19	<i>Interesse dos alunos por países lusófonos</i>	122
2.20	<i>Conhecimento dos alunos sobre países lusófonos</i>	122
2.21	<i>Nível dos formandos</i>	123
2.22	<i>Proporção de intercambistas (1: muito poucos – 5: quase todos)</i>	123
2.23	<i>Países mais escolhidos por intercambistas</i>	124
2.24	<i>Uso do português na vida profissional dos formandos</i>	124
2.25	<i>Principais dificuldades dos alunos</i>	124
2.26	<i>Contacto dos alunos com o português fora das aulas</i>	125
2.27	<i>Proporção de alunos com outros idiomas além do inglês</i>	125
2.28	<i>Proporção de alunos com nível suficiente para estudo em país lusófono</i>	125
2.29	<i>Capacidade literária dos alunos</i>	126
2.30	<i>Condições profissionais dos professores</i>	126

Introdução

O Ensino de Português no Japão

Apesar das histórias que Marco Polo trouxe à Europa no final do século XIII sobre Zipangu¹ (que posteriormente tornou-se Giapppone, em Italiano, e suas respectivas versões nos outros idiomas europeus) (Reichert, 2014), é fato comprovado e bem documentado que os portugueses foram os primeiros europeus a desembarcarem no arquipélago japonês, no começo do século XVI (Carneiro & de Matos, 1994; Cooper, 1995; Laures & Boxer, 1952). Portugueses e lusófonos de outros países se orgulham ao ler essas e outras obras (Almeida & Rodrigues, 2018; Ellis, 2003; Nelson, 2004), e ao perceber o impacto da chegada e permanência dos portugueses no Japão naquele século. Ao voltar a Nagasaki para esta pesquisa, descobri um pouco mais sobre o legado dos portugueses ao notar como ainda é forte a presença do Catolicismo, e como há várias igrejas naquela cidade, muitas delas originalmente estabelecidas por jesuítas portugueses. Em termos linguísticos, devemos aos portugueses a primeira transliteração do japonês para o alfabeto romano, o primeiro dicionário de japonês e, obviamente, o nascimento do ensino do português no Japão, além da permanência de inúmeras palavras de origem portuguesa que ainda hoje fazem parte do vocabulário cotidiano dos japoneses.²

¹ Marco Polo's name for "Cipango", "(in medieval legend) an island E of Asia: called Zipangu by Marco Polo and sought by Columbus; identified with Japan". (Collins English Dictionary)

² Seguem abaixo alguns exemplos de palavras japoneses de origem portuguesa que ainda estão em uso hoje em dia segundo um artigo do site português Vortexmag. (VxMag, 2015) Algumas são escritas nos silabários katakana (que indica a origem estrangeira da palavra) ou hiragana (usado também para palavras japonesas), enquanto outras foram transliteradas para kanji, os caracteres chineses usados no Japão:

grafia japonesa	pronúncia aproximada	palavra portuguesa
ビードロ	(biidoro)	vidro
フラスコ	(furasuko)	frasco
ボタン・釦	(botan)	botão
木瓜	(marumero)	marmelo
パン	(pan)	pão
アルコール	(arukoru)	álcool
ビロード	(birodo)	veludo
合羽	(kappa)	capa

Contudo, esse passado glorioso não deve ofuscar nossa visão sobre a realidade atual da presença de nosso idioma no Japão: ela é praticamente desprezível e, apesar do crescimento causado pelo fenômeno da imigração brasileira a partir da década de 1980, que culminou com a presença de cerca de 230 mil brasileiros no Japão antes da crise financeira desencadeada pela falência da instituição financeira Lehman Brothers em 2008 (Brandão, 2013), a procura pelo ensino do nosso idioma voltou a diminuir drasticamente a partir de 2016, a julgar pelo depoimento de vários professores sobre a queda no número de alunos e a suspensão ou extinção de vários cursos em universidades e outras instituições.³ Inicialmente, a crise financeira mundial de 2008 não parecia ter afetado diretamente a procura por cursos de português. Pelo contrário, talvez impulsionados pelo clima ainda otimista da economia brasileira naquele momento, e pela expectativa de dois grandes eventos internacionais que estavam para ser realizados no Brasil: a Copa do Mundo da FIFA e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, o número de alunos parecia continuar aumentando. Novos cursos foram implementados para lidar com essa demanda, inclusive um pelo autor deste estudo, na escola de idiomas da Universidade Keio, no centro de Tóquio, que chegou a ter classes de até 20 alunos em três níveis (básico, elementar e intermediário). Atualmente este curso continua aberto, mas com apenas uma classe de sete alunos. Além desse declínio na demanda pelo português, algo que era de se esperar depois da conclusão dos dois eventos esportivos internacionais no Brasil, houve um outro fator, menos esperado, que contribuiu muito para este declínio: o golpe parlamentar que resultou no impeachment da Presidente Dilma Rousseff, do Brasil, em 2016 e o rápido declínio econômico e social causado pelo golpe. A eleição de um candidato da extrema direita no final de 2018 e os escândalos de corrupção de uma magnitude sem precedentes envolvendo o novo presidente, Jair Bolsonaro, sua família e seu governo, incluindo ligações com as milícias do Rio de Janeiro e, como foi revelado em novembro de 2019, um possível envolvimento com o assassinato da parlamentar carioca Marielle Franco, de um partido da oposição, resultaram quase imediatamente na queda de investimentos de companhias japonesas no Brasil e, consequentemente no cancelamento de cursos de português ministrados nessas empresas. Nas universidades, um resultado direto da eleição de Bolsonaro foi o cancelamento de vários estudantes que já haviam se inscrito para realizar programas de intercâmbio no Brasil em 2019. A imagem do Brasil como um país perigoso⁴ ficou ainda pior depois que Bolsonaro

³ Infelizmente, até a realização do presente estudo, não haviam sido divulgados números oficiais sobre o declínio no número de estudantes de português ou no número de cursos oferecidos nas universidades pesquisadas, mas todos os professores com quem conversei confirmaram que a procura vem caindo.

⁴ Uma percepção que, infelizmente, tem fundamento, já que há inúmeros casos recentes de turistas e estudantes japoneses que foram vítimas do crime no Brasil, incluindo alguns que foram assassinados.

tomou posse e anunciou que iria liberar o porte de armas, algo que foi amplamente noticiado na mídia japonesa. Quase imediatamente, estudantes japoneses, às vezes a pedido dos pais, cancelaram seus planos de fazer intercâmbio no Brasil.⁵ Indiretamente, outros fatores, como os incêndios criminosos da Amazônia, o descaso do novo governo pelo meio ambiente e piadas racistas sobre japoneses feitas pelo novo presidente, entre muitos outros, vêm corroendo a imagem do Brasil como um país respeitável e conseqüentemente, prejudicando o interesse de jovens japoneses pela língua portuguesa. Felizmente, quase 36% dos alunos entrevistados⁶ disseram que, inicialmente, associavam o idioma a Portugal, e não ao Brasil. Ao contrário do Brasil, Portugal passa por um momento de longa estabilidade política e econômica e, para turistas e estudantes, continua sendo um país infinitamente mais seguro do que o Brasil. Vários professores entrevistados afirmaram que o número de alunos de português interessados em Portugal vem aumentando no Japão. Mesmo assim, em termos absolutos, o número de vagas em cursos de português ainda não voltou a crescer.

Objetivos desta investigação

Esta dissertação tem como objetivos principais fazer um levantamento dos principais aspectos do ensino de português no Japão e identificar alguns obstáculos encontrados por professores e alunos, levantar hipóteses sobre os possíveis fatores que impedem esta atividade de alcançar seu potencial no Japão e apresentar sugestões que possam ser úteis a professores e autoridades responsáveis pela difusão e ensino da língua e cultura portuguesas no Japão e em países lusófonos, com o intuito de aperfeiçoar e aprofundar o exercício destas atividades. Segue uma descrição mais detalhada de cada um desses objetivos:

1. Identificar aspectos e obstáculos do ensino de português no Japão

Sendo o idioma de maior difusão e influência em todo o planeta, o inglês ocupa uma posição de destaque no currículo das escolas japonesas, da escola primária ao ensino superior, e como tal, o ensino e o aprendizado deste idioma são alvos constantes de estudos realizados por japoneses e estrangeiros, incluindo alguns autores que foram incluídos nesta pesquisa, como Alex Kerr (Kerr, 2001, 2002), Akiko Okumura (Okumura, 2017) e a valiosa coletânea de relatos curiosamente intitulada “*I Wouldn’t Want Anybody to Know: Native English Teaching*

⁵ Segundo relatos de professores universitários entrevistados para este estudo.

⁶ Ver resultado do questionário dos estudantes.

in Japan."⁷ (Various, 2003), entre outros. Nesses estudos podem ser encontrados vários aspetos e obstáculos que são idênticos àqueles encontrados pelos professores e estudantes de português e outros idiomas. Contudo, há problemas que são diferentes e específicos do universo do ensino de Português como Língua Não Materna no Japão. Este estudo tenta identificar e descrever algumas destas diferenças.

2. Elaborar hipóteses sobre os obstáculos

Uma vez identificados alguns desses obstáculos, o estudo tenta tecer algumas hipóteses sobre os motivos pelos quais o ensino e o aprendizado do idioma português no Japão continuam bem distantes de alcançar seu potencial, através da análise de situações vividas por professores e alunos, e de entrevistas e questionários realizados com os mesmos.

3. Apresentar sugestões

Todo este estudo seria inútil se não tentasse, ainda que sem pretensões, apresentar algumas sugestões com o intuito de ajudar alunos, professores e autoridades responsáveis pela difusão e ensino da língua portuguesa no Japão e em países lusófonos a refletir sobre como estas atividades poderiam melhorar e continuar prosperando no futuro.

Metodologia

A metodologia empregada para alcançar os objetivos descritos acima consistiu na análise de algumas teorias estudadas durante o primeiro ano do mestrado, principalmente nos estudos sobre Política de Língua, Multilinguismo, Interculturalidade e Comunicação, e sua aplicação à realidade encontrada nas salas de aula de português no Japão. Especificamente, foram utilizadas as teorias de autores como Martha Nussbaum (Boman, Gustavsson, & Nussbaum, 2002; Nussbaum, 2004, 2017), Michael Byram (M Byram, 2014; Michael Byram, 2003, 2012), Nobuyuki Honna e Yuko Takeshita (Honna & Takeshita, 2005), Maria Helena Mira Mateus (M. Mateus, 2008; M. H. M. Mateus, 2002), e Prof. Mário Filipe (Filipe, n.d.), entre outros.

⁷ Tradução livre: "Não Gostaria que Ninguém Soubesse: Ensino de Inglês por Nativos do Idioma no Japão".

Para testar estas teorias, foram analisados os currículos e os resultados acadêmicos de algumas das principais universidades que ensinam português, principalmente na capital, Tóquio, e arredores, mas também em algumas universidades fora da capital, bem como o nível médio alcançado por estudantes formados nessas universidades. Nos questionários enviados a estudantes e professores de português, as perguntas foram feitas com base nas teorias mencionadas e nas diretrizes do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas.

Estudantes de Português no Japão

Para o levantamento feito durante esta investigação, os estudantes de português no Japão foram divididos entre os seguintes grupos:

1. Estudantes de português como língua de herança

Estudantes que vivem em regiões onde há uma concentração de imigrantes brasileiros. Em sua maioria são descendentes de japoneses que imigraram para o Brasil e estão integrados no sistema educacional do Japão. Muitos desses imigrantes ou filhos de imigrantes não estudam português. A maioria das escolas japonesas não oferece aulas de português, mas há escolas particulares que oferecem cursos extracurriculares, depois da escola ou nos fins de semana, para alunos que querem aprender a língua dos pais, ou de seu país de origem. Há ainda as chamadas “escolas brasileiras”, algumas reconhecidas pelo MEC (Ministério da Cultura do Brasil), que oferecem educação em português, seguindo o currículo do sistema educacional do Brasil. (Okumura, 2017; Tobace, 2016) Estes alunos não foram incluídos no corpus desta investigação.

2. Estudantes universitários

Esses alunos são, em sua grande maioria, japoneses que nunca estudaram português e que escolheram o curso por uma variedade de motivos, que vão desde um interesse genuíno pelo idioma ou pela cultura do país (principalmente futebol e música), até a falta de outras opções por uma questão de pontuação nos exames de admissão. Fazem parte deste grupo também alguns imigrantes ou filhos de imigrantes que já tiveram algum contato com o idioma em casa, japoneses que tiveram contato com brasileiros

que moram no Japão e japoneses que já viveram em um país lusófono. Estes estudantes constituem a maior parte do corpus desta pesquisa.

3. Profissionais

Estudantes cujo trabalho está de alguma forma relacionado com a língua portuguesa. Entre os principais exemplos estão funcionários de empresas de países lusófonos (como as brasileiras Vale e Petrobrás) ou de empresas japonesas que têm escritórios ou fábricas no Brasil. Também há neste grupo: funcionários japoneses de embaixadas ou consulados de países lusófonos, profissionais do setor de Turismo, policiais que trabalham com a comunidade brasileira no Japão, artistas, e profissionais do esporte. Estudantes deste grupo também foram incluídos no corpus desta pesquisa.

Análise das respostas do questionário dos estudantes

Um total de 39 estudantes adultos de português participaram desta pesquisa, quase todos jovens universitários ou profissionais entre os 20 e os 40 anos. Alguns dos entrevistados já se formaram e trabalham no serviço em português da NHK WORLD – JAPAN ou em outros lugares onde podem usar o português. O questionário apresentou 33 perguntas divididas em quatro seções:

1. Motivação (8 perguntas)

O objetivo destas perguntas foi perceber como os estudantes japoneses veem o idioma português, por que decidem estudá-lo, e qual é a percepção que têm da cultura dos países lusófonos antes de iniciar seus estudos.

2. Condições e Oportunidades de Estudo no Japão (9 perguntas)

Aqui, o objetivo foi comprovar algumas das impressões do autor e de outros professores de português no Japão sobre a situação encontrada pelos estudantes, e também de compreender o contexto dos estudantes e suas limitações no aprendizado do idioma, e fazer algumas comparações com o ensino do inglês e de outros idiomas no Japão.

3. Professores de Português no Japão (6 perguntas)

Através destas perguntas o autor quis saber como os estudantes avaliam seus professores, e, aproveitando-se do anonimato oferecido pelo questionário, tentar obter alguns comentários positivos e/ou negativos sobre nosso trabalho.

4. Experiências individuais (10 perguntas).

Nesta seção, o objetivo foi conhecer os estudantes fora do âmbito da universidade, e descobrir como o estudo do português influenciou (ou não) as experiências individuais de cada participantes. O autor quis também saber mais sobre as oportunidades que esses estudantes tiveram e têm para expandir seus conhecimentos sobre a língua e a cultura dos países lusófonos para além do que aprenderam antes, durante e depois dos cursos que fizeram.

Com algumas exceções, onde os estudantes foram entrevistados pessoalmente, os questionários foram respondidos de forma anônima e confidencial, não apenas para a proteção dos participantes, como também para garantir que eles se sentissem livres para expressar suas opiniões.

Estes foram os resultados do questionário, seguidos de comentários e análises referentes ao contexto do estudo:

1. Motivação

1.1 Como foi seu primeiro contato com a língua portuguesa e suas primeiras impressões?

O primeiro contato com o idioma português dos estudantes japoneses é surpreendentemente variado. Aqui estão as respostas, incluídas exatamente como foram escritas pelos alunos (incluindo seus erros) sobre seu primeiro contato com o idioma.

Primeiro contato com o idioma português:

Numa Universidade no Japão.
Aulas da universidade
Através de um amigo(a)

Viajando
Aula de língua estrangeira no universidade
Através de um amigo(a)
Cultura (livros, filmes, etc.)
Morei no Brasil quando era criança
Viajando
Cultura (livros, filmes, etc.), Mercado de carro
Música
Nasci em portugal
Estudando na universidade.
aula
necessidade a residenciar no brasil
assiti futebol
Cultura (livros, filmes, etc.)
Jardim Infantil (4 anos de idade) na cidade de Rio de Janeiro
Viajando, Através de um amigo(a)
Cultura (livros, filmes, etc.)
Curso universitário
Viver
Viajando
Morei no Brasil por causa do trabalho de meu marido
Música
Música
Cultura (livros, filmes, etc.)
Aulas universitárias
Eu estava a estudar a língua portuguesa além de inglês.
As aulas da universidade. Depois de começar a aprender português, apercebi-me de que tinha ouvido algumas palavras portuguesa cuja origem é de Portugal, como botão, tabaco (é não é?). Além disso, já tinha ouvido a Bossa Nova. Já que interpreto o primeiro contato como o consciente, no meu caso, foi nas aulas.
Cultura (livros, filmes, etc.)
Cultura (livros, filmes, etc.)
aula (universidade)
trabalho do meu marido
Morar no Brasil
Vida cotidiana, por exemplo, pão, cartão
Cultura (livros, filmes, etc.)

Viajando
Futebol

Ao serem perguntados sobre suas primeiras impressões do idioma português, as respostas são em sua maioria positivas (“sonoridade agradável”, “suave”, “interessante”), embora muitos achem o idioma “difícil”. Um número significativo de alunos diz que a primeira impressão que tiveram ao se deparar com o português é que “ela se parecia com o inglês”. Esta resposta pode parecer inusitada, já que o português é linguisticamente muito mais próximo de idiomas como o espanhol, o italiano e o francês, mas ela demonstra que o inglês é uma das poucas, e muitas vezes a única língua estrangeira estudada (ainda que superficialmente) pela grande maioria dos japoneses. Assim, ao se deparar com uma outra língua europeia pela primeira vez, mesmo que ela seja o português, é natural que muitos estudantes façam essa associação com o inglês.

Primeiras impressões sobre a língua portuguesa:

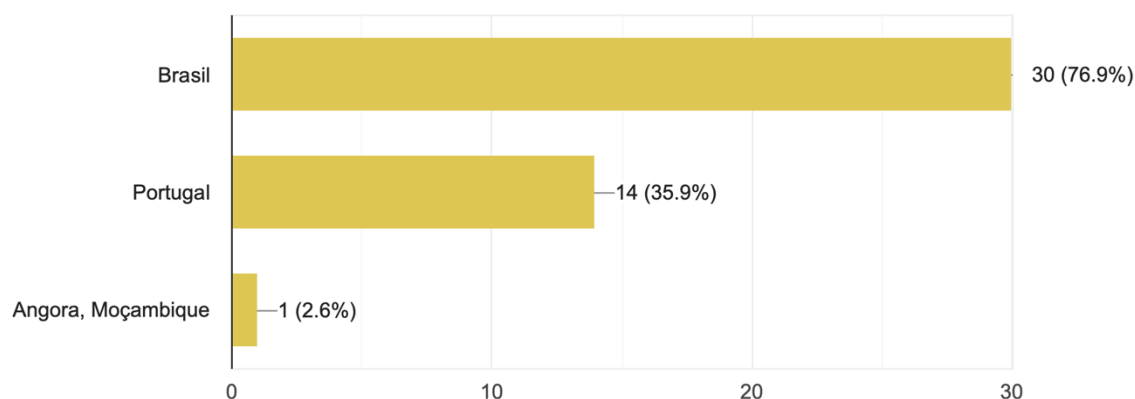
Foi difícil especialmente na gramática (por exemplo, verbos).
Os sons do português são naturais e lindos.
É muito difícil e diferente de japonês
similar to English
Algumas palavras são parecidos como inglês, mas isso foi difícil de aprender.
Muito rápido, difícil de entender
Complicado!!
parece inglês um pouco
Pronúncia é difícil
Uma língua que tem variedade de expressão de sentimento
Não Lembro
Um pouco difícil
O som é lindo.
Achei o entonação é muito lindo e a gramática é parecido com de inglês.
Fantastico
Foi completamente diferente das línguas que já sabia falar.
Nao me lembro.
A pronúncia é bem parecida com a língua japonesa, por isso, achei que não fosse difícil falar. Contudo, a gramática foi difícil e sempre achei que fosse como “o quebra-cabeças”.

Foi muito precisa com o inglês
Achei interessante em termos gramáticos.
Lingua materna
Alegre e, ao mesmo tempo, suave
O idioma reflect as culturais regionais e muito interessante
Musicas, sao alegre e lirica
Bem parecido com o idioma espanhol
A pronúncia é parecida com francês.
Achei que era difícil mudar verbos, números e sexo
A língua portuguesa é falado em todo o mundo.
Achei linda, no sentido do ritmo e da musicalidade.
Idioma muito suave
Complicado
É complicado (especialmente pronúncia e ampliação de vocabulário)
Força (acho que comparando com inglês, pronuncia é mais clara, por isso.)
Não lembro pois era pequeno
Documentos dos missionarios dos catoricos em século 16.
Difícil
O som é lindo.
Gramática é difícil!!!

1.2 A que países você associava a língua portuguesa ao iniciar seus estudos?

Inicialmente, com que país(es) você associava a língua portuguesa?

39 responses



De 39 estudantes entrevistados, apenas um (2,6%) disse que associava o idioma a um país da África. 76,9% associavam o idioma ao Brasil e 35,9% a Portugal – alguns estudantes escolheram mais que uma alternativa, como se vê no resultado numérico (30 disseram Brasil, 14 disseram Portugal e um disse Angola e Moçambique), mas pode-se concluir que o país mais associado à língua portuguesa no Japão continua sendo o Brasil embora, conforme observado acima e confirmado por alguns professores, a associação do idioma com Portugal, e o interesse por aquele país europeu, estão aumentando no Japão. Surpreendentemente, apesar de Francisco Xavier ser um personagem relativamente conhecido pelos japoneses, bem poucos estudantes de português, pelo menos na região de Tóquio, onde foi realizada esta pesquisa, pareciam conhecer ou ter interesse pela história dos portugueses no Japão. Entre os entrevistados, apenas cinco mencionaram o tema, citando nomes como Francisco Xavier (dois estudantes), Infante D. Henrique, Magalhães e Vasco da Gama (um aluno cada). Mesmo entre os alunos com algum conhecimento prévio sobre o Brasil, as percepções são superficiais e estereotipadas, e os temas mais mencionados foram futebol (15 alunos), carnaval (sete alunos) e música/samba (cinco alunos), café (quatro alunos) e Amazônia (três alunos). Outros temas mencionados foram música, política, problemas sociais, criminalidade, imigrantes no Japão, vinhos de Portugal e as grandes navegações. Mesmo levando-se em consideração que o nível geral de conhecimento geral dos estudantes japoneses é baixo em comparação com o nível de estudantes universitários no Ocidente (Hall, 1998; Various, 2003), a pesquisa indica que o interesse pelo português entre jovens japoneses é raramente acadêmico ou intelectual.

1.3 Quais foram as primeiras pessoas famosas que você associou à língua portuguesa?

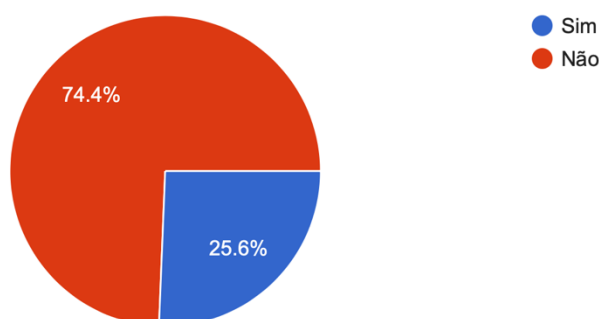
O objetivo desta pergunta foi descobrir até que ponto as celebridades do mundo lusófono são conhecidas no Japão, e podem gerar um interesse pelo nosso idioma ou servir como motivação para seu estudo. Dos 36 estudantes que responderam, cinco disseram que nunca tinham ouvido falar de ninguém que falasse português, e um sabia que um treinador de futebol famoso no Japão (Ruy Ramos) era brasileiro, mas sem saber que idioma ele falava. Apenas um estudante citou

escritores (Jorge Amado e Fernando Pessoa), dois citaram Ayrton Senna, e seis citaram navegadores ou padres portugueses (Luiz Fróis, Francisco Xavier, Infante D. Henrique, Magalhães e Vasco da Gama). Os restantes, que formam a maioria, citaram jogadores de futebol (22 respostas) ou músicos brasileiros (sete respostas).

1.4 Antes de estudar português, você conhecia algum japonês ou estrangeiro que falasse esse idioma?

Antes de estudar, você conhecia algum japonês ou estrangeiro que fala português?

39 responses

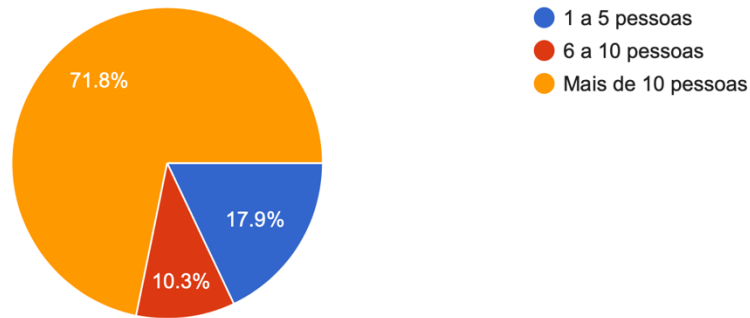


Foram ouvidos depoimentos de estudantes japoneses que conheceram imigrantes ou filhos de imigrantes (geralmente brasileiros) na escola e, através deste contato, ficaram conhecendo o idioma português. Esta pergunta foi feita para saber quantos estudantes conheciam outros japoneses ou estrangeiros que falam português. 10 estudantes (25,6%) disseram que sim, enquanto 29 (74,4%) disseram que não. A partir daqueles depoimentos e deste resultado podemos concluir que a presença de lusófonos no Japão pode ser uma fonte de motivação para o estudo do idioma.

1.5 Excluindo seus professores, quantas pessoas que falam português você conhece hoje?

Excluindo seus professores, quantas pessoas que falam português você conhece?

39 responses

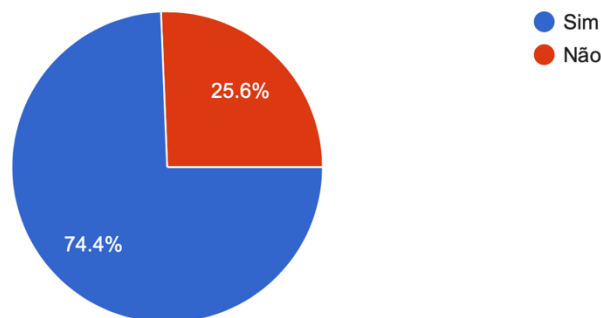


O uso do português fora da sala de aula é um fator importante para a motivação e aperfeiçoamento do aprendizado. O questionário revelou que 17,9% dos entrevistados conhece apenas 1 a 5 pessoas que falam português (excluindo seus professores). 10,3% conhecem entre 6 e 10 pessoas e 71,8% dos estudantes conhece mais de 10 pessoas.

1.6 *Você usa o português fora da sala de aula?*

Você usa o português fora da sala de aula?

39 responses

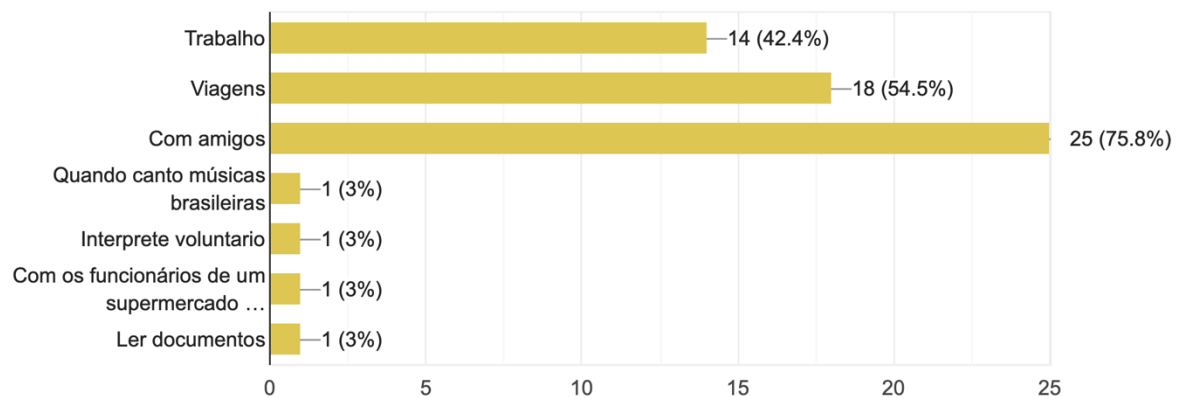


As respostas a esta pergunta foram coerentes com as anteriores: 25,6% não usam o português fora da sala de aula, mas a maioria, 74.4%, fá-lo. Embora esta proporção seja alta, é importante ressaltar que a maioria dos entrevistados para esta pesquisa vive em Tóquio ou arredores, onde há mais oportunidades para usar o português do que em outras partes do país, exceto em regiões industriais com concentrações de brasileiros que trabalham em fábricas.

1.7 Em caso afirmativo, onde você usa o português?

Em caso afirmativo, onde você usa português?

33 respostas

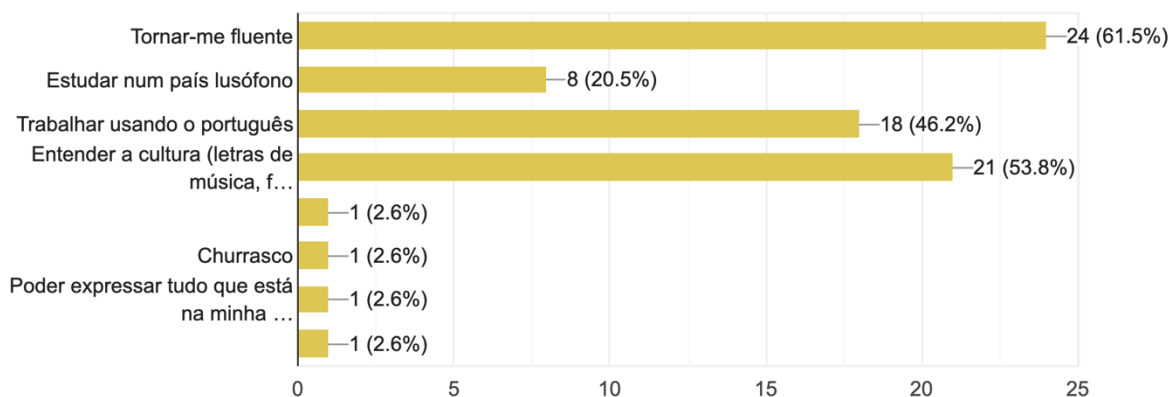


A maioria dos entrevistados (75,8%) disse usar o idioma para conversar com amigos, 54,5% em viagens e 42,4% no trabalho. Um disse que usa o idioma para cantar músicas brasileiras, um trabalha como intérprete voluntário, um fala português com funcionários de um supermercado e um usa o idioma para ler documentos. Aqui também é importante lembrar que esses resultados refletem a realidade de estudantes de português que vivem na capital e arredores.

1.8 Quais são seus objetivos com o aprendizado de português?

Quais são seus objetivos com o aprendizado de português?

39 respostas



Esta é uma pergunta relativamente difícil para estudantes japoneses, devido ao sistema educacional e aos procedimentos para o emprego de formandos, um processo intenso e opressivo que em geral não permite aos jovens muita liberdade para escolherem onde vão trabalhar. Há vários estudos sobre as vantagens e desvantagens deste sistema para a economia do Japão, e o impacto do mesmo sobre o ensino e o aprendizado de idiomas estrangeiros no país. (Honma & Takeshita, 2005; McVeigh, 2004; Shibata, 2019; Various, 2003) As respostas a esta pergunta foram surpreendentes em sua variedade, em comparação a estudos similares feitos com estudantes de inglês. Uma possível explicação para essa diferença é a obrigatoriedade da inclusão do inglês nos currículos de escolas e universidades japonesas. Como o português não é uma língua obrigatória no Japão, uma proporção mais alta dos estudantes tem um interesse genuíno pelo idioma. Dos entrevistados, 61,5% querem apenas “tornar-se fluentes”, 53,8% querem “entender a cultura”, 46,2% gostariam de “trabalhar com o idioma” e 20,5% “estudar num país lusófono”. Outras respostas incluíram “churrasco” (?), “poder expressar tudo o que está na minha cabeça em português”, “obter informações necessárias para o trabalho” e “tornar-me um intérprete comunitário”.

Em síntese, podemos concluir que há diversos fatores de motivação entre os jovens japoneses, e que eles são bem mais variados e interessantes do que os fatores que os incentivam a estudar o inglês, de acordo com vários autores

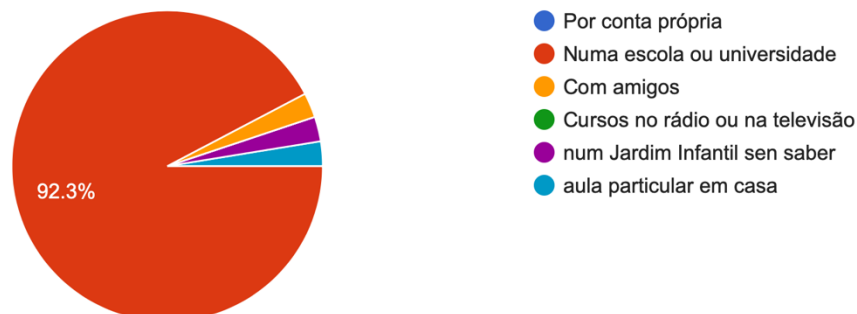
(Fenton-Smith & Gurney, 2016; Masashi, 2012; McVeigh, 2004). Nota-se um interesse relativamente alto pela cultura dos países lusófonos, incluindo menções à história e à literatura, e uma maior conscientização dos estudantes de português sobre as condições socioeconômicas desses países, incluindo a intenção de trabalhar com desenvolvimento em agências do governo, como a JICA – a Agência Internacional de Cooperação do Japão, que emprega vários estudantes de português para trabalhar em projetos de desenvolvimento em países como Angola, Moçambique e Brasil, entre outros. Também pôde-se comprovar que, apesar dos problemas sociais, e às vezes por causa deles, a presença de imigrantes brasileiros no Japão também é motivação para o estudo de português.

2. Condições e Oportunidades de Estudo no Japão

2.1 Como você começou a estudar português?

Como você começou a estudar português?

39 responses

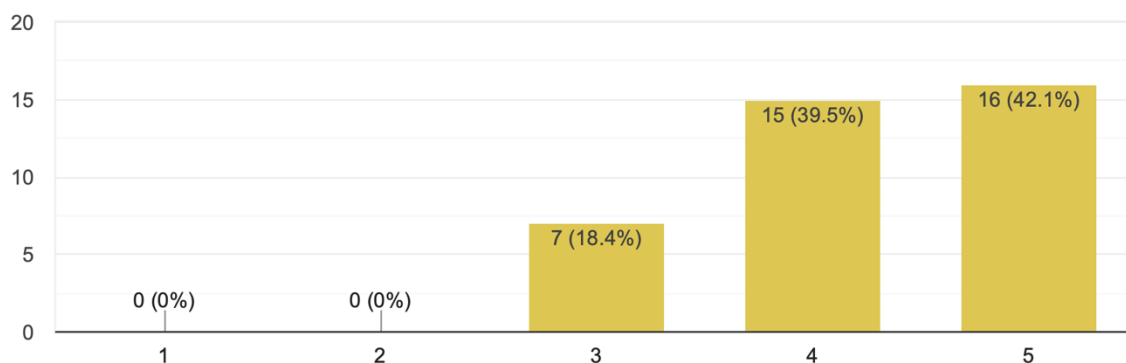


Com exceção de três alunos, 92,3% dos respondentes começaram a estudar português somente ao ingressar em uma universidade. Dos três que começaram antes, um estava no Brasil na época do pré-primário (filho de diplomata), um aprendeu com amigos e o terceiro teve aulas particulares em casa. Este começo tardio explica em parte os baixos resultados acadêmicos (como veremos nesse estudo), e o despreparo linguístico de estudantes de português nas universidades do Japão.

2.2 O que você achou do(s) curso(s) que escolheu?

O que você achou do(s) curso(s) que escolheu?

38 respostas



Apenas sete estudantes classificaram como “médio” o curso ou cursos que fizeram. Mais de 80% disseram achá-los bons ou excelentes. Esta resposta não coincide com a opinião dos professores sobre esses mesmos cursos, como veremos a seguir, e revela uma falta de parâmetros para comparação, ou de capacidade de avaliação crítica dos estudantes. No entanto, esta avaliação positiva contrasta com as críticas feitas na resposta à próxima pergunta.

2.3 O que poderia ter sido melhor?

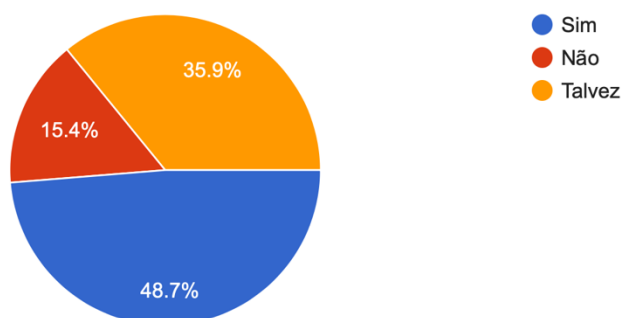
Sete alunos disseram que poderia haver “mais comunicação”, três disseram que deveria haver “mais aulas” e outros três reclamaram do “ensino em japonês”⁸. As outras “reclamações” mencionadas uma ou duas vezes cada foram: “muito difícil”, “não havia grupos de estudo fora das aulas”, “atmosfera ruim”, “poucas atividades de compreensão auditiva, leitura e escrita”, “poucos níveis”, “baixa motivação dos estudantes”, “poucas aulas sobre cultura brasileira ou portuguesa” e “maus professores”.

⁸ É comum professores japoneses de idiomas estrangeiros ensinarem quase que exclusivamente em japonês, o que ajuda a explicar a falta de atividades de comunicação e o baixo nível de fluência dos estudantes universitários japoneses. (Op. Cit.)

2.4 Há cursos disponíveis para seu nível, caso decida continuar estudando?

Há cursos disponíveis para seu nível, caso você decida continuar estudando?

39 responses



Quase metade (48,7%) dos entrevistados disseram que há cursos disponíveis em seu nível, 35,9% disseram que “talvez” (ou seja, não sabem), e apenas 15,4% disseram não haver cursos para o seu nível. Este resultado aponta para dois cenários: o primeiro apresenta alunos que estudam português durante anos, chegam a formar-se em universidades respeitadas no Japão, mas ainda se encontram num nível bem baixo de aptidão (geralmente A2 ou B1), e podem basicamente beneficiar-se fazendo cursos em níveis principiante ou intermediário. O outro cenário é aquele onde alunos que conseguem chegar a níveis mais altos não conseguem encontrar cursos avançados de português. Na verdade, mesmo em Tóquio há bem poucas escolas ou instituições que oferecem cursos avançados e, geralmente, não são as universidades.

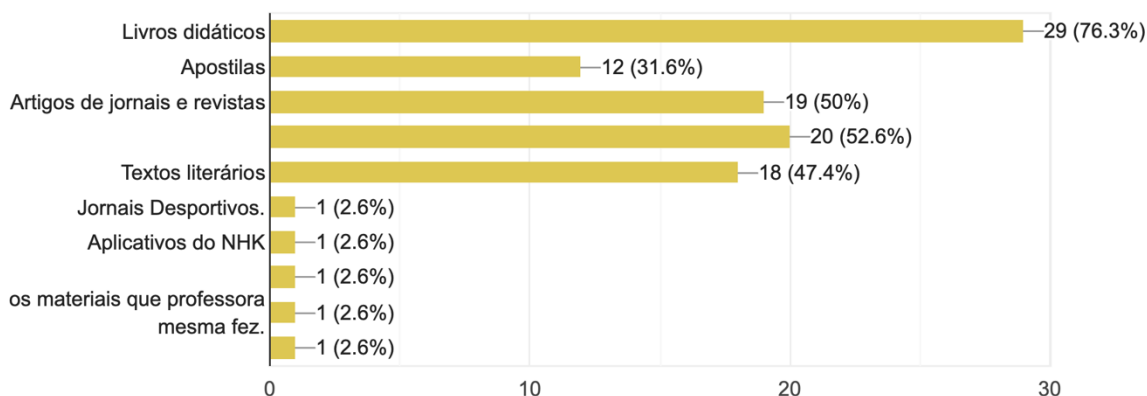
2.5 Que materiais didáticos você usou ou está usando para estudar português?

Uma visita às boas livrarias japonesas, mesmo nas cidades grandes, como Tóquio e Osaka, demonstra que há pouquíssimo material didático disponível para professores e estudantes de português no Japão. Embora haja inúmeras prateleiras com material didático para o ensino de inglês, todos os livros para outros idiomas, incluindo dicionários, geralmente cabem em poucas prateleiras, onde é muito comum não haver um livro sequer de português. Há alguns livros publicados no Japão, que – citando o que disse um professor brasileiro - são uma espécie de “manual sobre o idioma português”, com explicações detalhadas em japonês sobre a gramática e a pronúncia e alguns diálogos em português, mas bem poucos exercícios e quase nenhum texto de

leitura. Com o declínio das livrarias por conta das lojas virtuais, a situação está ficando ainda pior. Professores e alunos precisam muitas vezes comprar seus livros diretamente das editoras no Brasil ou em Portugal, a custos bastante elevados, e muitas vezes os professores chegam a ser proibidos pelas universidades de incluir esses livros em seus currículos, por “causar muitas despesas aos alunos”. A saída encontrada por muitos professores é usar um livro em japonês, e criar seu próprio material didático, na forma de apostilas⁹, ou fotocópias de artigos de jornais ou textos literários, para complementar suas aulas.

Que materiais didáticos você usou ou está usando para estudar português?

38 respostas



livros didáticos:	76,3%
vídeos (filmes, noticiários e programas de televisão):	52,6%
artigos de jornais e revistas:	50%
textos literários:	47,4%
apostilas	31,6%

E, mencionados uma vez cada: jornais desportivos; aplicativos da NHK (emissora pública japonesa que têm uma programação em português); materiais criados pelos professores; conversas com brasileiros (?); e, mensagens em português no Twitter (uma rede social da internet).

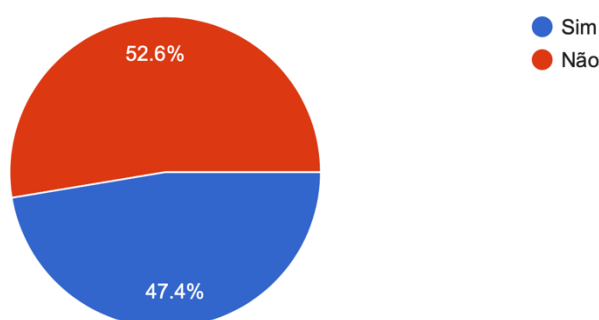
⁹ Palavra utilizada por professores brasileiros para descrever páginas de exercícios, leitura e outras atividades, geralmente elaboradas pelos próprios professores, para uso em sala de aula ou como tarefa de casa.

Somente quatro estudantes sabiam o que era o QEER, por terem feito intercâmbio em Portugal. Os outros nunca tinham ouvido falar. Muitos livros didáticos do Brasil ainda não incluem as diretrizes do QEER.

2.6 Você sempre conseguiu encontrar material didático com facilidade?

Você sempre conseguiu achar material didático com facilidade?

38 responses

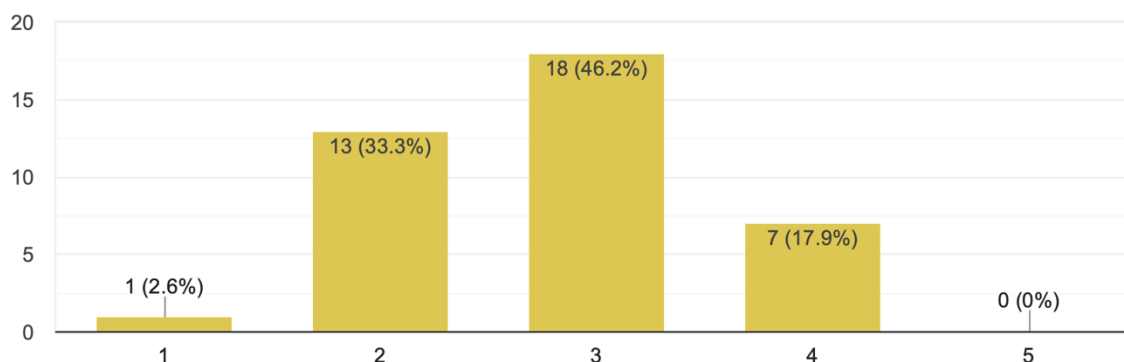


Uma ligeira maioria dos estudantes (52,6%) respondeu que “sim”, enquanto 42,4% dos estudantes responderam que não. Este resultado mostra que o encargo de encontrar o material didático fica geralmente por conta dos professores, e que nem todos alunos procuram comprar livros além dos prescritos para os cursos, que geralmente estão disponíveis nas próprias universidades ou escola onde estudam.

2.7 O que acha da qualidade do material didático disponível no Japão?

O que acha da qualidade do material didático disponível no Japão?

39 responses

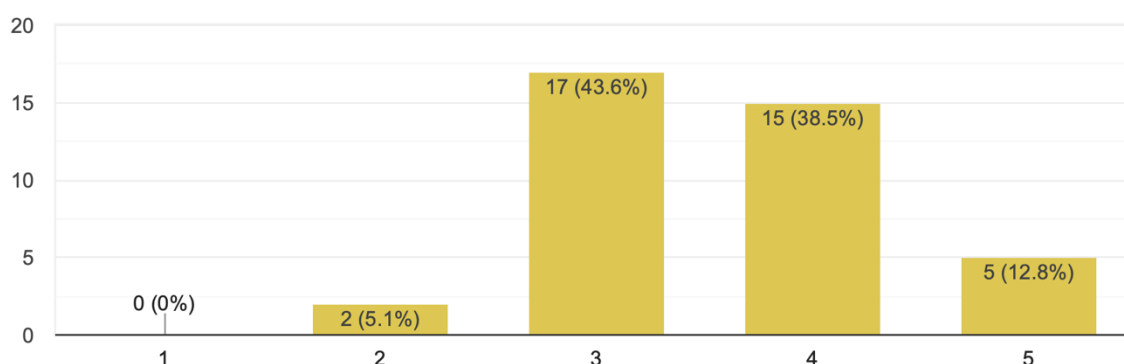


Como mencionado anteriormente, os japoneses são muito cautelosos em suas críticas, mas, graças talvez ao caráter anônimo do questionário, um aluno (2,6%) respondeu 1 (numa escala de 1 a 5, de “péssimo” a “excelente”). Interessante notar que nenhum aluno escolheu 5 (“excelente”). De fato, em comparação com o material disponível no Japão para o estudo de inglês e de outros idiomas europeus, é compreensível que nenhum aluno considere os materiais que conhece “excelentes”. Dos outros alunos, treze (33,3%) escolheram a opção 2, dezoito (46,2%, a maioria) escolheu 3, e sete estudantes (17,9%) escolheu 4.

2.8 O que acha do preço do material didático disponível no Japão?

O que acha do preço do material didático disponível no Japão?

39 respostas

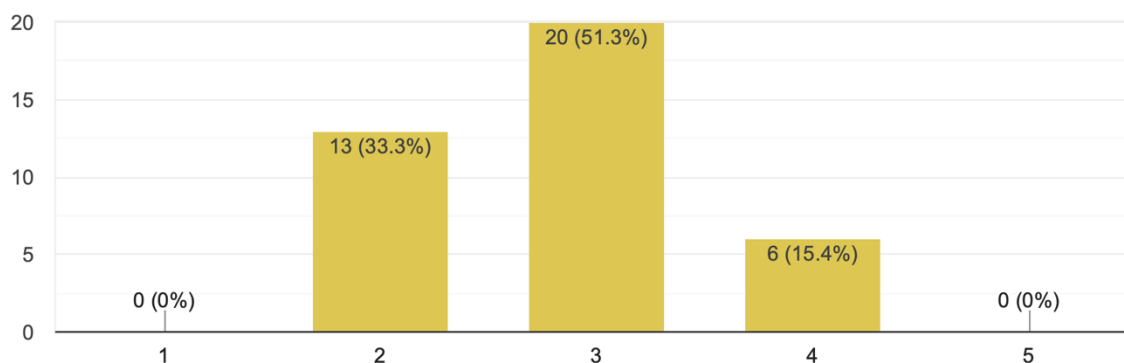


Nenhum estudante considera o material didático para o ensino de português disponível no Japão “baratíssimo”, ao passo que cinco (12,8) o consideram “caríssimo”. Mais uma vez a maioria ficou com “regular”: dezessete alunos (43,6%). Dois escolheram “barato” (5,1%) e 15 escolheram “caro” (38,5%).

2.9 O que acha da apresentação do material didático disponível no Japão.

O que acha da apresentação do material didático disponível no Japão?

39 respostas



Numa escala de 1 a 5, de “pouco interessante” a “bem interessante”, essas foram as respostas: nenhum estudante disse que o material é “pouco interessante” ou “bem interessante”, e portanto notamos mais uma vez a tendência dos japoneses de serem cautelosos ao expressar suas opiniões, com treze estudantes (33,3%), optando pela opção 2, vinte estudantes (51,3%, a maioria) pela opção 3, e seis estudantes (15,4%) pela opção 4.

Estas respostas levam à uma questão que não foi abordada em detalhe neste estudo, e diz respeito à adequação do material didático para a sociedade japonesa. Recentemente, vemos um número crescente de materiais didáticos em inglês escritos e publicados no Japão que têm um conteúdo mais específico para os estudantes japoneses, evitando, por exemplo, temas que são considerados tabu na sala de aula do Japão (mesmo nas universidades!), como relações afetivas, questões sobre diferenças sociais e diversidade. Muitas vezes, principalmente em classes mais avançadas, o foco do ensino passa do plano linguístico para questões socioculturais, que ao mesmo tempo fascinam e assustam os estudantes, já que, em toda a sua experiência educacional no Japão esses temas são pouco abordados ou até mesmo deliberadamente evitados pelos professores. É neste âmbito que se encontra, talvez, o maior desafio dos professores estrangeiros que trabalham no Japão, já que o ensino de idiomas esbarra, necessariamente, no questionamento dos valores e princípios da sociedade japonesa. O estudo sugere que um dos maiores desafios para o ensino de português no Japão no século XXI está na criação de novos materiais didáticos que, ao mesmo tempo, motivem os estudantes a

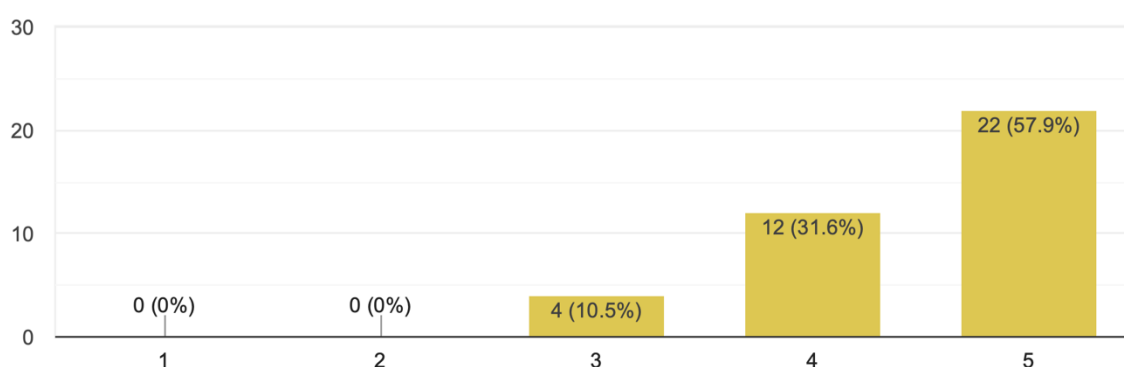
aprenderem o idioma e apresentem, de uma forma equilibrada, as diferenças socioculturais entre o Japão e o Ocidente e, mais especificamente, o universo lusófono.

3. Professores de Português no Japão

3.1 Como descreveria seu(s)/sua(s) professor(es)/professora(s) de português?

Como você descreveria seu(s)/sua(s) professor(es)/professora(as) de português?

38 respostas



Apesar de serem relativamente críticos ao material didático, os estudantes foram bem positivos ao avaliar seus professores. Numa escala de 1 a 5, de “péssimo” a “excelente”, todas as respostas concentraram-se nas respostas 3, 4 e 5, com a maioria dos estudantes (vinte e dois, ou 57,9%), descrevendo seus professores com a opção 5 (excelente). Dos restantes, apenas quatro escolheram a resposta 3 (10,5%) e doze escolheram a opção 4 (31,6%). As respostas mostram que, em geral, os estudantes estão satisfeitos com o nível dos docentes.

3.2 O que você acha que poderia ter sido melhor?

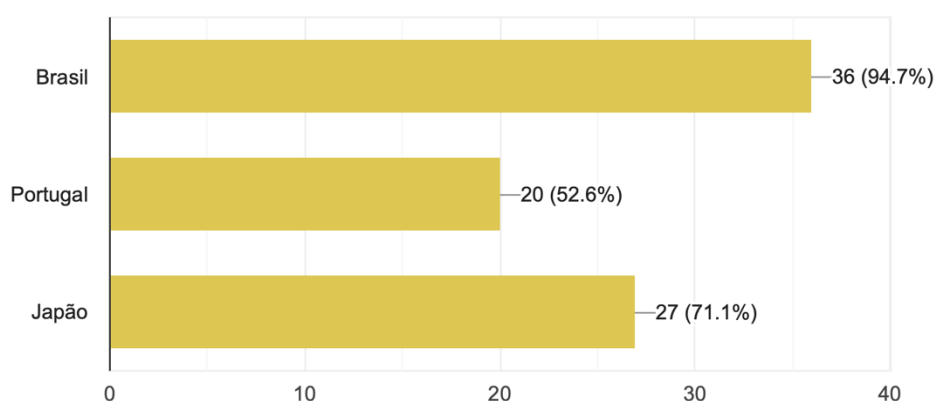
Como foi mencionado anteriormente, os japoneses são conhecidos por serem extremamente cautelosos em suas críticas, uma das razões pelas quais o questionário foi feito de forma anônima e confidencial. Contrariando esta imagem, os participantes foram bastante diretos e honestos ao responder a esta pergunta sobre como os professores poderiam melhorar. A principal crítica foi a falta de oportunidades para

conversação em classe, comentário feito por 6 dos 29 estudantes. Três estudantes disseram que gostariam de ter mais variedade de nacionalidades. Dois criticaram a falta de conhecimento didático e teórico sobre o ensino de português de alguns professores. Outras críticas, mencionadas apenas uma vez cada, foram um pouco contraditórias: poucas explicações em japonês, poucas correções dos erros dos alunos, muitos alunos nas classes (o que não depende dos professores), dificuldade em motivar os alunos, pouca lição de casa e pouca paciência. Três alunos disseram que não havia nada a ser melhorado e dois disseram que se tornaram amigos dos professores, o que traz à tona a questão do impacto social do ensino do português no Japão, que será abordada em detalhe num outro capítulo desta dissertação.

3.3 De onde é (são) seu(s) professor(es/as)?

De onde é (são) seu(s) professor(es)?

38 respostas



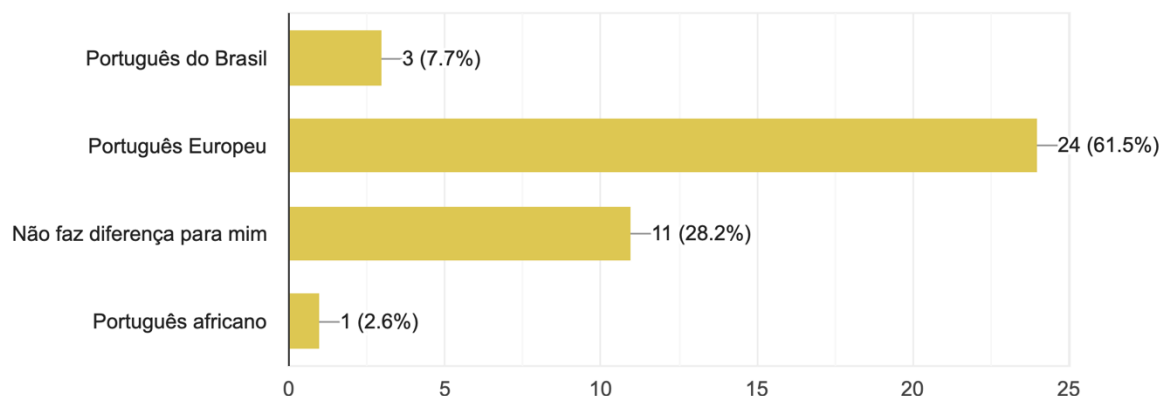
Com respostas que podiam incluir mais de uma nacionalidade, as respostas foram:

- 96,7%: têm ou tiveram professores do Brasil
- 52,6% têm ou tiveram professores de Portugal
- 71,1% têm ou tiveram professores japoneses.

3.4 Qual versão do português é a mais difícil para você?

Qual versão do português é a mais difícil para você?

39 respostas



Três participantes (7,7%) acham o português do Brasil mais difícil, 24 (61,5%) têm mais dificuldade com o português europeu, 11 estudantes (28,8%) disseram que não faz diferença e 1 aluno disse ter dificuldade com o português de países africanos.

3.5 Já fez intercâmbio?

Sim: 23 estudantes

Não: 16 estudantes

3.6 (Para os que fizeram intercâmbio) Que diferenças notou entre os professores?

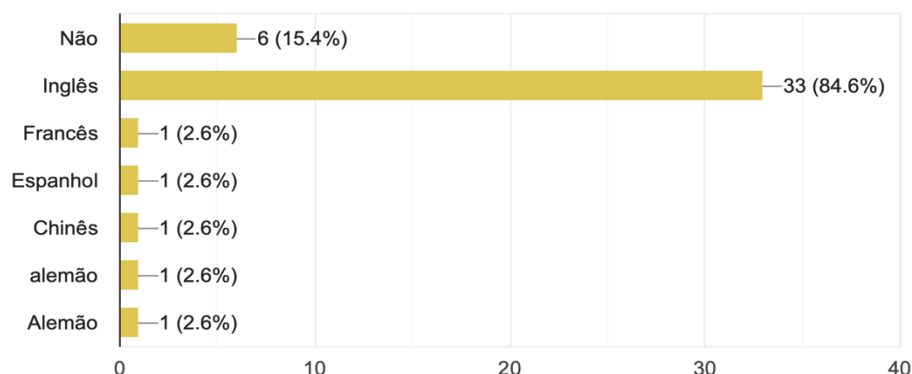
3 alunos disseram que não há diferenças entre os professores, apenas nas circunstâncias. Todos os outros citaram algumas diferenças. Segundo eles, no exterior: há mais incentivo à conversação, diferenças de pronúncia e de gramática, professores falam mais alto e mais rapidamente, aulas são mais dinâmicas, apresentam mais vocabulário, incluem mais exercícios de escrita e com mais rigor, professores no Brasil e em Portugal são mais abertos e mais próximos dos alunos, usam mais teoria e tem maior conhecimento da cultura dos países lusófonos. Os professores no Japão desenvolvem uma didática específica para os japoneses e dão mais ênfase à gramática e aos detalhes.

5. Experiências Individuais

4.1 Antes de estudar português você tinha estudado outro idioma?

Antes de estudar português você tinha estudado outro idioma?

39 responses

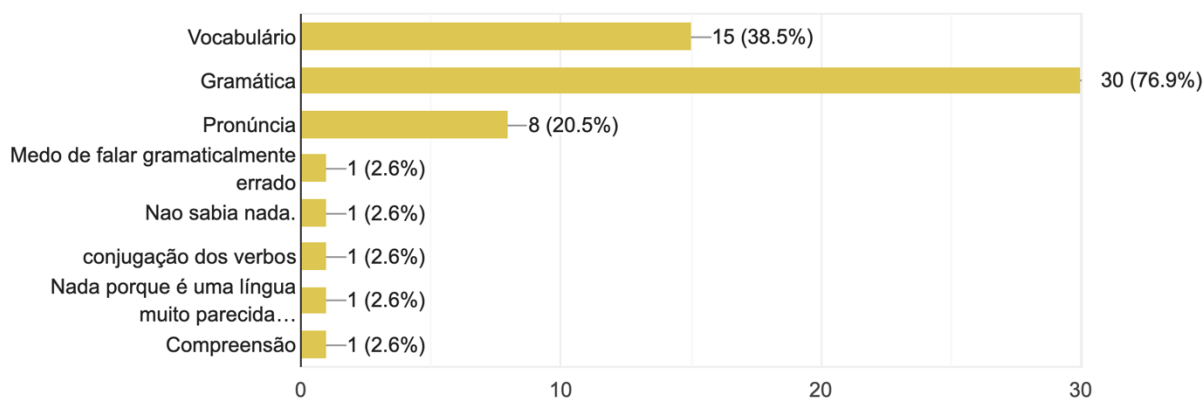


Seis estudantes responderam “não” a essa pergunta, o que indica que eles teriam começado sua educação básica num país lusófono. A grande maioria, 33 estudantes (84,6%) estudou inglês, já que o idioma é matéria obrigatória nas escolas japonesas, desde o ensino básico. Dois estudantes haviam estudado alemão. Outros idiomas mencionados por apenas um aluno cada foram o francês, o espanhol e o chinês.

4.2 Quais foram as principais dificuldades que encontrou ao começar a estudar o português? (assinale todas as opções relevantes)

Quais foram as principais dificuldades que encontrou ao começar estudar o português? (assinale todas as opções relevantes)

39 responses



As três principais dificuldades mencionadas foram a gramática (76,9%), o vocabulário (38,5%) e a pronúncia (20,5%). Outras dificuldades citadas por apenas um estudante cada foram: “medo de falar gramaticalmente errado”, “não sabia nada”, “conjugação dos verbos” e “compreensão”. Um estudante, presumivelmente hispanófono, respondeu: “nada, porque é uma língua muito parecida com o espanhol”. Todas as respostas são coerentes com os outros resultados desta pesquisa, com exceção desta última resposta, já que estudantes que estudam espanhol e português costumam dizer que a pronúncia do espanhol (por ser mais fonética), é mais fácil do que a do português.

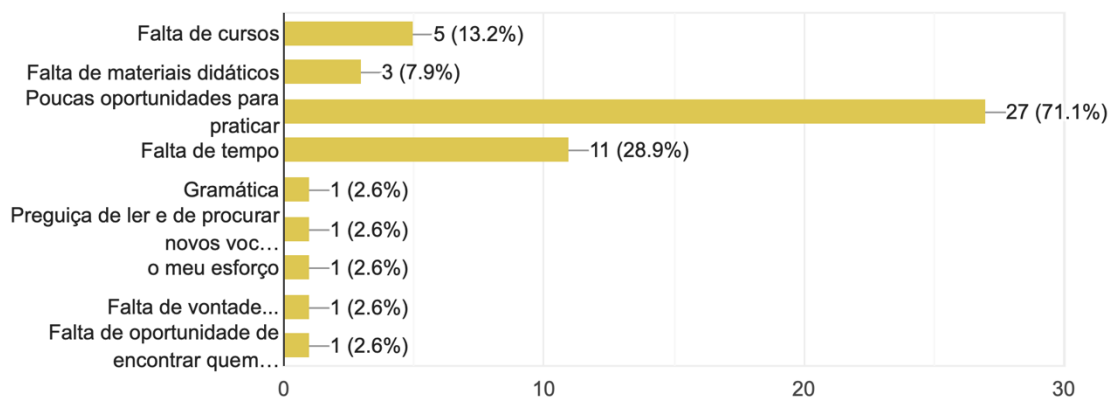
4.3 Que aspetos são divertidos para você ao estudar português.

O objetivo desta pergunta foi identificar diferenças e similaridades entre os estudantes de português e de inglês nos aspetos relacionados à motivação e à percepção do idioma pelos estudantes japoneses. Quase um terço dos participantes citou conversas e contatos com lusófonos como algo divertido. Outras respostas foram: ler, viajar, canções brasileiras, novos conceitos, assistir a filmes ou a programas de televisão, entender piadas e gírias, cultura, gramática (!), pronúncia, filologia e poesia. O estudante que morou no Brasil disse que foi divertido “lembrar a infância”. Um citou ser divertido fazer parte de uma minoria de japoneses que falam o idioma e um outro, mais entusiasmado, respondeu com uma palavra: “tudo”. Embora muitos dos itens mencionados acima sejam parecidos ou iguais a aspetos que motivam estudantes de inglês a falar o idioma (entender a cultura, fazer amigos, viajar, etc.), a reação a esta pergunta foi predominantemente positiva, e demonstrou um nível mais alto de motivação e entusiasmo entre estudantes de português.

4.4 Quais são os maiores obstáculos, em sua opinião, para melhorar seu português?

Quais são os maiores obstáculos, em sua opinião, para melhorar seu português?

38 responses

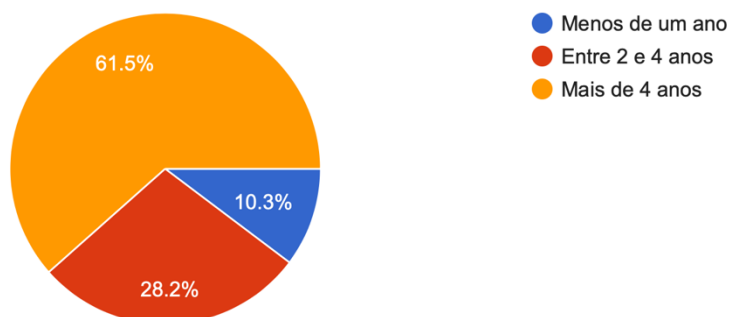


Os principais obstáculos ao aperfeiçoamento do idioma citados pelos participantes foram: falta de oportunidade para praticar (71,1%), falta de tempo (28,9%), falta de cursos (13,2%) e falta de materiais didáticos (7,9%). Outros obstáculos mencionados foram: gramática, preguiça de estudar, pouco esforço pessoal e falta de vontade. Estes resultados serão discutidos mais detalhadamente no capítulo sobre os obstáculos para o ensino e aprendizado de português no Japão.

4.5 Há quanto tempo estuda/estudou português?

Há quanto tempo você estuda/estudou português?

39 responses



Mais de quatro anos: 61,5% - Entre dois e quatro anos: 28,2% - Menos de um ano: 10,3% dos entrevistados.

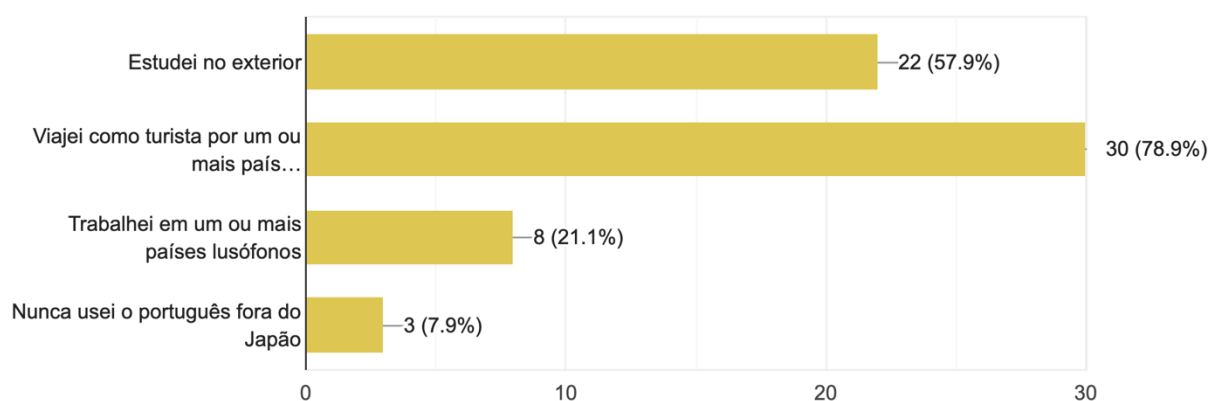
4.6 Qual foi a qualificação mais alta obtida no estudo de português?

Apenas 23 (menos de dois terços) dos participantes responderam a esta pergunta e, destes, 13 ainda não obtiveram nenhum tipo de qualificação, 3 têm o certificado de guia e intérprete do governo japonês, 3 têm bacharelado em português e dois têm o CELPE-Bras. Ou seja, apenas cerca de 20% dos entrevistados têm algum tipo de qualificação. Levando-se em consideração que um bacharelado em português obtido em uma universidade japonesa não representa, necessariamente, proficiência no idioma, podemos afirmar que os resultados acadêmicos do estudo de português no Japão são relativamente baixos.

4.7 Você já teve alguma oportunidade de usar o português fora do Japão? (assinale todas as opções relevantes)

Você teve alguma oportunidade de usar o português fora do Japão? (assinale todas as opções relevantes)

38 respostas



Embora a proporção de estudantes de português que fazem intercâmbio seja baixa em comparação com os estudantes de inglês, podemos afirmar que muitos estudantes japoneses de português têm condições, oportunidades e disposição para viajar. Dos entrevistados, apenas 3 estudantes (7,9%) nunca usaram português fora do Japão. 21,1% já trabalharam, 57,9% já estudaram e 78,9% já viajaram como turistas num país lusófono.

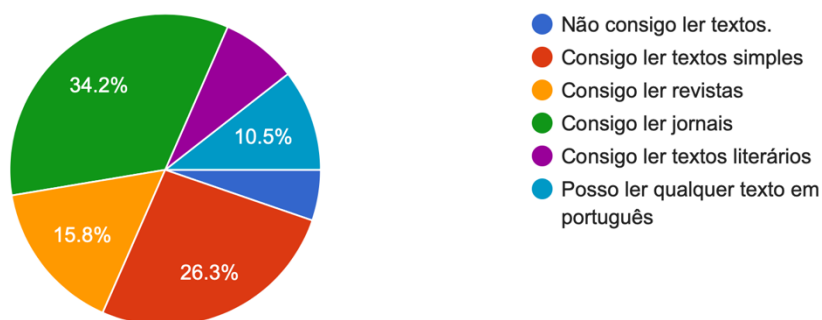
4.8 Caso tenha usado o português fora do Japão, por favor, descreva brevemente sua experiência.

A maior parte dos participantes que usou o idioma fora do Japão fizeram-no como turistas no Brasil ou em Portugal (15 pessoas). O segundo maior grupo, com 12 participantes, é composto por aqueles que estiveram num país lusófono a estudar ou a fazer pesquisas, incluindo um que esteve no Timor-Leste. Seis respondentes trabalharam em embaixadas, consulados ou outros órgãos do governo japonês. Quatro nasceram ou viveram por mais de um ano no Brasil ou em Portugal. Dois participaram em conferências ou congressos, dois fizeram trabalhos voluntários (incluindo em uma favela), dois viajaram a trabalho e uma usou o português com seu namorado brasileiro. Embora os resultados acadêmicos dos estudantes que participaram desta pesquisa não sejam excepcionais, observamos que o estudo de português proporcionou e continua proporcionando a muitos deles experiências profissionais ou pessoais bastante significativas e variadas.

4.9 Qual é seu nível de leitura em português?

Qual é seu nível de leitura em português?

38 responses



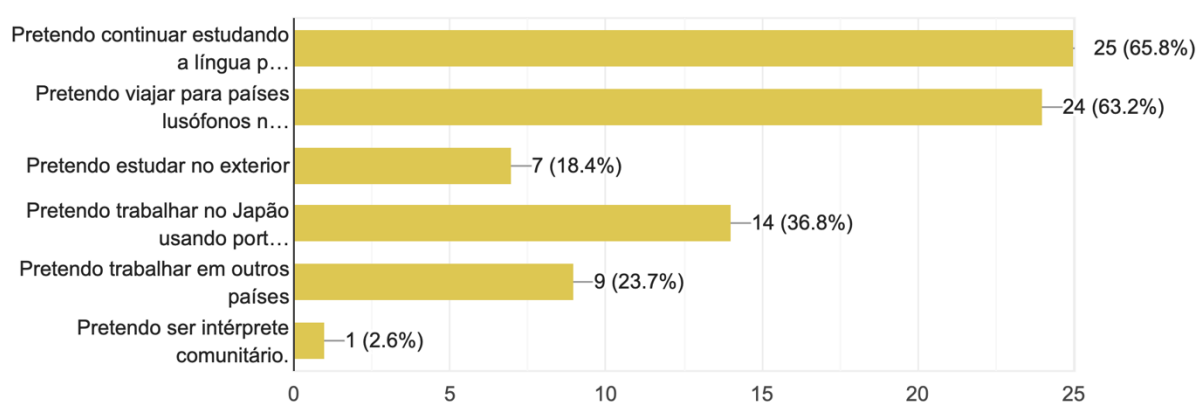
A leitura e a escrita em idiomas europeus são, sem dúvida, os maiores obstáculos para estudantes japoneses. As respostas a esta pergunta são mais uma evidência disso: dos 38 alunos que responderam, apenas 3 (7,9%) disseram conseguir ler textos literários, 4 (10,5%) disseram que podem ler qualquer texto, e 2 (5,3%) confessam que não conseguem ler nenhum texto em português. Dos restantes, 13 (34,2%) podem ler artigos

de jornais, 10 (26,3%) podem ler textos simples e 6 (15,8%) conseguem ler revistas. Estes resultados não surpreendem, já que o ensino de literatura está ausente dos cursos de português das principais universidades e, quando existe, muitas vezes é ministrado em japonês, por professores japoneses, sem que os alunos precisem ler mais do que alguns trechos ou, no máximo, crônicas no idioma-alvo. Em entrevistas feitas pelo autor nos últimos três anos em classes do quarto ano de uma famosa universidade de Tóquio, menos de 10% conhecia um nome de autores da língua portuguesa, e destes, quase nenhum leu algum livro desses autores em português. A dificuldade da leitura é um obstáculo imenso para a implementação de diretrizes do QECR no Japão.

4.10 Perspectivas futuras (assinale todas as opções relevantes)

Perspectivas futuras (assinale todas as opções relevantes)

38 responses



Dos 38 participantes, 25 (65,8%) disseram que pretendem continuar estudando português, 24 (63,2%) pretendem viajar a países lusófonos, 14 (36,8%) querem encontrar um trabalho onde possam usar o português, nove (23,7%) gostariam de trabalhar no exterior, sete (18,4%) querem estudar no exterior e um (2,6%) quer tornar-se um intérprete comunitário no Japão.

5. Comentários e conclusões sobre o questionário dos estudantes

Além das respostas documentadas neste questionário, merecem ser mencionados também alguns comentários e depoimentos feitos por japoneses que estudam atualmente ou já estudaram português e quiseram contribuir para esta pesquisa. Um estudante escreveu as seguintes palavras, que ecoam o sentimento de vários outros entrevistados:

“No estudo na universidade no Japão, não conseguimos aperfeiçoar o nosso português. Por isso são necessárias mais oportunidades de “encontrar português”. Não temos a oportunidade de comunicação oral, ou seja, o nosso português não é prático.”

De fato, como no ensino de outros idiomas, o ensino de português, principalmente pelos professores japoneses, é feito de forma muito teórica, em japonês, e com uma metodologia composta basicamente de traduções de sentenças e explicações sobre gramática. A principal referência e o treinamento dos professores de idiomas estrangeiros no Japão está vinculado ao ensino de inglês voltado para os exames de admissão das universidades japonesas, com muita ênfase na memorização de regras de gramática e vocabulário desconectados de seu contexto, e quase nenhuma ênfase no ensino do idioma como uma língua viva utilizada para comunicação. Há inúmeros exemplos dessa “didática” dos professores portugueses nos relatos de professores de EFL contidas no livro “I Wouldn’t Want Anybody to Know” (Various, 2003). No ensino de português esta atitude infelizmente repete-se, apesar do ensino do nosso idioma no Japão estar desvinculado dos exames de admissão mencionados acima. Esta percepção do ensino do idioma como palestras em japonês sobre o idioma, e quase sem prática oral é uma receita infalível para desmotivar os estudantes.

Vários outros estudantes mencionaram o sistema de recrutamento como causa da falta de motivação. Durante o terceiro ano da universidade (e às vezes, extraoficialmente, até mesmo durante o segundo ano, principalmente em universidades de prestígio), os estudantes têm permissão das próprias universidades para faltar às aulas para participar de seminários e entrevistas oferecidos por agências de emprego ou pelas grandes corporações do Japão. Alguns recebem oferta de emprego antes de terminarem o terceiro ano e, geralmente, esses empregos têm pouco ou nada a ver com o curso que eles estão fazendo na universidade.¹⁰ Naturalmente,

¹⁰ Com exceção de cursos técnicos ou universitários voltados especificamente à profissão, como Medicina, Engenharia, Enfermagem, etc., os cursos das universidades japonesas, principalmente na área de Humanidades, não são vocacionais, ou seja, não estão diretamente ligados ao trabalho que o estudante fará

nesses casos, a motivação para o estudo durante o quarto ano é muito baixa. Em raros casos, durante esses seminários e entrevistas, um estudante de português recebe uma oferta de emprego ligada ao idioma, como posições nas embaixadas e consulados de países lusófonos, empresas de comércio exterior ou agências de desenvolvimento do governo japonês, como a JICA, a Agência de Cooperação Internacional do Japão, que realiza inúmeros projetos de desenvolvimento de infraestrutura em países lusófonos, principalmente Brasil, Angola e Moçambique. Alguns formandos encontram também empregos que não envolvem um conhecimento aprofundado do idioma, como um que hoje é motorista da embaixada do Brasil em Tóquio e este outro, que é vendedor de automóveis e escreveu o seguinte relato (sem correções):

“Trabalhando numa empresa de carros. Morei em Fukui (província da região central do Japão) até abriu. Em Fukui, muitos brasileiros moram. Vendi muitos carros falando só português. Depois da formatura da (nome da universidade omitido), uso português embora moro no Japão. Há muitas oportunidades aprender português em Japão.”

Os estudantes que participam de programas de intercâmbio em países lusófonos melhoram suas habilidades linguísticas e expandem seus horizontes, mas a maioria enfrenta grandes dificuldades para se adaptarem às diferenças culturais encontradas nesses países. Embora a maioria desses estudantes descreva a experiência como algo positivo, alguns mencionaram incidentes de discriminação, racismo e mesmo furtos. Alguns estudantes não encontram oportunidades para continuar falando português, e acabam por perder a fluência e a autoconfiança conquistadas durante o intercâmbio. Para outros, o contato com outra cultura nem sempre é positivo. Uma estudante que ficou seis meses no Brasil disse:

“Percebi que o Japão é um país muito fechado e tive dificuldades para me readaptar ao voltar ao meu país. Sinto falta das experiências que tive e das amizades que fiz no Brasil, mas ao mesmo tempo sei que elas terão pouca ou nenhuma utilidade na minha vida profissional e no meu futuro no Japão.”

após sua graduação. O treinamento vocacional normalmente tem início na empresa, e não têm nenhuma relação com a formação universitária dos caloiros.

A análise das respostas do questionário e das entrevistas aponta para as seguintes conclusões parciais sobre os estudantes de português no Japão:

- Muitos estudantes tiveram pouco ou nenhum contato com o idioma português antes de começarem a estudar numa universidade.
- A maioria dos estudantes de português no Japão associa o idioma ao Brasil;
- O estudo de português leva muitos japoneses a criar vínculos com países lusófonos;
- O estudo de português no Japão potencialmente aumenta a qualidade de vida e as oportunidades de empregos dos estudantes japoneses, como podemos constatar nos depoimentos dos estudantes sobre suas experiências dentro e fora do Japão e na contratação de alguns em trabalhos onde podem utilizar o idioma;
- A maioria dos estudantes de português no Japão não estuda de acordo com as diretrizes da QECR;
- Em termos mundiais, o nível acadêmico dos estudantes universitários de português no Japão é baixo e não os prepara para o estudo da língua em universidades de países lusófonos;
- O material didático disponível para estudantes de português no Japão é caro e limitado;
- Há discrepância de sotaques, metodologias e abordagem entre os professores de países lusófonos e professores japoneses; e
- Apesar das dificuldades e obstáculos, os estudantes de português no Japão apresentam níveis altos de motivação e satisfação.

Professores de Português no Japão

Mais de 30 professores que ensinam ou ensinaram em universidades, escolas internacionais, associações, escolas de idiomas e alunos particulares no Japão, com tempo de experiência que varia desde alguns meses há mais de 20 anos, em níveis que vão do básico ao doutorado, participaram, direta ou indiretamente (através de comentários estritamente confidenciais por aqueles que se recusaram a responder o questionário), desta investigação. Infelizmente, apenas 16 concordaram em preencher o questionário. Apesar das entrevistas e do questionário terem sido feitos anonimamente e respeitando a privacidade dos professores, alguns não quiseram participar, por questões de insegurança empregatícia ou por hesitarem em revelar algumas

práticas do seu local de trabalho. Outros não tiveram permissão de seus departamentos para responder às perguntas. Questões de hierarquia e de lealdade são muito importantes na sociedade japonesa e, como resultado, nem sempre há transparência no processo de elaboração de cursos e diretrizes das universidades, assim como no processo de recrutamento de professores, uma realidade extensivamente documentada, como neste trecho do livro “Cartels of the Mind. Japan’s Closed Intellectual Shop”, by Ivan Hall:

*“Japanese universities do not have a sorting system based on a period of apprenticeship followed by peer review leading to tenure.”*¹¹ (Zagoria & Hall, 1998) Segundo Hall, posições permanentes são obtidas através de *“some previous connection with the hiring institution or its incumbent staff”*¹² (op.cit). págs. 93-4), o resultado é de se esperar: *“a snugly ingrown Japanese faculty, riddled with personalism and factionalism in the absence of peer pressures to perform, jealously guards its lifetime-security cocoon against outside intrusions”*¹³ (op. cit. pág. 94).

Este sistema, mantido através de segredos e intrigas, gera nepotismo, subornos velados e nomeações que chegam a ser vergonhosas para as próprias instituições, e seu uso não se limita ao mundo acadêmico. Para a surpresa dos estrangeiros que vêm trabalhar no Japão, trata-se de um *modus operandi* que permeia toda a sociedade japonesa, desde as empresas de pequeno porte até os altos escalões do governo. Assim, o Ministério da Educação do Japão não apenas permite que tal conduta seja mantida, como incentiva a preservação de práticas consideradas “tradicionais” pelos japoneses. Mais de uma vez, durante esta investigação, “regras da universidade”, ou “diretrizes do ministério”, foram mencionadas para justificar omissões.

Levando-se em consideração este processo de seleção e promoção dos professores, é compreensível que todos os chefes dos departamentos de português das instituições incluídas nesta investigação sejam japoneses. Quase todos os professores estrangeiros que participaram nas entrevistas e no questionário são empregados temporários, sob contratos renovados (ou não) anualmente ou em períodos de três ou de cinco anos. A situação empregatícia dos

¹¹ (Tradução livre:) “Universidades japonesas não têm um sistema de seleção com base num período de aprendizado seguido por uma revisão de colegas que culmina com uma posição titular.”

¹² ...alguma conexão anterior com a instituição empregadora ou seus funcionários titulares”

¹³ ... um corpo docente japonês aconchegante, infestado de personalismo e ‘faccionismo’ sem a pressão de colegas para mostrar resultados, protege com zelo seu casulo de segurança vitalícia contra intrusões externas.”

professores estrangeiros será descrita com mais detalhe em outro capítulo, mas é importante salientar aqui que, embora tenham relativa liberdade para criar seus currículos, escolher a metodologia, o conteúdo das aulas e o material didático, os professores estrangeiros podem até fazer sugestões, mas têm pouco ou nenhum poder de decisão no planejamento linguístico das universidades.

O estudo revelou que professores japoneses e estrangeiros usam abordagens diferentes no ensino de português, principalmente no que diz respeito à metodologia e à avaliação dos estudantes. Entre os professores estrangeiros, foram observadas também grandes diferenças entre portugueses e brasileiros, e entre brasileiros descendentes de japoneses e os brasileiros que não são descendentes. Para entender essas diferenças no contexto desta investigação, aqui estão algumas características de cada um dos quatro grupos de professores:

1. Professores japoneses

Como no caso de professores de outros idiomas, os professores japoneses de português não têm, necessariamente, qualificações obtidas em universidades de países lusófonos. A maioria se formou numa universidade japonesa e fez algum tipo de intercâmbio num país lusófono. Muitos ensinam quase que exclusivamente em japonês, e baseiam sua metodologia em traduções e explicações sobre gramática, preparando seus estudantes para testes que envolvem memorização de regras e de vocabulário, repetindo o padrão encontrado pelos estudantes em seus testes de admissão para a universidade. Geralmente suas aulas não dão ênfase a atividades orais ou comunicativas, que são deixadas para os professores nativos. A presença de estudantes fluentes em português, como imigrantes ou filhos de imigrantes, é vista por muitos professores japoneses como um obstáculo, e no caso de uma universidade incluída nesta pesquisa, estes estudantes chegam a ser proibidos de cursar português.

2. Professores portugueses

A principal diferença entre os professores de Portugal e os professores de outros países é um maior conhecimento das diretrizes e materiais didáticos ligados ao Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas e um contato maior entre esses professores e o universo acadêmico da Europa. Esses professores geralmente têm formação específica para a profissão que exercem, e vieram ao Japão para ensinar.

3. Professores brasileiros sem ascendência japonesa

O fator mais significativo neste grupo é a diversidade. Foram entrevistados professores de várias partes do país, e com formações e experiências diversas. Muitos têm algum tipo de formação ou experiência ligado ao ensino de idiomas (incluindo outros idiomas, como o inglês e o alemão), mas alguns entraram na profissão por acaso, empregados por serem nativos do idioma, mas sem serem necessariamente formados nesta área. Foram entrevistados professores de história, bolsistas em cursos de pós-graduação (não necessariamente em Letras) e profissionais de outros setores que dão aulas de português para complementar seus rendimentos, entre outros. Professores do Brasil refletem no seu trabalho os sotaques de suas regiões, bem como suas diferenças sociais, culturais e políticas. Poucos professores brasileiros seguem as diretrizes do QECR e muitos nunca tinham sequer ouvido falar dele.

4. Professores brasileiros descendentes de japoneses

Os chamados “*nikkeis*”¹⁴ perfazem a grande maioria dos imigrantes brasileiros no Japão. (Brandão, 2013). Muitos desses brasileiros que, inicialmente, vieram preencher vagas no setor industrial, tornaram-se professores universitários, ou por questão de oportunidades que surgiram com o aumento da demanda para o ensino do idioma no país, ou por conseguirem usar a formação ou a experiência que tinham no setor. Alguns dos professores neste grupo são filhos dos primeiros imigrantes, ou seja, fazem parte da segunda geração, que conseguiu sair das fábricas e estudar numa universidade japonesa. Por terem esta ligação com a cultura japonesa, muitos destes professores têm uma certa vantagem em relação aos professores sem ascendência japonesa, por sua aparência, comportamento e compreensão da cultura local. Por outro lado, alguns são vistos com uma certa desconfiança por parte dos japoneses, por não serem, em sua percepção, nem brasileiros nem japoneses. Muitos têm visto permanente ou nacionalidade japonesa, o que os coloca numa situação mais confortável sob o ponto de vista da contratação pelas universidades japonesas ou da permanência no país.

¹⁴ Palavra japonesa que significa “de origem ou ascendência japonesa”.

Análise das respostas do questionário dos professores

Participaram deste questionário 13 brasileiros, uma portuguesa e duas japonesas, ao todo 9 professoras e 7 professores com as seguintes idades: um na faixa dos 20 anos, cinco na faixa dos 30, quatro na faixa dos 40 e seis na faixa dos 50 anos. Nove dos professores têm bacharelado, cinco têm mestrado e dois têm doutoramentos. Nove dos entrevistados têm formação em Letras, Literatura ou Educação. Dois são formados em História e os outros, estudaram Estudos Globais, Teologia, Arquitetura, Políticas Públicas e Jornalismo. Destes, 11 já tinham ensinado português antes de vir para o Japão e 5 só lecionaram no Japão. Além dos professores que preencheram o questionário, vários outros não quiseram ou não puderam fazê-lo pelas razões descritas acima, mas concordaram em responder, informalmente, às mesmas perguntas, e algumas de suas respostas foram incorporadas nesta análise.

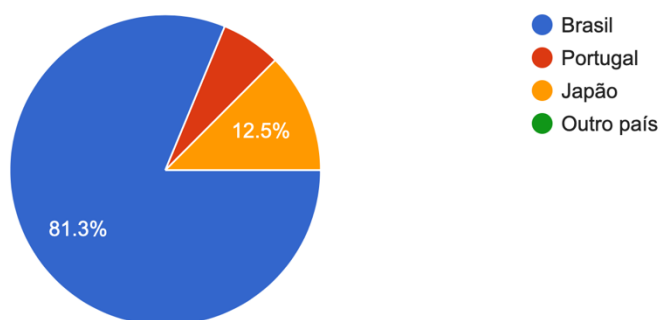
O questionário apresentou 27 perguntas divididas em quatro seções: Informações pessoais e formação (6 perguntas), Ensino de Português no Japão (15 perguntas), Estudantes de Português no Japão (10 perguntas) e Aprendizado de Português no Japão (9 perguntas).

1. Informações Pessoais e Formação

1.1 País de Origem

País de origem

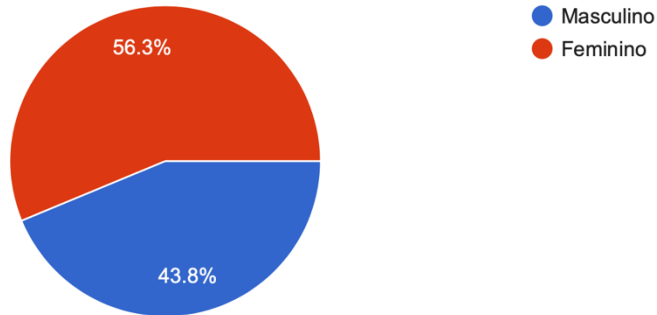
16 responses



1.2 Sexo

Sexo

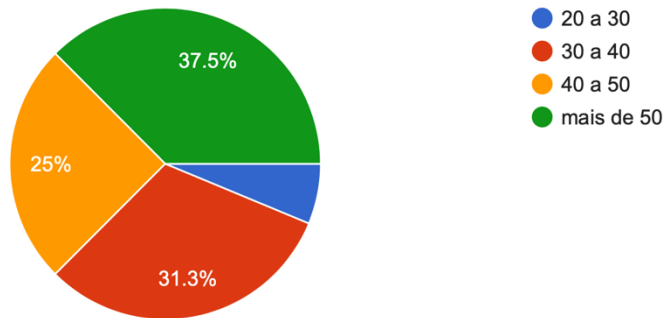
16 responses



1.3 Faixa etária

Faixa etária

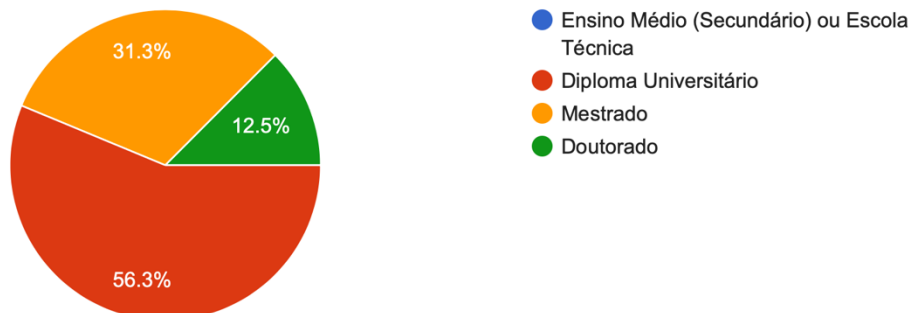
16 responses



1.4 Formação académica

Formação (assinale o nível mais alto obtido)

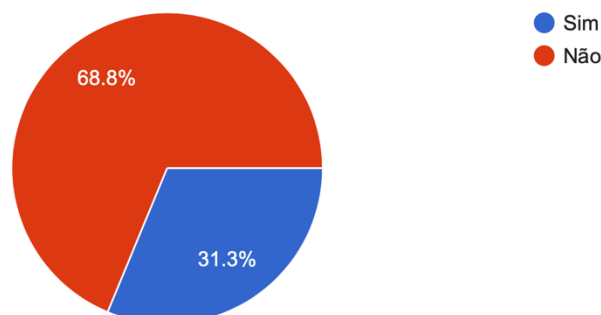
16 responses



1.5 Experiência fora do Japão

Já ensinou português fora do Japão?

16 responses



1.6 (Aos que lecionaram fora do Japão) Poderia descrever algumas diferenças entre sua experiência como professor de português no Japão e em outros países?

Apenas quatro dos professores que já tinham ensinado português antes de chegar ao Japão responderam. Estas foram suas respostas:

Professor 1:

“Alunos em outros países ocidentais têm mais facilidade para se comunicar em português.”

Professor 2:

“Além do fato dos alunos estarem em contato diário com o idioma, a maioria já falava inglês.”

Professor 3:

“Como no Brasil as aulas foram para adultos, foi muito diferente de ensinar universitários japoneses no Japão, devido ao interesse real de aprender português no primeiro grupo.” [sic]

Professor 4:

“No Brasil - professor e alunos, de certa forma, partilham dos mesmos aspectos culturais e da própria língua o que não ocorre, claro, com estudantes japoneses e nativos de outros idiomas. No caso de ensinar a estudantes japoneses, às vezes, o não acesso à cultura brasileira dificulta a compreensão de determinados significados, ideias e termos. Todavia, por um lado, a um estudante japonês, às vezes, basta dizer: esta palavra funciona como um adjetivo, substantivo, verbo, etc., que ele pode entender uma explicação. Por outro lado, alguns estudantes

brasileiros (muitos deles na universidade) não têm esse domínio o que dificulta a elaboração da escrita e compreensão de muitos outros aspetos da língua. Suponho que devido à complexidade do kanji que exige muita atenção com pequenos detalhes, os estudantes japoneses também apresentam raramente algum erro de ortografia na língua portuguesa ao passo que vejo muitos jovens brasileiros relativamente da mesma idade que apresentam mais dificuldades. Por fim, comparando estudantes japoneses e brasileiros, é mais difícil promover a participação dos primeiros em uma aula de conversação.”

O objetivo desta pergunta foi tentar entender melhor as diferenças do ensino de português no Japão e em outros países. As respostas não foram suficientes para satisfazer completamente o objetivo, mas mesmo assim serviram para demonstrar algumas diferenças entre a realização deste trabalho em outros países e no Japão. Em resumo, segundo os depoimentos destes e de outros professores:

- Estudantes japoneses têm mais dificuldade para se comunicar.

O entendimento do conceito de comunicação, como o conhecemos no Ocidente, é bem diferente no Japão, e é uma das primeiras diferenças notadas por professores estrangeiros (de português e de outros idiomas, principalmente idiomas europeus) que vêm ensinar no Japão. A conversa geralmente não flui entre os professores e os alunos, ou mesmo entre os alunos. Isso se dá por uma série de motivos intrínsecos à cultura japonesa, como por exemplo a importância quase feudal do sistema hierárquico. Na sociedade japonesa, o “direito” de falar é algo que a maioria dos estudantes, mesmo nas universidades, não acredita possuir. Durante toda a vida escolar, estudantes japoneses são treinados para ouvir obedientemente, e a nunca fazer perguntas. Este fator é mencionado repetidamente em vários livros sobre a sociedade e o sistema educacional do Japão (Kerr, 2001, 2002; Kubota, 1998; Ohara, 2010; Various, 2003), e seu entendimento é essencial para professores que queiram inserir a prática de conversação em outro idioma em suas aulas. Os estudantes geralmente ficam surpresos, ou mesmo assustados, ao serem indagados por um professor durante uma aula. Muitos permanecem incapazes de responder até mesmo a perguntas simples até se formarem, e a ironia é que eles conseguem se formar num idioma estrangeiro apesar dessa falha básica de comunicação. Mesmo entre si, estudantes são divididos por barreiras que nem sempre são visíveis pelos professores, como diferença de idade, sexo, status social e origem. É comum, por

exemplo, haver numa mesma sala de aula em uma universidade, alunos de anos diferentes. Os alunos sêniores, ou “sempai” em japonês, precisam ser respeitados pelos alunos júniores, ou “kohai”, o que significa que um aluno mais novo dificilmente vai iniciar uma conversa com um aluno mais velho ou ousar fazer-lhe uma pergunta, ainda que haja entre eles apenas um ano de diferença. Esta relação entre “sempai” e “kohai” está presente em todos os aspetos da sociedade japonesa, e é um lembrete constante da importância da hierarquia como ferramenta de manutenção da ordem. Em escolas de idiomas, que reúnem numa mesma sala de aula estudantes de diferentes idades e profissões, como escolares, homens de negócio, donas de casa e idosos reformados, essa peculiaridade fica ainda mais óbvia. Professores estrangeiros que não estão no Japão há muito tempo ficam surpresos ao se depararem pela primeira vez com a relutância de uma jovem estudante para seguir sua instrução e fazer uma pergunta a um senhor de meia idade, mesmo que a pergunta seja algo corriqueiro para a prática do idioma, como por exemplo: “Qual é o seu nome?” ou “O que o senhor comeu na hora do almoço?”. Esses pedidos simples para a formulação de perguntas, que constituem a estrutura básica de uma aula de língua estrangeira no Ocidente podem, no Japão, gerar vários tipos de constrangimentos, que vão do silêncio à ira, e muitas vezes terminam em lágrimas e até mesmo à desistência dos alunos. Se levarmos este e vários outros aspetos que esbarram na rigidez das normas sociais do Japão em consideração, podemos dizer que o ensino de idiomas estrangeiros chega a ser subversivo, já que um simples exercício de conversação pode obrigar um estudante japonês a abandonar as regras que foi treinado a obedecer cegamente desde a sua primeira infância. Em outras palavras, ao aprender e praticar um outro idioma, um estudante sente que está, de certa maneira, deixando de ser japonês.

- Estudantes japoneses têm pouca ou nenhuma oportunidade de contato com outros idiomas fora da sala de aula.

Enquanto em países do Ocidente, os estudantes de línguas estrangeiras podem praticar um idioma estrangeiro facilmente, viajando com facilidade para um país vizinho (no caso da Europa), conversando com um imigrante em seu próprio país, ou mesmo com outros estudantes do mesmo idioma, estudantes japoneses não são incentivados a falar outro idioma fora do ambiente controlado de uma sala de aula. Estudantes japoneses raramente conversam entre si em outro idioma, mesmo que

tenham capacidade para isso, ao contrário do que acontece em outros países, onde a prática de um idioma estrangeiro entre estudantes não apenas é incentivada como também é vista como algo natural. Mesmo com seus professores ou com outros estrangeiros, estudantes japoneses não se sentem à vontade para conversar, a menos que estejam a sós. Na frente de seus colegas japoneses é comum estudantes fingirem que não entendem o que foi dito, ou não responderem a uma pergunta que lhes foi feita em outro idioma. Isso acontece em parte devido à mentalidade de grupo, que pune membros que se sobressaiam por serem diferentes. Um fenômeno muito comum é observado em estudantes de qualquer idade que voltam ao Japão depois de passarem um período fora do Japão: durante os primeiros dias após seu retorno, um estudante que passou algum tempo em outro país, seja para fazer um intercâmbio ou por questões profissionais, conversa de forma natural com os seus professores ou outros estrangeiros. Isso gera comentários dos outros estudantes, em japonês, às vezes com ironia e certa agressão passiva, mesmo que estejam disfarçados de elogios, do tipo: “Nossa, como você fala português bem!” Como resultado desta reação dos colegas (e até mesmo de professores japoneses), este aluno em pouquíssimo tempo deixa de falar a língua estrangeira, e – no caso de estudantes mais jovens, em idade escolar – chegam mesmo a fingir que não entendem o idioma. O medo de ser excluído de um grupo é uma das forças motrizes da sociedade japonesa. Além disso, com exceção de grupos de turistas (algo que vem aumentando rapidamente, e causando certo desconforto entre os japoneses), não se ouve idiomas estrangeiros com muita frequência no Japão. Todos os estrangeiros que vivem no Japão perfazem menos de 3% da população do país, uma taxa baixíssima em comparação com a taxa de estrangeiros vivendo em países do Ocidente. Por isso, japoneses que falam outro idioma em público chamam a atenção, algo que nunca é visto com bons olhos nesta sociedade.

- Poucos estudantes de português no Japão falam outro idioma além do japonês. Como vimos nos resultados do questionário dos estudantes, são poucos aqueles que se consideram fluentes em outro idioma além do japonês. Apesar de terem estudado inglês na escola, a maioria não consegue comunicar neste idioma. Em comparação, no Ocidente, principalmente na Europa, estudantes de português estão mais familiarizados com outros idiomas, e não raro já falam uma ou mais línguas além de sua língua materna.

- Muitos estudantes japoneses não têm um interesse real em aprender o idioma. Mesmo levando-se em consideração que a motivação de estudantes de português é ligeiramente mais alta do que a dos estudantes de inglês, ainda há uma grande proporção de japoneses, principalmente nas universidades, que não têm a ambição de se tornarem fluentes no idioma. Entre os vários motivos para isso, o mais comum é que muitos universitários já receberam uma oferta de trabalho, sabem que não vão precisar do idioma em sua vida profissional e só querem terminar logo seus estudos. Muitos universitários que estudam português falam abertamente que não pretendem nem mesmo viajar a um país estrangeiro, e muito menos a um país lusófono.
- Estudantes japoneses têm pouco conhecimento sobre outras culturas. O entendimento básico de diferenças culturais que, no Ocidente, são vistas como um requisito importante, ou mesmo um motivo para o estudo de outro idioma, continua sendo muito rudimentar entre estudantes japoneses, mesmo estudantes universitários. Este depoimento, feito por uma professora brasileira, conta uma experiência que teve durante um festival cultural em uma universidade em Tóquio, considerada uma das instituições mais progressistas do país:

“Acabo de vir de um festival de cultura. Entrei em uma sala onde um cara [sic] falava sobre uma viagem que fez pelo mundo, bem na parte do oriente médio e logo depois passou para alguns países africanos. Eu ficava meio decepcionada com os comentários dele, mas fui ficando para ver aonde ele ia chegar. Em algum ponto, ele passou para a foto com uma tribo na Namíbia (mulheres com trajes da tribo, que deixam os seios à mostra) e diz: ‘Eles me pediram para (deixaram tirar a foto - não ouvi direito) e me pediram dinheiro pela foto, assim, como se fossem animais, sem orgulho algum.’ Me deu vontade de perguntar se ele havia viajado o mundo todo e não havia aprendido nada. Levantei-me, e fui embora.”

A frustração desta professora é, infelizmente, comum entre professores e outros profissionais estrangeiros que vivem no Japão. Estereótipos, generalizações e preconceitos, além de comentários racistas, sexistas, homofóbicos e xenofóbicos,

são proferidos constantemente por estudantes e professores japoneses, bem como por outros profissionais fora do setor de educação e até nos meios de comunicação. Apesar de o Japão ser um país-membro influente das Nações Unidas, e signatário de diversos tratados internacionais de proteção dos direitos humanos e combate à discriminação, o desrespeito e desconhecimento de diferenças culturais por parte dos japoneses é notável. O motivo desta indiferença e falta de interesse por outras culturas é resultado, por um lado, da autossuficiência econômica deste próspero país, e por outro, da constante promoção nacionalista feita através dos meios de comunicação. Os japoneses são bombardeados repetidamente por slogans jingoístas e ufanistas sobre seu próprio país, e é um tabu para qualquer japonês criticar sua própria cultura e sociedade. Este professor descreve uma experiência interessante, que demonstra a devoção exagerada dos japoneses por seu próprio país:

“Para praticar o verbo gostar em suas formas positivas e negativas com alunos de nível intermediário, eu peço para os alunos responderem à seguinte pergunta: ‘Do que você gosta em seu país?’ Após uma certa hesitação, alunos começam a responder à pergunta, com a habitual timidez, e falam sobre as várias qualidades do Japão: segurança, prosperidade, cultura tradicional, belezas naturais, gastronomia, etc. Em seguida, peço para que respondam a versão negativa da pergunta: ‘Do que você não gosta em seu país?’. O silêncio paira sobre a sala de aula. Alguns estudantes começam a se entreolhar, mas ninguém ousa dizer que não gosta de qualquer coisa sobre seu país. Depois de algum tempo faço algumas sugestões: ‘terramotos? longa jornada de trabalho? poucas férias? alta taxa de suicídio?’. O silêncio começa a ficar mais tenso. Um estudante se arrisca: ‘Terramotos não são nossa culpa!’. Culpa? Quem falou em culpa? A pergunta era sobre gostar ou não gostar! Ano após ano eu repito esta experiência, sempre com o mesmo resultado. Falar mal do Japão parece ser algo proibido.”

Alguns estudantes chegam a demonstrar uma atitude quase messiânica em relação ao Japão. Uma resposta comum à pergunta “Por que você quer estudar português?” é: “Quero ensinar outros países sobre o Japão.”, ou “Quero estudar português para ajudar outros países a se desenvolverem.” Já ouvi vários alunos voltarem de um intercâmbio com reclamações do tipo: “Os europeus não sabem nada sobre o Japão” ou “Fiquei surpreso porque ninguém queria saber nada sobre meu país.” Muitos

criticam aspetos superficiais de outros países e se recusam a admitir que haja qualquer aspeto positivo ou “melhor” em outros países. Há também aqueles que percebem que estavam de certa forma “doutrinados” pelo Japão, e se decepcionam ao voltar. Mais uma vez esta investigação sugere que o aprendizado de um idioma estrangeiro pode resultar no desequilíbrio da famosa harmonia da sociedade japonesa, conhecida como “wa” em japonês, um estado delicado de isolamento que parece depender da manutenção da ignorância sobre outras culturas e outros pontos de vista para sua sobrevivência.

- Estudantes japoneses dão mais ênfase à gramática e à ortografia do que à comunicação ou à interpretação de textos.

Como observado pelo “professor 4”, embora os alunos japoneses tenham dificuldade para entender aspetos culturais ou para se expressar e se comunicar durante as aulas, eles são meticolosos no estudo da gramática, sintaxe e ortografia. Como observamos anteriormente na descrição de outros autores sobre o ensino de idiomas estrangeiros no Japão, a metodologia é quase exclusivamente voltada para a tradução de frases, explicação de pontos gramaticais (em japonês) e memorização de vocabulário sem contextualização. Um exemplo claro disso, que chega a ser quase um clichê, consta no depoimento deste outro professor:

“Numa aula de nível avançado, levei cópias de um texto curto, em português de Portugal, sobre um tal de António que havia decidido se mudar do interior para a capital, para estudar numa universidade. Depois da leitura perguntei se alguém tinha alguma pergunta sobre o texto. Esperava que alguém fizesse alguma pergunta sobre o significado das sentenças, ou sobre a história em si, mas depois de uma longa espera que parecia não ter fim, um aluno finalmente levantou a mão para fazer a seguinte pergunta: ‘Por que António está escrito com acento agudo e não circunflexo?’”

A obsessão dos alunos por explicações de regras de gramática, ortografia e pronúncia é elogiada por professores japoneses, que encontram nesta atitude uma justificativa para suas longas explicações em japonês em detrimento do uso de português na sala de aula, e causa constrangimento irritação a muitos professores nativos, que muitas vezes divergem entre si sobre tais regras, que nem sempre são universais na enorme extensão geográfica da língua de Camões. Além deste aspeto

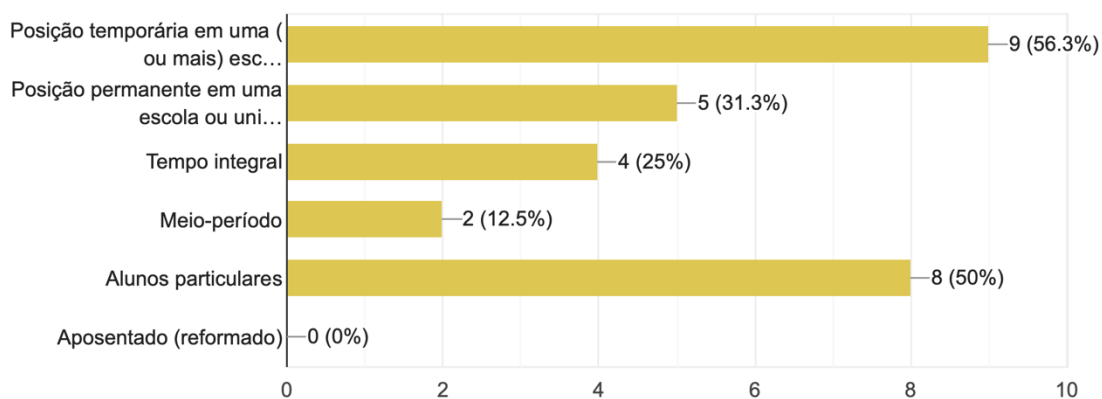
idiossincrático da gramática portuguesa, para os professores nativos esta obsessão dos alunos por detalhes faz pouco sentido, uma vez que a grande maioria destes alunos muitas vezes mal consegue manter uma conversa simples em português. Como veremos no capítulo sobre o material didático, esta peculiaridade da metodologia de ensino usada nas instituições japonesas resulta numa variedade de livros criados especialmente para este mercado.

2. Sobre o Ensino de Português no Japão

2.1 Qual é a sua situação empregatícia?

Situação empregatícia (assinale todas as opções relevantes)

16 respostas

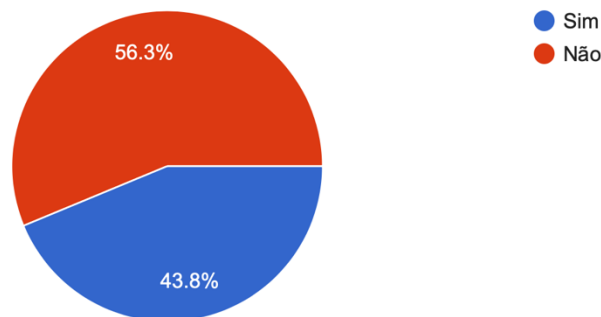


Nove professores ensinam em uma ou mais instituições com contratos temporários, renováveis anual ou semestralmente, oito têm alunos particulares, cinco têm uma posição permanente numa escola ou universidade, quatro trabalham em tempo integral e dois em meio período. No próximo capítulo a situação empregatícia dos professores de português no Japão será descrita em maior detalhe.

2.2 Você administra ou é responsável por algum curso ou departamento?

Você administra ou é responsável por algum curso ou departamento?

16 respostas



Nove dos respondentes disseram que não e sete que sim.

2.3 Quem faz os currículos dos seus cursos?

Dos participantes do questionário, dez professores fazem todos os seus currículos e seis fazem parte de seus currículos.

O estudo mostrou que os professores têm bastante liberdade para criar seus próprios currículos, que raramente são submetidos ao controle da universidade. Não há diretrizes para o que deve ou não deve ser incluído nos currículos e há pouca ou nenhuma consulta sobre conteúdo junto a universidades ou instituições estrangeiras, como o Instituto Camões. Professores estrangeiros, principalmente, podem basicamente ensinar o que quiserem em suas aulas, e não é raro apresentarem um currículo “oficial” ao departamento que não será obedecido durante as aulas. As próprias universidades muitas vezes nos aconselham a fazer isso, ou seja, seguir um protocolo para evitar problemas, já que, na verdade, o conteúdo verdadeiro das aulas raramente é monitorado pela instituição, exceto em questionários de qualidade preenchidos todos os semestres pelos alunos.

Dos participantes, 11 descreveram assim o conteúdo de seus currículos:

Professor 1:

“Gramática, conversação, leitura, apresentações, palestras sobre cultura brasileira.”

Professor 2:

“Usei conteúdo básico seguindo o currículo da escola de acordo com a idade e nível dos alunos, ensinando básico como cumprimentos, cores, animais, números, etc., no primeiro semestre.”

Professor 3:

“Para os iniciantes, ensino vocabulário básico e conversação para viagens. Para os intermediários, já ensino tempos verbais mais complexos, por exemplo.”

Professor 4:

“Em todos os níveis, tento privilegiar a abordagem comunicativa, os alunos podem interagir diretamente com o professor e entre eles. Ao mesmo tempo, introduzo textos pequenos, grandes, simples ou complexos (de acordo com os níveis). Crio situações e contextos reais da vida cotidiana (de acordo com os níveis) em que os alunos precisam interagir como, por exemplo, pensar como pedir informações, fazer pedidos, dar informações ou orientar uma pessoa ou, no caso do português avançado, emitir opinião a partir da leitura e discussão de um texto de jornal, um texto literário, de notícias da TV, etc. Enfim, o conteúdo é construído a partir de textos (informativos, literários, etc.), diálogos, exercícios de gramática, produção de textos, apresentações orais.”

Professor 5:

“Básico-para os alunos aprenderem a se comunicar com brasileiros usando o português básico”

Professor 6:

“Depende da aula”

Professor 7:

“O ensino de português era oferecido pela Academia de Polícia de Japão com objetivo de preparar policiais em formação que, de algum modo, já tinham algum relacionamento com a comunidade brasileira no Japão. Portanto, o conteúdo das aulas era prático e voltado para as necessidades específicas dos estudantes. Ex.: gírias utilizadas por criminosos brasileiros, linguagem informal (em vez da formal, que normalmente é ensinada em cursos de português), conversação.”

Professor 8:

“Ensinei português no Japão, como um "bico" e de forma totalmente amadora. Minha experiência até então era exclusivamente como jornalista. Comecei a ensinar por acaso e não passei por nenhum treinamento de professores lá. Só ao me mudar para os EUA, em março de 2017, tive oportunidade de investir na carreira de professora de língua estrangeira. Ingressei no Mestrado em Português Língua Não Materna, da Universidade Aberta de Portugal, e já fiz dois treinamentos intensivos do programa STARTALK, em universidades na Califórnia e na Carolina do Norte, de altíssima qualidade. Na escola onde ensino atualmente, temos treinamento constantemente e orientação da nossa coordenadora o tempo todo. No Japão, eu não tive nada disso. Talvez por ter ensinado apenas em uma ONG e em duas escolas particulares pequenas de idiomas. Imagino que nas universidades japonesas seja diferente. Sobre o conteúdo, os tópicos eram os mesmos, apenas mais aprofundados nos níveis um pouco mais avançados: cumprimentos, como se apresentar, vocabulário por tema (cores, comidas/bebidas, partes do corpo, esportes, música, viagem etc.), gramática simplificada. E sempre muita cultura brasileira!”

Professor 9:

“Básico - uso livro dos alunos e crio diálogos. No Avançado, ou leio artigos ou apresento Expressões Idiomáticas, erros comuns de brasileiros, etc.”

Professor 10:

“Básico (frases úteis em português, gramática básica /verbos no indicativo e gerúndio), Intermediário (expressões coloquiais e formais, textos jornalísticos simples, gramática, produção de textos), Avançado (figuras de linguagem através de textos literários, discussão de temas)”

Professor 11:

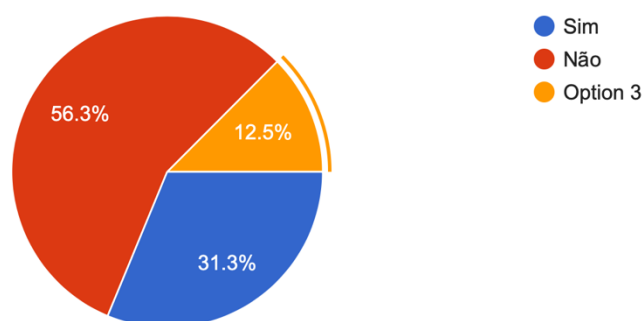
“Básico: (alfabeto, cumprimentos, pronomes (pessoais, demonstrativos, indicativos), presente do indicativo (verbos regulares e irregulares), gerúndio, vocabulário (partes do corpo, alimentos, estações do ano, locais) números. Principiante: Presente do Indicativo, Pretérito Perfeito do Indicativo, Pronomes indefinidos, comparativo, imperativo, expressões idiomáticas, vocabulário. Intermediário: Pretérito Imperfeito do

Subjuntivo, Presente do Subjuntivo, Tempos compostos, Pretérito Perfeito e Imperfeito do Subjuntivo, Voz Passiva, Discurso Direto e Indireto, expressões idiomáticas, vocabulário. Avançado: (este planejamento parte do princípio que o aluno domina a estrutura básica gramatical e o mesmo será elaborado de acordo com o objetivo do estudo. Alunos que já trabalham em empresas brasileiras ou que desejam fazê-lo em breve, proponho lapidarmos os conhecimentos linguísticos enquanto inseridos em contextos da história, geografia, contexto político, etc. Sobre as aulas de conversação as mesmas se dão baseando-se em cada nível acima descrito. Atividades são preparadas para que os alunos possam usar, falando, o conteúdo gramatical trabalhado.”

2.4 Nos currículos acima, são incorporadas as diretrizes do QECR?

Nos currículos descritos acima, são incorporadas as diretrizes do QECR?

16 responses

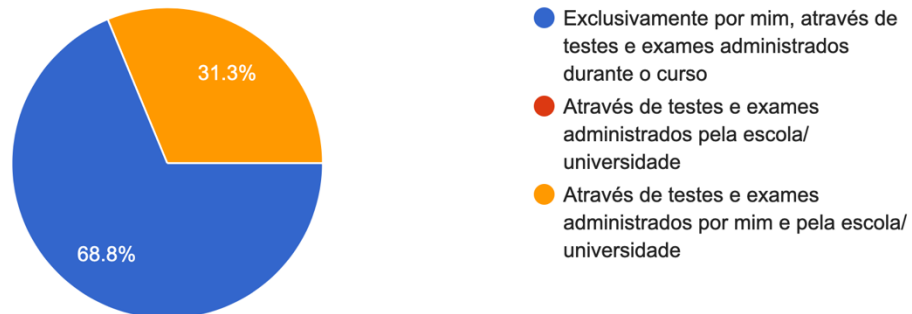


Dos participantes, apenas cinco disseram incorporar as diretrizes na elaboração de seus currículos, embora como isto é feito não tenha sido explicado. Nove professores disseram não incorporar as diretrizes e dois professores não sabem o que são essas diretrizes.

2.5 Como é feita a avaliação dos alunos?

Como é feita a avaliação dos alunos?

16 responses

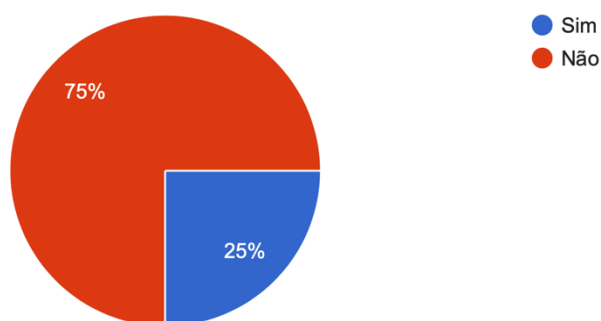


Dos participantes, 11 são exclusivamente responsáveis pela avaliação dos alunos, e 5 são parcialmente responsáveis por esta avaliação, em conjunto com a escola/universidade. Nenhum professor escolheu a resposta “Através de testes e exames administrados pela escola/universidade.” Esta questão é de extrema importância, já que as respostas indicam pouca ou nenhuma participação das instituições na avaliação dos estudantes. A responsabilidade pela avaliação dos estudantes é dos professores, e não segue diretrizes centrais de avaliação, ou seja, é uma avaliação subjetiva que não está inserida no contexto internacional. Estudantes que frequentam as aulas das universidades japonesas raramente são reprovados, e sua mera presença é geralmente suficiente para sua aprovação, mesmo que – como acontece com frequência – esses alunos durmam durante as aulas (Various, 2003). Professores estrangeiros são instruídos, ou persuadidos, a aprovarem todos os seus alunos, e aqueles que insistem em reprovar seus estudantes (que muitas vezes são tratados como “clientes” que estão pagando por um serviço) são vistos como “problemáticos”, e podem inclusive não ter seus contratos renovados se houver muitas reclamações dos alunos reprovados, mesmo que estes professores tenham razões que justifiquem a reprovação. A única razão aceita pelas universidades são as faltas, e mesmo essas são muitas vezes justificadas por alunos que acabam conseguindo ser aprovados. Como resultado desta pressão, e sem ter que justificar seus currículos e avaliações, os professores são incentivados a rebaixar o nível das aulas e facilitar as avaliações, para que todos os alunos sejam aprovados.

2.6 As diretrizes da QECR são utilizadas na avaliação de seus alunos?

As diretrizes da QECR são utilizadas na avaliação dos seus alunos?

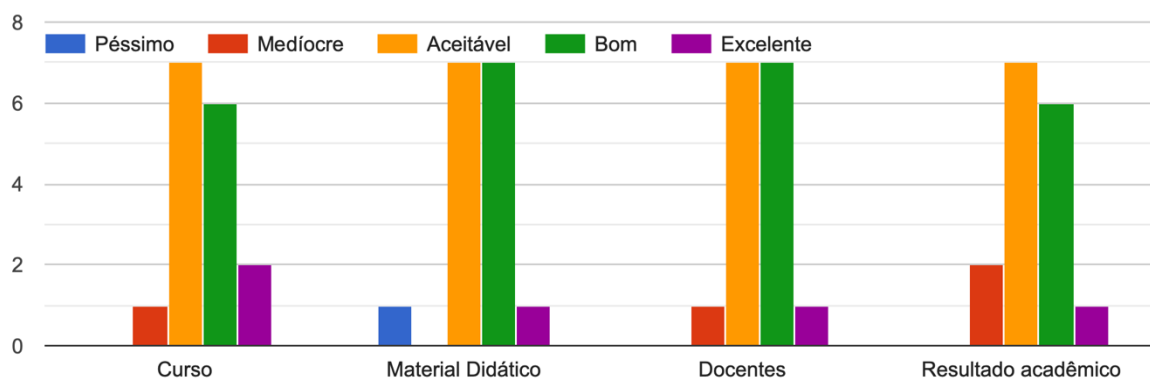
16 responses



12 dos 16 professores que responderam ao inquérito disseram que não usam as diretrizes da QECR na avaliação dos seus alunos. Quatro disseram utilizar essas diretrizes. Levando-se em consideração a questão dos currículos discutida acima, e o baixo resultado acadêmico dos estudantes universitários do Japão, esta investigação não conseguiu estabelecer a forma como as diretrizes da QECR são utilizadas por estes professores.

2.6 Como professor, como você avaliaria os seguintes aspectos dos cursos oferecidos onde você trabalha?

Como professor, como você avaliaria os seguintes aspectos dos cursos oferecidos onde você trabalha?



2.6.1 Qualidade do Curso

Embora nenhum professor tenha dito que os cursos oferecidos onde trabalham sejam péssimos, um os classificou como “mediocres” e sete apenas como “aceitáveis”. A outra metade dos professores disse que os cursos são “bons” (seis professores) ou “excelentes” (dois professores).

2.6.2 Material Didático

Em relação ao material didático, os professores também ficaram divididos pela metade: um disse que é “péssimo” e sete disseram “aceitável, enquanto outros sete o classificaram como “bom” e um como “excelente”.

2.6.3 Docentes

Os professores de português no Japão foram majoritariamente positivos em relação aos colegas de trabalho. Um afirma que são “excelentes”, sete que são “bons”, outros sete os classificaram como “aceitáveis” e

apenas um acha que eles são “mediócras”. Nenhum professor usou o adjetivo “péssimo” para descrever os colegas.

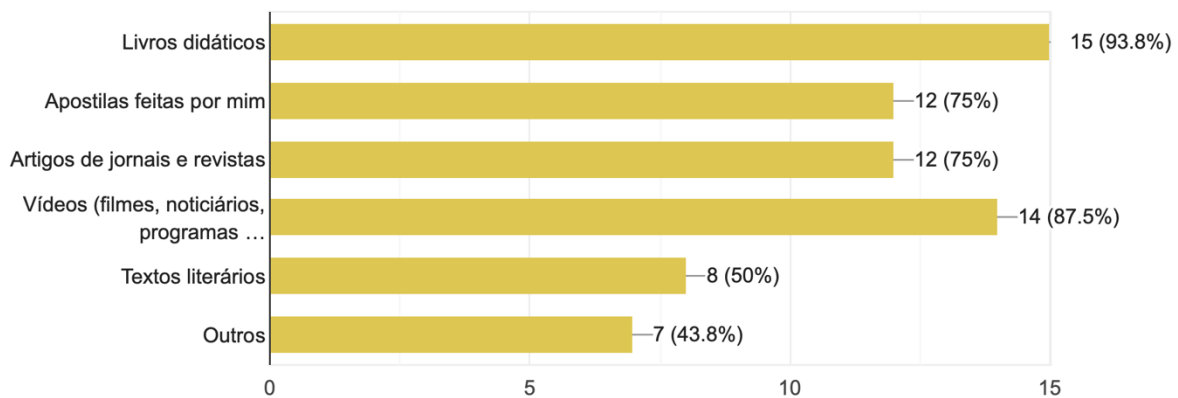
2.6.4 Resultado Académico

Os professores foram generosos também em sua avaliação dos resultados acadêmicos das instituições onde trabalham. Nenhum disse que esse resultado é “péssimo”, e apenas dois disseram que é medíocre. Sete disseram ser “aceitável”, seis disseram ser “bom” e um disse que é “excelente”.

2.7 Que materiais didáticos você utiliza em suas aulas? (assinale todas as opções relevantes)

Que materiais didáticos você utiliza para as suas aulas? (assinale todas as opções relevantes)

16 responses

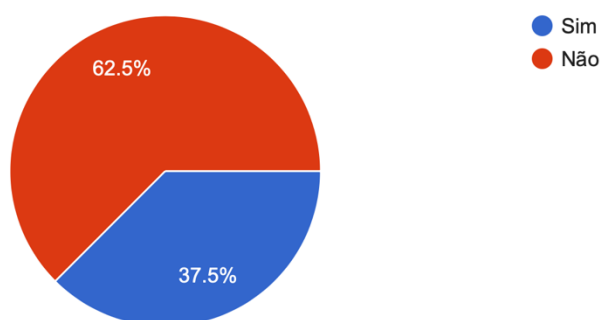


Um total de quinze professores (a maioria) disse usar livros didáticos nas salas de aula. Vídeos (como filmes, noticiários, programas de televisão, entre outros) foram o segundo material didático mais mencionado, com quatorze professores, seguidos de apostilas e artigos de jornais e revistas (doze professores cada), e textos literários (oito professores). Sete professores disseram usar também outros materiais não especificados.

2.8 Você consegue achar material didático com facilidade?

Você consegue achar material didático com facilidade?

16 responses

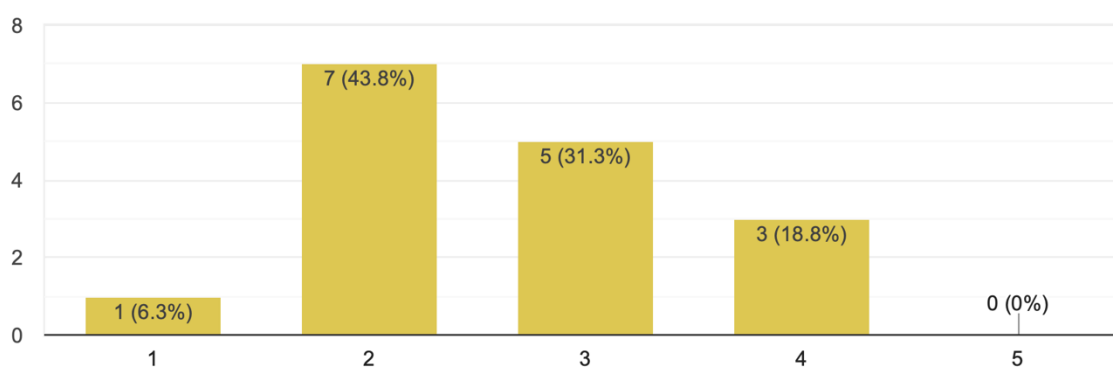


Dez professores disseram que não, seis disseram que sim.

2.9 O que acha da qualidade do material didático disponível no Japão?

O que acha da qualidade do material didático disponível no Japão?

16 responses

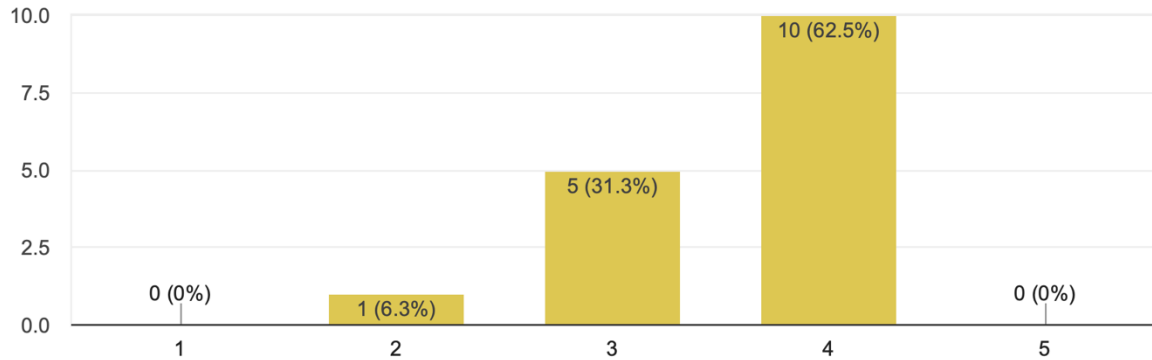


Numa escala de 1 a 5, de “péssimo” a “ótimo”, um professor respondeu com a opção número 1, sete com a opção número 2, cinco com a opção número 3 e três com a opção número 4. Nenhum professor descreveu a qualidade do material didático disponível no Japão como “ótima”.

2.10 O que acha do preço do material didático disponível no Japão?

O que acha do preço do material didático disponível no Japão?

16 responses

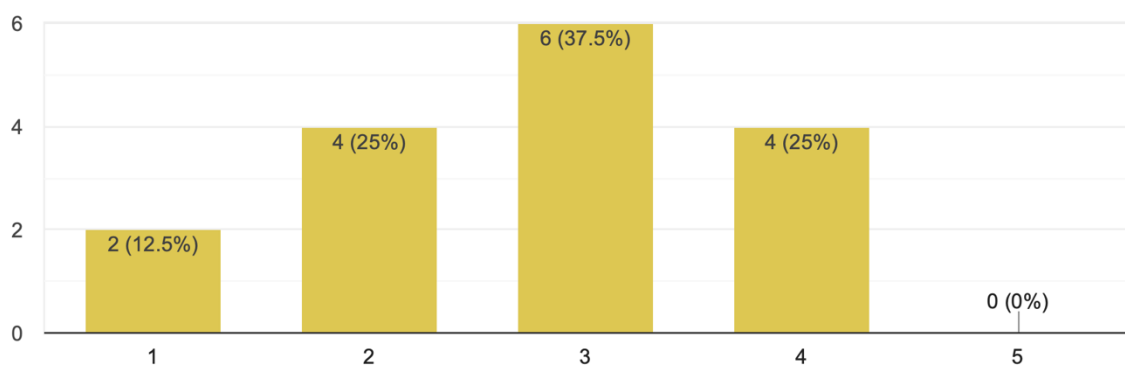


Numa escala de 1 a 5, de “baratíssimo” a “caríssimo”, nenhum professor escolheu a primeira ou a quinta opções. Dois professores escolheram a opção número 2, cinco professores a opção número 3 e a grande maioria, dez professores, escolheu a opção 4 (caro).

2.11 O que acha da apresentação do material didático disponível no Japão?

O que acha da apresentação do material didático disponível no Japão?

16 responses



Numa escala de 1 a 5, de “pouco interessante” a “bem interessante”, nenhum professor escolheu a melhor opção, número 5. Dois professores escolheram a opção número 1, quatro a número 2, seis a número 3 e quatro a número 4.

2.12 Que aspetos da metodologia de ensino considera específicos para alunos de português no Japão? (pergunta opcional)

Para os professores estrangeiros que já lecionaram em outros países, é mais evidente a necessidade de uma metodologia de ensino específica para o Japão. Esta metodologia tem de levar em consideração a escolha de materiais didáticos, as expectativas e os objetivos dos estudantes e também a realidade das universidades japonesas. Apenas seis professores responderam a esta pergunta com os seguintes comentários:

Professor 1:

“Uma metodologia que leva em conta as diferenças culturais e as peculiaridades da sociedade japonesa.”

Professor 2:

“Conversação.” (Não é uma metodologia.)

Professor 3:

“Os alunos esperam que os professores japoneses usem o japonês mesmo em aulas de conversação, essa tendência se observa em todas as línguas estrangeiras.”

Professor 4:

“Exercícios de repetição; o professor precisa de técnicas específicas para fazer os alunos falarem por si mesmos.”

Professor 5

“Os meus alunos querem aprender o uso prático do português (abordagem comunicativa). As aulas são semanais e têm duração de 90 minutos. Em geral as turmas têm no máximo cinco alunos, mas no colégio público são 20 jovens (número que me obriga a fazer malabarismo para mantê-los despertos e interessados).”

Professor 6

“Existência de espaços temáticos onde os alunos possam vivenciar aspetos culturais do idioma estudado.”

2.13 Em sua opinião, quais são os aspectos positivos do ensino de português no Japão? (opcional)

Esta pergunta teve como objetivo identificar aspectos positivos que motivam os professores de português a fazer um bom trabalho apesar dos obstáculos. A lista foi longa e interessante, e oito professores responderam com os seguintes comentários:

Professor 1:

“Os alunos que são motivados têm recursos para viajar e ampliar seus horizontes.”

Professor 2:

“Divulgar o país, sua cultura e diversidade.” (Não sei a que país o professor se referiu.)

Professor 3:

“Escrita.” (Não está claro como isto seria um aspecto positivo.)

Professor 4:

“Condição econômica dos alunos (a maioria tem tempo para estudar e condições de fazer viagens e intercâmbios)” (Não sei se é realmente a maioria dos estudantes.)

Professor 5:

“Eu acho os alunos japoneses dedicados, esforçados, organizados e responsáveis. Dificilmente desistem do curso e sempre cumprem suas obrigações (lição de casa, por exemplo).”

Professor 6:

“Os alunos são extremamente dedicados e alguns, apaixonados, pelo Brasil e conseqüentemente, pelo idioma.”

Professor 7:

“Independente dos motivos que levaram o aluno ao aprendizado do português, ao longo do curso eles ficam fascinados com a riqueza cultural do Brasil e as diferentes formas de encarar a vida.”

Professor 8:

“Facilidade de acesso a materiais. Dedicção dos alunos japoneses. Estrutura física das salas de aula. Respeito que esses alunos têm pelo professor (não exclusivamente ao ensino de português).”

2.14 Poderia mencionar algumas dificuldades ou obstáculos no ensino de português no Japão?

Apesar dos aspetos positivos indicados na pergunta anterior, a participação de todos os professores nesta pergunta sobre dificuldades e obstáculos foi entusiástica, o que em si já indica que os problemas existem em abundância e que os professores querem conversar sobre o assunto. Um dos objetivos desta dissertação é servir como ponto inicial para estas discussões, por isso foram incluídos abaixo todos os comentários feitos pelos professores, seguidos de uma lista resumida dessas dificuldades e obstáculos na ordem de frequência em que foram mencionadas.

Professor 1:

“Nível de motivação baixo, em geral. Pouca ambição linguística. Baixos conhecimentos gerais. Limitações sociais para a expansão intelectual.”

Professor 2:

“Interesse dos alunos, nível de aceitação do país no exterior baixo, baixa exposição dos alunos à diversidade de idiomas e formas de pensar dificulta a compreensão de uma nova língua e cultura.”

Professor 3:

“Falta de material de apoio, aulas de uma hora apenas por semana.”

Professor 4:

“Coordenar o currículo as necessidades reais dos alunos.”

Professor 5:

“Os livros são maioritariamente Português do Brasil.”

Professor 6:

“1) Não há muito material didático disponível para o ensino do português avançado. 2) Há alunos que no vestibular privilegiam a entrada em determinada universidade por ser famosa, mas não estão interessados em aprender línguas estrangeiras e isso cria, muitas vezes, desestímulo, falta de interesse e até desistência.”

Professor 7:

“A falta de livros didáticos, sobretudo no que respeita ao ensino do Português de Portugal. O material que uso é todo comprado no estrangeiro e os alunos não têm praticamente acesso a ele. A falta de vídeos legendados em português para facilitar a compreensão e aprendizagem dos alunos.”

Professor 8:

“Fonema.” (?)

Professor 9:

“Falta de bons livros didáticos. Quando eu preparo apostilas, eu uso os livros didáticos feitos fora do Japão. Mas, como meus alunos aprendem o português como língua de opção (kyoyo kamoku), eu não posso pedir a eles para comprar livros didáticos importados, que são caros com frete.”

Professor 10:

“Dificuldade de oferecer ao aluno a oportunidade de praticar a língua fora da sala de aula. (apesar de ter falantes nativos de português no país, não é tão simples colocar os alunos em contato com a língua).”

Professor 11:

“Falta de incentivo financeiro por parte das instituições contratantes para o aprimoramento do profissional contratado. Burocracia e exigência de relatórios diários detalhados sobre o comportamento e aprendizado dos alunos. Falta de material didático com conteúdo atraente e visualmente bem elaborado para todos os níveis de aprendizado.”

Professor 12:

“Falta de contato com a cultura brasileira contemporânea.”

Professor 13:

“Pela minha experiência, achei frustrante o fato de os japoneses preferirem o ensino tradicional, aquele em que o professor fica preso ao livro didático, fala japonês o tempo todo e é o protagonista. Eu gosto muito mais do ensino diferenciado, em que o professor não se prende a um livro, o aluno é o protagonista e as aulas são realizadas praticamente só em português (mesmo nos níveis mais básicos).”

Professor 14:

“Número pequeno de escolas ou cursos que ofereçam o curso de português.”

Professor 15:

“Falta material específico para atender as dificuldades do japonês. Muitos livros publicados no Japão trazem a leitura das palavras em alfabeto katakana, reforçando a pronúncia viciada do japonês. Como as turmas são diversificadas em termos de idade, formação e interesse, é preciso customizar o material usado em sala de aula.”

Professor 16:

“Distância (física, cultural, religiosa). O jovem japonês é tratado pela sociedade, até seus 20 anos, como uma criança. Contudo, normalmente, aos 20 anos ele já está no segundo ano da universidade. Até então, por não ser um leitor crítico (nem de seu país tampouco de outras culturas) ele tem muita dificuldade para se inteirar do que acontece nas aulas, se expressar, simplesmente porque ele demora a descobrir que assuntos como política, economia, história, por exemplo, são imprescindíveis para aprender um novo idioma.”

De forma resumida, os principais obstáculos mencionados acima foram os seguintes:

- Falta de material didático (mencionado 8 vezes)
- Falta de motivação ou ambição dos estudantes (3 vezes)
- Poucas oportunidades de contato com o português/outras culturas (3 vezes)
- Poucas aulas ou cursos de português disponíveis (2 vezes)

Os tópicos seguintes foram mencionados ao menos uma vez:

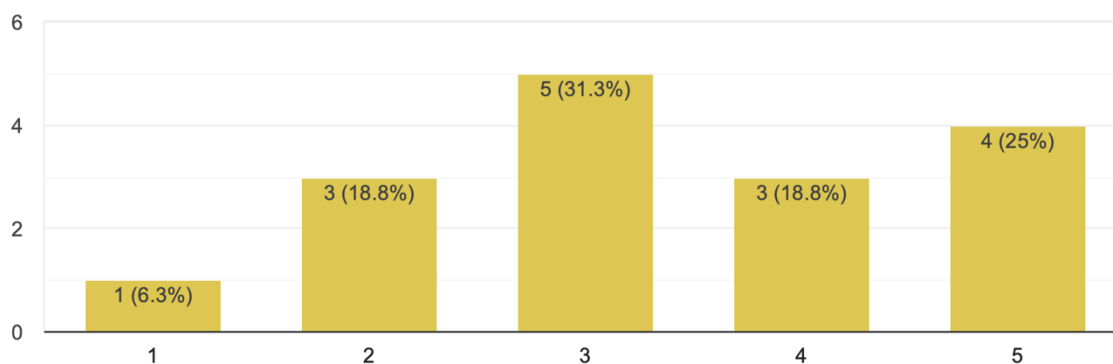
- Falta de currículos adequados

- Muita ênfase no português do Brasil
- Falta de apoio das universidades e empregadores
- Expectativa de uma metodologia antiquada e do uso de japonês em classe
- Distância dos países lusófonos
- Imaturidade dos estudantes

2.15 Como você classificaria o apoio que recebe das escolas/universidades onde trabalha?

Como você classificaria o apoio que recebe das escolas/universidades onde trabalha?

16 responses



Numa escala de 1 a 5, de “quase nenhum” a “apoio total”, um professor escolheu a primeira opção, três a número 2, cinco a número 3, três a número 4 e quatro professores escolheram a opção número 5.

A questão do apoio, e mesmo do envolvimento dos professores com as universidades, está, obviamente, relacionada com o vínculo empregatício entre as duas partes. É compreensível que as universidades invistam pouco em professores que não são efetivos. Contudo, com o aumento de professores empregados com contratos temporários, os poucos professores permanentes reclamam do excesso de trabalho burocrático, reuniões e relatórios. Ou seja, existe um desequilíbrio na distribuição das funções. Professores que trabalham em várias instituições com contratos temporários podem passar meses, ou até mesmo anos, sem ao menos visitar os departamentos onde trabalham, ou encontrar-se com seus colegas. Muitos nunca são convidados a participar nas reuniões e todo o contato entre eles e a universidade é feito através

de e-mails ou telefonemas. Currículos, avaliações e notas são enviados pelos professores, via internet, para os portais eletrônicos das universidades. Muitos professores não são nem convidados para participar em eventos ou festas de confraternização. Há um exemplo recente deste distanciamento entre as instituições e seus docentes: o Papa Francisco esteve numa universidade de Tóquio fazendo uma palestra durante sua visita ao Japão em novembro de 2019. Os professores não-efetivos desta universidade não foram sequer informados sobre a visita, e muito menos convidados a assistir a palestra.

3. Sobre os Estudantes de Português no Japão

3.1 Em sua experiência, quais são as três principais razões que levam seus alunos a estudar português?

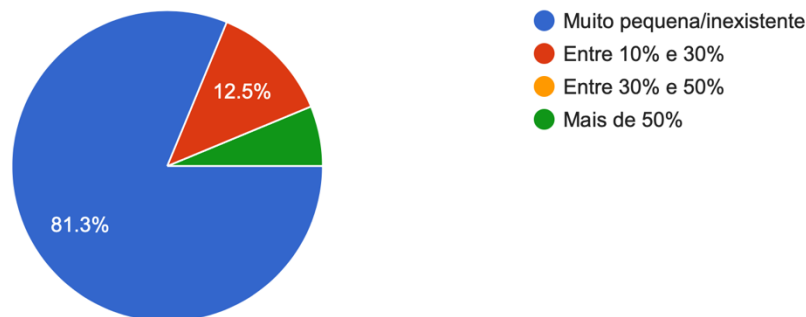
Esta é lista das principais razões citadas pelos professores, por ordem de frequência:

1. Interesse pela música
2. Interesse pela cultura de um país lusófono
3. Interesse por futebol
4. Turismo
5. Convívio com estrangeiros
6. Relações comerciais entre o Japão e o Brasil
7. Experiência no exterior
8. Imigração
9. Oportunidade de entrar em uma universidade famosa
10. Aconselhamento de professores (em regiões com imigrantes onde há trabalhos de interpretação relacionados à assistência social.)
11. Relação história do Japão com Portugal
12. Similaridade com o espanhol (para estudantes que não conseguem uma vaga para estudar o espanhol)

3.2 Em seus cursos, qual é a proporção de alunos que são imigrantes ou filhos de imigrantes de países lusófonos?

Em seus cursos, qual é a proporção de alunos que são imigrantes ou filhos de imigrantes de países lusófonos?

16 responses



Através de entrevistas com professores e alunos, e de pesquisas feitas anteriormente sobre os brasileiros no Japão (Brandão, 2013), sabe-se da existência de estudantes de português que são imigrantes ou filhos de imigrantes em busca de uma qualidade de vida melhor do que aquela encontrada por muitos brasileiros que vieram para o Japão para trabalhar em fábricas, um trabalho pesado e nem sempre bem remunerado, mas que continua atraindo muitos descendentes de japoneses que vivem em condições precárias no Brasil. Alguns desses estudantes conseguem entrar nas universidades de Tóquio, mas a maioria acaba estudando nas universidades das províncias onde há um maior número de brasileiros. Como esta pesquisa foi feita em Tóquio e arredores (com algumas exceções), 13 dos professores entrevistados disseram que a proporção desses alunos em seus cursos é muito pequena ou inexistente, dois afirmaram que a proporção desses alunos é de 10 a 30% dos alunos e apenas um (provavelmente numa dessas regiões onde há muitos brasileiros) disse que mais da metade de seus alunos são imigrantes ou filhos de imigrantes.

3.3 Se você tem alunos que são imigrantes ou filhos de imigrantes de países lusófonos, como é a integração desses alunos na sala de aula? (resposta opcional)

Esta pergunta foi incluída para elucidar um ponto de divergência entre professores nativos do idioma e professores japoneses. Os professores nativos

têm, em geral, uma atitude mais positiva sobre a presença de imigrantes e filhos de imigrantes do que os professores japoneses. Das nove respostas obtidas neste questionário, a mais surpreendente foi a de uma professora japonesa que ensina numa instituição onde imigrantes e filhos de imigrantes não são aceites para fazer o curso de português. Ao ser identificada e questionada sobre esta declaração, a professora não apenas confirmou esta informação, como não se manifestou em nenhum momento contra a decisão de “sua colega”, apesar da natureza discriminatória e potencialmente ilegal de tal medida, mesmo no Japão. Durante a entrevista telefónica, a professora disse que muitos desses alunos “já falam o idioma”. Segundo a visão desta e de muitos outros professores japoneses de idiomas estrangeiros, a presença de alunos estrangeiros “confunde” os alunos japoneses, que precisam, segundo eles, de explicações detalhadas em japonês. Esta abordagem é contrastante com a dos professores nativos, que veem a presença de alunos que já falam o idioma como algo positivo para seus colegas japoneses. Outros aspetos retirados das respostas do questionário e das entrevistas foram as diferenças sociais (alguns imigrantes e filhos de imigrantes vivem em condições bastante precárias no Japão), a vergonha de ser diferente, e um sentido de inferioridade de alguns desses alunos.

Estas foram as respostas incluídas no questionário:

Professor 1:

“Geralmente complicada por questões de diferenças sociais.”

Professor 2:

“Em geral, sem problemas.”

Professor 3:

“Não tive ainda esta experiência.”

Professor 4:

“Tenho tido alguns. Acho que a integração é bastante boa. Esses alunos costumam ter um nível de Português melhor do que os outros e por isso os alunos tendem a pedir-lhes ajuda no estudo da língua portuguesa.”

Professor 5:

“Como eles já têm um conhecimento da língua, minha colega não permite esses alunos para tirar os cursos de português. Mas, antes tínhamos alguns alunos que eram filhos de imigrantes. Normalmente, esses alunos não falavam que eles eram. Mas, acabamos descobrindo, por exemplo, quando eles responderam que eles já tinham comido a comida brasileira.”

Professor 6:

“Procuram não se diferenciar dos outros.”

Professor 7:

“Os poucos são alunos do curso que ministro no colégio japonês. Eles não gostam de se identificar como brasileiros e têm vergonha de falar em português (reconhecem que, apesar de filhos de brasileiros, sabem muito pouco ou falam errado o idioma materno).”

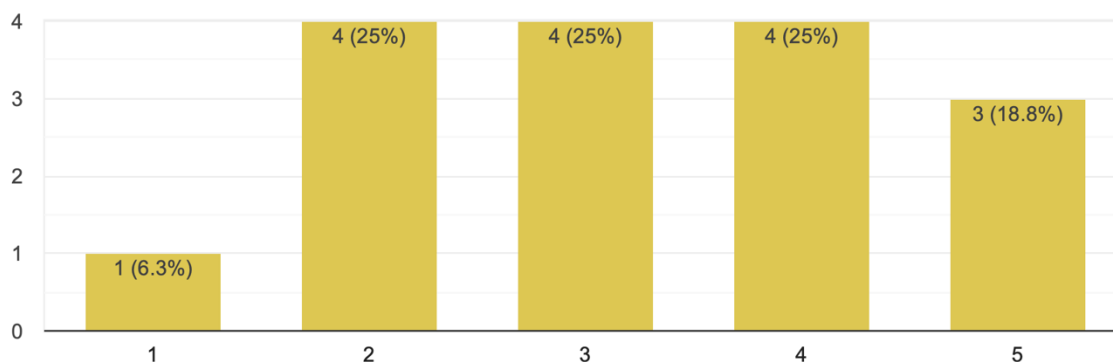
Professor 8:

“Sempre tive alunos imigrantes brasileiros. No início do curso a maioria sente vergonha e pede para não os apresentar como brasileiros. Contudo, durante o curso podemos vê-los resgatando o orgulho da nacionalidade e eles mesmo vão se assumindo como tais.”

3.4 Além do idioma em si, qual é o nível de interesse de seus alunos por aspectos socioculturais dos países lusófonos?

Além do idioma em si, qual é o nível de interesse de seus alunos por aspectos socioculturais dos países lusófonos?

16 responses

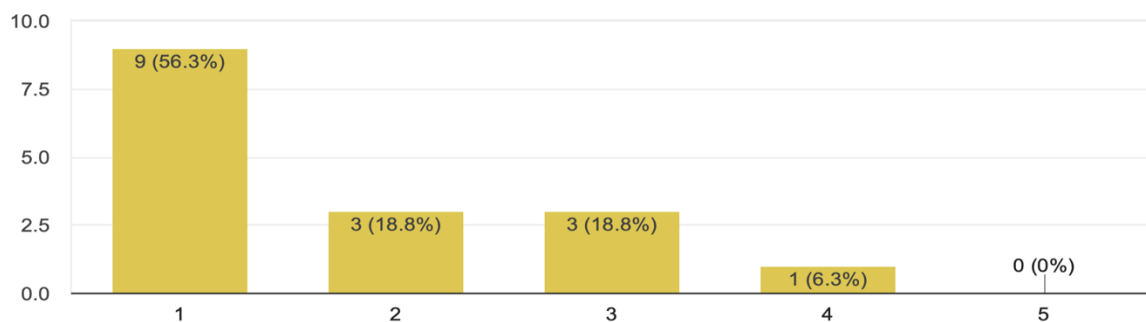


Numa escala de 1 a 5, de “pouco interesse” a “muito interesse”, apenas um professor escolheu a primeira opção. As opções 2, 3 e 4 foram escolhidas por quatro professores cada e três professores escolheram a opção número 5.

3.5 Qual é o nível de conhecimento de seus alunos de português sobre países lusófonos além do Brasil e de Portugal?

Qual é o nível de conhecimento de seus alunos de português sobre países lusófonos além do Brasil e de Portugal?

16 responses

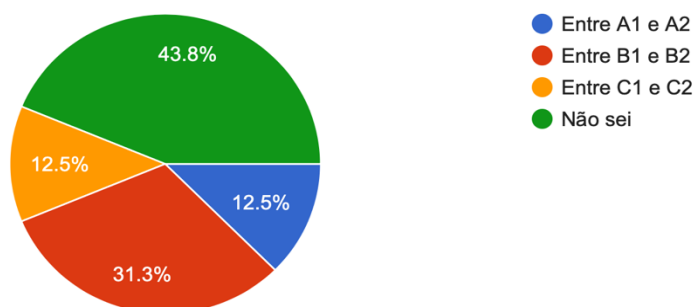


Numa escala de 1 a 5, de “quase nenhum” a “bastante alto”, nove professores, ou seja, mais da metade, escolheram a opção número 1. Três professores cada escolheram as opções 2 e 3, e um professor escolheu a opção número 4. Nenhum professor escolheu a opção número 5.

3.6 Usando o QEQR, como você classificaria o nível médio dos alunos japoneses que se formam em uma universidade japonesa?

Usando o QEQR, como você classificaria o nível da maioria dos alunos japoneses que se formam em português numa universidade japonesa?

16 responses



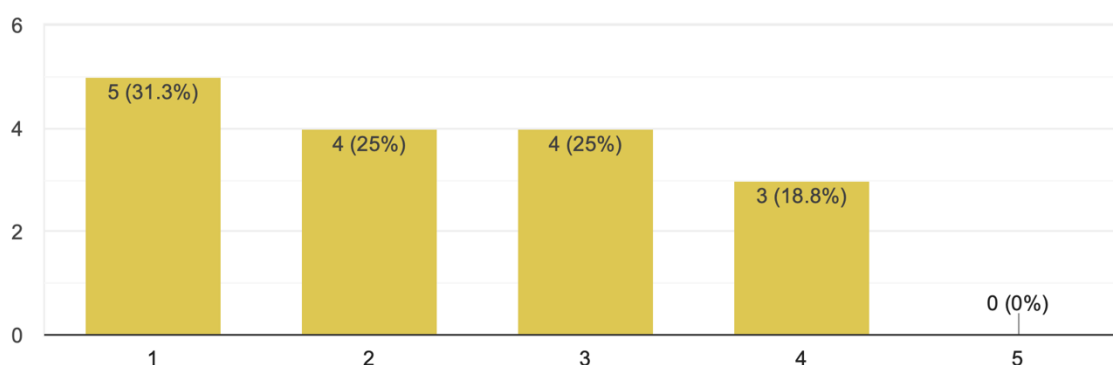
Sete professores (quase a metade) não soube fazer esta classificação. Dois professores classificaram seus alunos que se formam entre A1 e A2, cinco professores entre B1 e B2 e dois professores entre C1 e C2.

Nas entrevistas também foi observada uma grande discrepância nas respostas a esta pergunta. Realmente existe uma grande diferença de nível acadêmico entre as diferentes universidades, mas a discrepância indica também a subjetividade do uso das diretrizes do QECR.

3.7 Qual é a proporção aproximada de seus alunos de português que fazem intercâmbio em países lusófonos?

Qual é a proporção aproximada de seus alunos de português que fazem intercâmbio em países lusófonos?

16 respostas



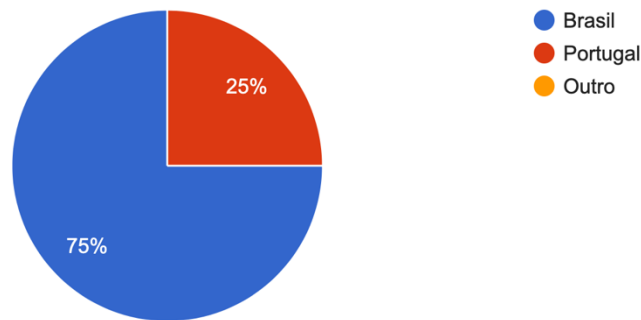
Numa escala de 1 a 5, de “muito poucos” a “quase todos”, cinco professores escolheram a opção número 1, quatro professores cada escolheram a opção 2 e 3, três professores escolheram a opção 4 e nenhum professor escolheu a opção número 5.

Os universitários japoneses estão entre os mais prósperos do planeta, mas a proporção de estudantes que têm interesse ou intenção de fazer intercâmbio num país lusófono é relativamente baixa. Entre os motivos citados por alunos e professores para esta falta de interesse estão: pouco incentivo para a realização de intercâmbio, pouca motivação para aperfeiçoar o idioma, percepção de países lusófonos como “perigosos” ou “pobres” e pouco conhecimento sobre estes países ou sobre as atividades de intercâmbio.

3.8 Qual é o país mais escolhido por seus alunos para intercâmbio?

Qual é o país mais escolhido por seus alunos para intercâmbio?

16 respostas



Estas foram as respostas:

Brasil:	12 professores
Portugal:	4 professores

3.9 Você considera o intercâmbio uma atividade positiva para alunos de português no Japão Explique sua resposta. (opcional)

As doze respostas obtidas através do questionário foram positivas:

Professor 1:

“Sim, mas com consequências que nem sempre são negativas.” [sic]

Professor 2:

“Sim! Precisam de mais vivência no exterior para praticar o idioma e assimilar a cultura.”

Professor 3:

“Sim. O fato de conhecer mais da cultura do país, por exemplo faz muita diferença.

Professor 4:

“Sim.”

Professor 5:

“Sim! Muito positivo pois há a possibilidade de imersão na cultura, de falar diretamente com nativos em um português mais informal e da cotidiana. Enfim, a experiência de vida com pessoas do povo.”

Professor 6:

“Acho que é muito importante. Todos os que vão estudar fora voltam com um nível muito mais alto na Língua, além de que a experiência de morar no estrangeiro os faz crescer em maturidade e alargar a sua visão do mundo, pontos de vista, valores humanos, etc.”

Professor 7:

“Sim, pois a vivência do idioma é cultura faz toda a diferença.”

Professor 8:

“Como não temos o departamento de português, ou seja, nenhum aluno está estudando o português como especialização, escolher o Brasil ou Portugal para fazer intercâmbio já dá uma sensação de saber tomar decisão para meus alunos.”

Professor 9:

“Com certeza. Pois assim colocam em prática o que é aprendido na sala de aula.”

Professor 10:

“Claro. Qualquer pessoa que estuda um idioma, precisa sentir na pele e vivenciar a língua in loco.”

Professor 11:

“Além de ser uma rica experiência para a vida, o intercâmbio oferece aos jovens a oportunidade de praticar e conhecer as nuances do idioma português.”

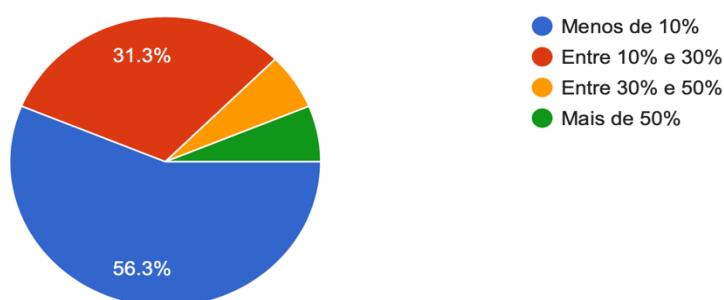
Professor 12:

“Sem dúvidas que sim. O intercâmbio apresentará ao estudante todas as situações reais que a aula, por mais bem preparada que seja, jamais conseguirá. A necessidade de sobrevivência usando apenas aquele idioma, acredito, ser a forma mais significativa para aprender qualquer idioma.”

3.10 Qual é a porcentagem aproximada de seus alunos que usam português na vida profissional depois de se formarem?

Qual é a porcentagem aproximada de seus alunos que usam português na vida profissional depois de se formarem?

16 responses



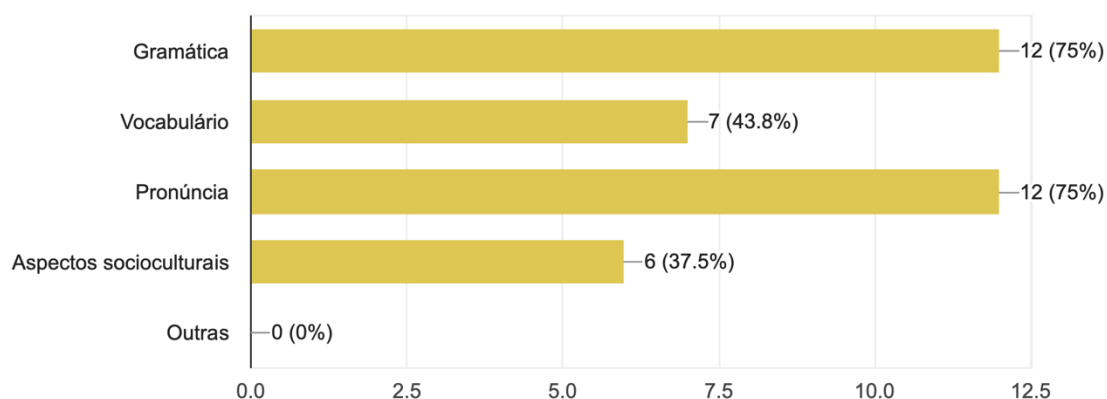
Nove professores, ou seja, mais da metade, afirmam que menos de 10% de seus alunos usam o português em sua vida profissional depois de se formarem. Cinco disseram entre 10% e 30%, um professor disse entre 30% e 50% e um outro disse que a porcentagem é superior a 50%.

4. Sobre o Aprendizado de Português no Japão

4.1 Quais são as principais dificuldades encontradas por seus alunos de português? (assinale todas as opções relevantes)

Quais são as principais dificuldades encontradas por seus alunos de português? (assinale todas as opções relevantes)

16 responses

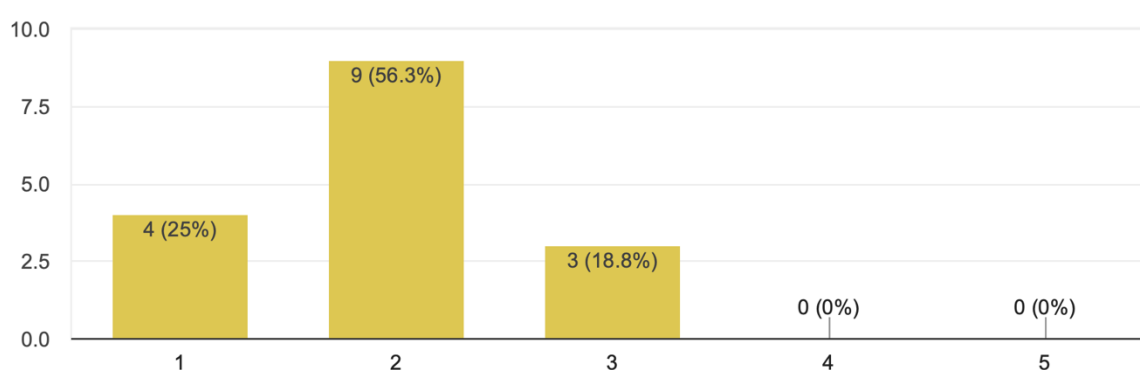


As dificuldades mais mencionadas, com doze professores cada, foram a gramática e a pronúncia do português, seguidas do vocabulário (sete professores) e os aspetos socioculturais (seis professores).

4.2 Em geral, qual é o nível de contato da maioria dos seus alunos com a língua portuguesa fora das aulas?

Em geral, qual é o nível de contato da maioria de seus alunos com a língua portuguesa fora das aulas?

16 respostas

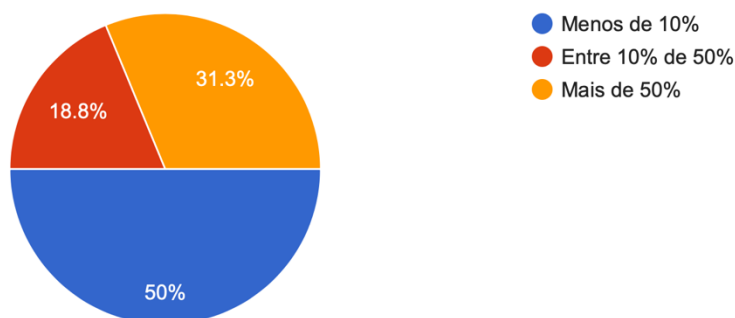


Numa escala de 1 a 5, de “pouco a nenhum contato” a “contato diário”, quatro escolheram a opção número 1, nove professores escolheram a opção número 2 e três professores escolheram a opção número 3. Nenhum professor escolheu as opções 4 ou 5.

4.3 Com exceção do inglês básico ensinado nas escolas japonesas, qual é a proporção aproximada de seus alunos que estudaram outro idioma antes do português?

Com exceção do inglês básico ensinado nas escolas japonesas, qual é a proporção aproximada de seus alunos ...am outro idioma antes do português?

16 responses



Oito professores responderam que menos de 10% de seus alunos estudaram outro idioma (além do inglês), três professores disseram que esta proporção fica entre 10% e 50% dos alunos e cinco professores afirmaram que mais de 50% dos alunos o fizeram.

4.4 Você nota diferenças entre os alunos que já estudaram e os que nunca estudaram outro idioma? Em caso afirmativo, poderia descrever algumas dessas diferenças? (opcional)

Doze professores responderam a esta pergunta opcional. Para além das questões linguísticas, como pronúncia, vocabulário e compreensão auditiva, tornam-se evidentes também algumas diferenças culturais:

Professor 1:

“Sim. Alunos que falam outros idiomas têm mais facilidade em aprender.”

Professor 2:

“Sim, eles têm mais flexibilidade para compreender a gramática e fazem conexões mentais mais rápidas entre palavras de mesma origem ou similares, o que facilita o aprendizado.”

Professor 3:

“Sim. A semelhança com palavras inglesas, maior facilidade do aparelho fonológico.”

Professor 4:

“Alunos que estudaram outro idioma podem inferir melhor certas nuances da língua portuguesa, às vezes, pela proximidade dos idiomas, ou, às vezes, pela experiência de já ter aprendido um outro idioma falando diretamente com nativos de outros países.”

Professor 5:

“Tenho tido alguns alunos que já tinham estudado espanhol. Apesar de terem a tendência a confundir as duas línguas, aprendem mais rapidamente do que os que só tinham estudado inglês.”

Professor 6:

“Sabem letras romanas.”

Professor 7:

“Os alunos que já estudaram outro idioma tentam me entender quando eu uso as palavras não ensinadas.”

Professor 8:

“Não. Depende muito do aluno.”

Professor 9:

“Sim, os que falam outras línguas têm mais facilidade de aprender português.”

Professor 10:

“Os que já estudaram aceitam mais as diferenças e aspetos culturais no idioma, como conjugação, género das palavras etc. Em contrapartida os que nunca o fizeram, são mais presos às semelhanças e se assustam mais com as diferenças.”

Professor 11:

“A principal diferença está na pronúncia. Quem um dia estudou outro idioma além da língua materna e do inglês, percebe com facilidade a diferença entre uma vogal aberta e uma fechada, capta os nasais, e também consegue assimilar rapidamente a gramática e ampliar o vocabulário fazendo comparações entre os vários idiomas.”

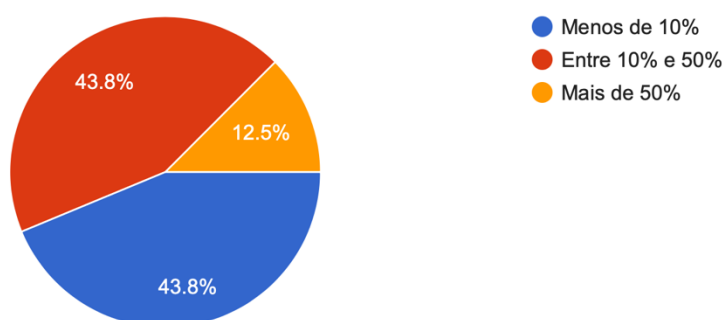
Professor 12:

“Tornam-se melhores críticos. Têm uma pronúncia melhor.”

4.5 Qual é a proporção aproximada de seus alunos que têm um domínio suficiente de português para estudar numa universidade de um país lusófono?

Qual é a proporção aproximada de seus alunos que têm um domínio suficiente de português para estudar numa universidade de um país lusófono?

16 responses



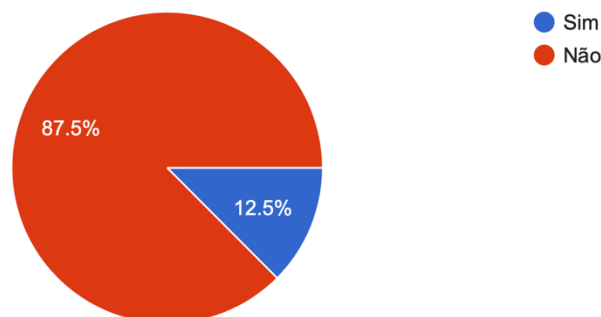
Quase todos os professores que responderam ao questionário acreditam que pelo menos 50% de seus estudantes não têm domínio suficiente de português para estudar numa universidade de um país lusófono. Sete professores afirmam que apenas 10% ou menos de seus alunos conseguiria acompanhar um curso no exterior. Apenas dois professores acreditam que mais de 50% de seus alunos têm um nível de português suficiente para tal experiência. Estas foram as respostas:

Menos de 10%:	7 professores
Entre 10% e 50%:	7 professores
Mais de 50%:	2 professores

4.6 Seus alunos leem livros em português?

Seus alunos leem livros em português?

16 responses



Apenas dois professores disseram que seus alunos leem livros em português. Todos os outros professores disseram que seus alunos não os leem. Apesar desses números, quatro professores responderam à próxima pergunta:

4.7 Em caso afirmativo, poderia citar alguns autores lidos por seus alunos?

Essas foram as respostas:

Professor 1:

“Livros infantis.”

Professor 2:

“Alguns leem Saramago, Machado, Suassuna, etc., mas só quando usam estes autores para trabalhos de conclusão de curso.”

Professor 3:

“Alguns alunos leram obras de Paulo Coelho (não por indicação minha, mas porque era o único escritor brasileiro que conheciam).”

Professor 4:

“Por 8 anos ministrei aulas de literatura em uma das universidades onde trabalho e deveriam escolher um livro de qualquer autor brasileiro para fazerem o trabalho final. Além disso, durante o semestre (composto por 15 aulas) eles leram a “Carta de Caminha” e partes de “Isaú e Jacó”, de Machado de Assis, e “Os Sertões”, de Euclides da Cunha.”

4.8 Você considera o uso das diretrizes do QEER adequado ao ensino de português no Japão? Por quê?

Apenas quatro professores que responderam ao questionário disseram que não conhecem, ou não têm familiaridade com as diretrizes da QEER. Dos doze professores restantes, seis disseram que as diretrizes não são apropriadas pelos seguintes motivos, além de outros que não foram especificados:

- Diretrizes são voltadas para a Europa e não se aplicam ao ensino de idiomas no Japão
- Diretrizes não são úteis para o nível básico
- Não há respaldo entre colegas, já que a maioria desconhece o QEER

Entre os seis professores que consideram as diretrizes adequadas ao ensino de português no Japão, as razões mencionadas foram:

- Elas proporcionam uma base comum
- Instrumento para avaliação e auto avaliação dos alunos
- Diretrizes dão bons resultados
- Estudantes gostam porque os japoneses são “metódicos”
- Servem como referência
- Dão propósito aos cursos

Alguns professores entrevistados disseram que para conseguirem adaptar o QEER à realidade dos japoneses precisam fazer grandes mudanças, ou ignorar alguns aspectos das diretrizes, principalmente no tocante à habilidade comunicativa oral e escrita dos estudantes.

Estas foram as respostas enviadas pelos professores:

Professor 1:

“Não - várias razões.”

Professor 2:

“Não conheço bem as diretrizes para avaliar.”

Professor 3:

“Sim. Cria uma base comum e dá ao aluno uma ideia de como está o seu nível.”

Professor 4:

“Sim, porque é uma forma de comprovar o real domínio da língua pelos estudantes.”

Professor 5:

“Não. O índice foi feito para alunos da Europa.”

Professor 6:

“Sim! Porque é, pelo menos, um parâmetro de avaliação da aprendizagem.”

Professor 7:

“Acho que sim. Tenho usado o material que segue as diretrizes do QECR no Ministério de Assuntos Exteriores e tem dado um bom resultado.”

Professor 8:

“Não sei o que é exatamente QECR.”

Professor 9:

“Poderia ser apropriado, mas como meus alunos aprendem só português básico, para mim não é muito útil.”

Professor 10:

“Não. Há teses sobre o assunto, o QECR foi criado para a sociedade europeia e não se aplica perfeitamente ao Japão.”

Professor 11:

“Sim.”

Professor 12:

“Não tenho familiaridade com o QECR.”

Professor 13:

“Não sei dizer.”

Professor 14:

“Sim. Japoneses são bem metódicos e se sentem bem com isso.”

Professor 15:

“Ele serve como uma referência para que os cursos tenham um propósito. Sem uma diretriz, a tendência é a aula ficar em um círculo vicioso ou se tornar um bate-papo ou encontro de amantes do Brasil.”

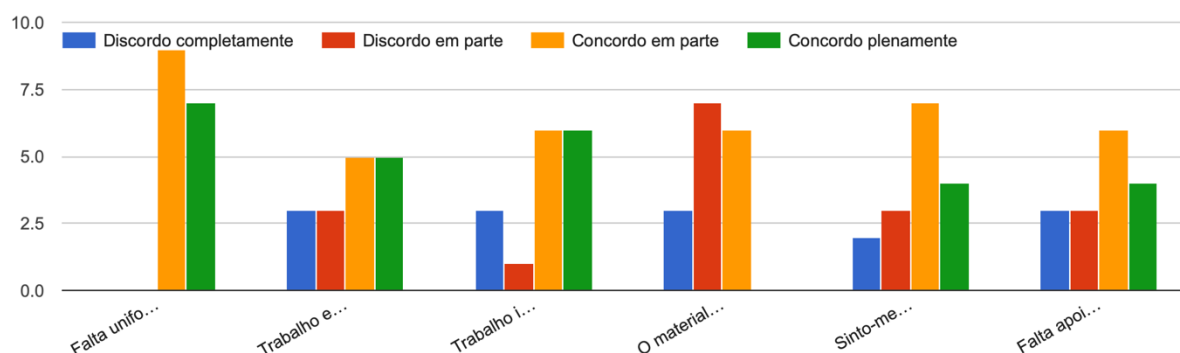
Professor 16:

“Não, no meu caso, metade das aulas que ministro são compartilhadas com outros colegas e ninguém sabe o que é isso.”

A questão do uso das diretrizes do QECR no Japão voltará a ser abordada com mais detalhe em outro capítulo.

4.9 Avalie as seguintes afirmações sobre sua vida profissional como professor(a) de português no Japão:

Avalie as seguintes afirmações sobre sua vida profissional como professor(a) de português no Japão:



Estas afirmações sobre a vida profissional foram elaboradas a partir de comentários feitos por professores ao longo dos anos e algumas das respostas abaixo voltarão a ser abordadas nesta desta dissertação.

“Falta uniformização no ensino de português no Japão.”

Discordo completamente	Nenhum professor
Discordo em parte	Nenhum professor
Concordo em parte	9 professores
Concordo plenamente	7 professores

“Trabalho em conjunto com outros professores de português.”

Discordo completamente	3 professores
Discordo em parte	3 professores
Concordo em parte	5 professores
Concordo plenamente	5 professores

“Trabalho isoladamente.”

Discordo completamente	3 professores
Discordo em parte	1 professores
Concordo em parte	6 professores
Concordo plenamente	6 professores

“O material didático disponível no Japão é adequado às necessidades dos meus alunos”

Discordo completamente	3 professores
Discordo em parte	7 professores
Concordo em parte	6 professores
Concordo plenamente	Nenhum professor

“Sinto-me apoiado e incentivado pelas instituições onde trabalho.”

Discordo completamente	2 professores
Discordo em parte	3 professores
Concordo em parte	7 professores

Concordo plenamente 4 professores

“Falta apoio e incentivo ao nosso trabalho.”

Discordo completamente 3 professores

Discordo em parte 3 professores

Concordo em parte 6 professores

Concordo plenamente 4 professores

Para terminar este capítulo, seguem comentários extras feitos pelos professores entrevistados:

Professor 1

“... Em relação à pergunta sobre a preferência dos estudantes pelos países lusófonos para estudar e para fazer intercâmbio, devo observar que antes havia uma forte preferência pelo Brasil, o que, nos últimos 3 ou 4 anos, não tem sido mais. Muitos preferem ir a Portugal com o argumento de que a violência e a turbulência política no Brasil estão acima dos níveis mínimos de segurança.”

Vários professores entrevistados notaram esta tendência recente entre estudantes de português no Japão. Não é possível prever o que vai acontecer no futuro, mas esta mudança na escolha do país para intercâmbio demonstra que a situação é volátil e pode mudar de uma hora para a outra por razões fora do controle dos professores e das universidades. Uma mudança na percepção dos japoneses sobre a situação política no Brasil ou em outros países lusófonos pode alterar vários fatores fundamentais para a nossa profissão, que vão desde o número de alunos nos cursos de português (que como foi mencionado anteriormente, está atualmente em declínio), até a escolha do material didático, que depende em parte dos objetivos e preferências dos estudantes. Vários professores, incluindo o autor desta investigação, já começaram a substituir livros didáticos brasileiros por edições portuguesas, em alguns casos a pedido dos alunos. A deterioração da estabilidade social e política do Brasil pode ter um sério impacto sobre a situação profissional e financeira dos professores de português em todo o mundo, e resultar inclusive na redução de cursos e subsequentes cortes no número de professores de português em escolas e universidades. No Japão, isto, infelizmente, já começou a acontecer.

Professor 2

“... Gostei das perguntas e fizeram-me pensar que seria importante ter um espaço onde pôr em comum e discutir sobre os métodos e materiais que utilizamos para o ensino do Português.”

Professor 3

“Gostaria de lecionar o idioma português durante o dia inteiro, porém, a língua portuguesa, em sua maioria, é estudada como um hobby, o que acaba ficando para segundo plano e ser estudada depois do trabalho. O que quero dizer é que mesmo que eu queria ensinar o dia inteiro, não há demanda para tal. Acabo trabalhando como professor de português apenas na parte da noite.”

Este comentário demonstra uma grande diferença entre o status do estudo de português e do inglês no Japão. De fato, o português não é visto por muitos japoneses como uma língua “útil” para o mercado de trabalho japonês, e muitos dos estudantes, incluindo universitários, estuda português como um “hobby”.

Professor 4:

“... Os alunos dos cursos semanais, como os da NPO ABC Japan, são profissionais liberais com larga experiência de vida e até formação em português. Eles são diferentes dos alunos do colégio e do curso da JICA¹⁵, pois precisam ter presença em sala de aula e obter notas na prova (só para aprovação).”

O comentário deste professor chama a atenção para as discrepâncias entre os objetivos e o desempenho dos estudantes de português nos diferentes tipos de instituição onde o idioma é ensinado. O foco desta dissertação foi o ensino do idioma em universidades e escolas de idiomas, mas, como mencionado neste comentário, há outros tipos de organizações, como associações, ONG's e NPO's, corporações privadas e órgãos do governo, onde o português é ensinado por razões diversas. Esta dissertação não pretende cobrir todos estes diferentes cursos.

A análise das respostas do questionário e das entrevistas aponta para as seguintes conclusões parciais sobre os professores de português no Japão:

¹⁵ JICA: Iniciais em inglês da Agência Internacional de Cooperação do Japão, um órgão do governo japonês que emprega vários japoneses que falam português e realiza missões de desenvolvimento de infraestrutura em países em desenvolvimento, incluindo o Brasil e países lusófonos da África.

- A grande maioria dos professores de português do Japão são divididos em três nacionalidades principais: brasileiros (incluindo descendentes de japoneses), portugueses e japoneses, com divergências significativas entre os três grupos.
- Não há, até onde este estudo pôde constatar, casos de discriminação de gênero, nacionalidade, idade e orientação sexual entre os professores de português do Japão, embora o sistema empregatício das universidades favoreça o emprego de japoneses em cargos permanentes.
- A formação dos professores de português empregados na região de Tóquio e arredores varia bastante, desde professores que nunca estudaram numa universidade até aqueles que possuem Mestrados e/ou Doutorados em universidades do Japão ou de outros países. Muitos professores estrangeiros não são formados em Educação, Magistério, Letras ou outras áreas relacionadas ao ensino de idiomas.
- Os professores de português do Japão têm liberdade para criar currículos que não estão, necessariamente, vinculados a diretrizes do QECR ou de quaisquer instituições ou órgãos de política de línguas, dentro ou fora do Japão.
- Professores estrangeiros recebem pouco ou nenhum treinamento das universidades onde trabalham, muitas vezes não conhecem seus colegas e geralmente não são incentivados a participarem em reuniões ou a contribuírem nas decisões sobre cursos, metodologia ou materiais didáticos.
- A maioria dos professores de português costuma complementar o material didático utilizado em suas aulas com suas próprias apostilas, vídeos e áudios.
- Professores de português em universidades são encorajados a avaliarem positivamente e a não reprovarem seus alunos, desde que eles tenham a presença mínima necessária durante o semestre letivo.
- Professores de português acreditam que o desempenho acadêmico dos estudantes japoneses é baixo, mas coerente com o nível geral das escolas e universidades do Japão, e com seu sistema educacional e profissionalizante.
- Muitos professores de português do Japão não acreditam que seus alunos tenham as habilidades linguísticas e culturais necessárias para estudar numa universidade de um país lusófono.

Situação Empregatícia e Perspectivas dos Professores de Português no Japão

A profissão do professor é altamente respeitada no Japão, e professores são tratados pelo título “sensei”. Adicionado ao sobrenome, este honorífico é usado por estudantes e colegas de trabalho, e indica um reconhecimento da importância da profissão numa sociedade que valoriza a educação.

Professores estrangeiros são imediatamente tratados com o mesmo respeito ao começar a trabalhar numa escola ou universidade do Japão, aparentemente sem nenhuma diferença do tratamento recebido pelos professores japoneses. No entanto, como em toda a sociedade japonesa, as instituições de ensino do Japão são regidas por uma rígida estrutura hierárquica que, embora nem sempre óbvia para os estrangeiros, determina tudo o que acontece na vida desses profissionais, desde o momento de sua contratação até sua reforma ou afastamento.

Esta hierarquia é observada também entre as universidades do Japão. De acordo com o site “Top Universities”¹⁶, há cerca de 780 universidades do Japão, das quais, cerca de 80% são universidades privadas. As universidades nacionais são as melhores, e o nível acadêmico das universidades privadas varia bastante, mas é normalmente baixo em termos globais. De acordo com o ranking mundial de universidades do site “Times Higher Education”, apenas duas universidades Japonesas estão entre as 100 melhores do mundo: a de Tóquio e a de Kyoto, ambas nacionais.

Sobre a situação atual dos docentes do Japão, podemos dizer que, tanto entre os japoneses como entre os estrangeiros, os professores têm cada vez menos segurança empregatícia. Posições permanentes – as chamadas “cadeiras”, ou “tenure” em inglês – estão ficando cada vez mais raras e é comum encontrar departamentos onde quase todos os professores são empregados temporários, com contratos que são renovados anual ou semestralmente. Das universidades investigadas para este estudo em Tóquio e arredores, apenas uma delas tinha professores estrangeiros no seu quadro de “permanentes”. Nas outras, os chefes do departamento de Português são japoneses, e todos os professores estrangeiros são empregados em regime temporário. Entre estas posições, que estão na base da pirâmide hierárquica, e as

¹⁶ <https://www.topuniversities.com/where-to-study/asia/japan/guide>

posições permanentes, há vários outros tipos de contratos, renováveis ou não, com durações mais longas, às vezes de 3, 5 ou 10 anos, e depois as posições de “professor-convitado” e “professor-adjunto”. Todo o sistema vem passando por mudanças e cortes, e professores em contratos temporários de trabalho parcial são os que mais estão sofrendo com estas mudanças, como Shaun O’Dwyer explica num artigo sobre o trabalho do sindicato de professores da Universidade de Tóquio publicado em março de 2019:

“This trend (o aumento de professores contratados em regime temporário) had been complicated by a 2013 amendment to the Labor Contract Law, intended to improve job security for limited-term contract part- and full-time workers. The amendment provides for them to apply for and be granted conversion to permanent part- or full-time status, if during a period exceeding five years beginning in April 2013, they have worked for the same employer continuously on single or multiple contracts. Against trade union objections, a number of employers — including universities — resorted to subterfuge to prevent such conversions from taking place, by dismissing employees finishing contracts short of the five-year limit after April 2013, or by imposing a six-month “cooling off” period between five-year limited-term contracts to subvert the “continuous employment” criterion.”¹⁷ (O’Dwyer, 2019)

No momento em que esta dissertação está sendo escrita, professores em contratos temporários (que hoje são a maioria) continuam sendo pressionados pelas universidades a parar por seis meses antes de completar cinco anos numa mesma posição, em períodos não remunerados e eufemisticamente chamados de “períodos de arrefecimento”, perdendo assim o direito de pedir uma contratação permanente – ainda que em regime de tempo parcial – nessas universidades. Em 2018 (cinco anos depois da emenda de 2013), o próprio autor desta dissertação teve de parar de trabalhar por seis meses, sem remuneração, numa escola onde havia trabalhado durante 18 anos sem interrupção e, a partir de abril do ano que vem, terá de parar outra vez

¹⁷ Tradução do autor: “Esta tendência foi complicada por uma emenda de 2013 da Legislação de Contratos Laborais cuja intenção era melhorar a segurança empregatícia de trabalhadores, em tempo parcial ou integral, com contratos de tempo limitado. Segundo a emenda, esses trabalhadores poderiam pedir e receber uma conversão de seus contratos de temporários para permanentes, em tempo parcial ou integral, se eles tivessem trabalhado para o mesmo empregador por mais de cinco anos a partir de abril de 2013, sem interrupção, com um ou mais contratos renováveis. Ignorando as objeções de sindicatos, vários empregadores – incluindo universidades – usaram um subterfugio para escapar dessas conversões, demitindo empregados antes do término do limite de cinco anos a partir de 2013, ou forçando-os a tirar um período de “resfriamento” de seis meses entre períodos de cinco anos de contratos, para subverter o critério de “emprego contínuo”.

numa outra universidade (uma das mais prestigiadas no ensino de português em Tóquio) por outros seis meses, onde estaria completando cinco anos de contratação ininterrupta.

As consequências desta reforma para os empregados e para seus empregadores foram e estão sendo desastrosas. Para algumas instituições, esta emenda apresentou-se como uma oportunidade para não renovar contratos de professores que estavam trabalhando há 20, 30 ou mais anos que, da noite para o dia, se viram desempregados e sem perspectivas de conseguir uma outra posição. Numa tentativa de manter alguns professores, mas sem conceder-lhes contratos permanentes, vários departamentos tiveram que criar cronogramas complicados para coordenar os tais “períodos de arrefecimento”, sobrecarregando os professores restantes e, em vários casos, tendo que contratar novos professores para preencher as vagas temporárias.

A notícia não foi recebida de bom grado, obviamente, nem pelos professores nem pelos chefes dos departamentos que tiveram de lidar com esta decisão das universidades. Alguns professores estrangeiros acabaram por deixar o país, criando um vácuo que teve de ser preenchido por jovens professores com pouca experiência ou professores japoneses sem as mesmas qualificações. Houve professores que tentaram levar estas universidades à justiça, com ou sem o apoio dos sindicatos, mas infelizmente poucos obtiveram um resultado favorável já que, para sua triste constatação, e apesar dos vários anos de trabalho que haviam dedicado a essas instituições, sob o ponto de vista legal do sistema japonês eles nunca passaram de empregados temporários com contratos que poderiam ou não ser renovados. Não havia nenhuma garantia trabalhista para esses professores. A maioria sabia disso, mas não esperava que sua situação realmente viesse a tornar-se precária, ou que eles pudessem realmente acabar desempregados. É importante ressaltar que vários desses professores vieram ao Japão durante os anos da chamada “economia de bolha” que durou cerca de 10 anos a partir de meados da década de 1980. Muitos foram contratados fora do Japão e chegaram ao país com a expectativa de trabalhar alguns anos e depois voltarem para seus países.

Contudo, muitos professores estrangeiros descobriram depois de anos trabalhando no Japão que a posição “respeitável” do “sensei” não era tão respeitável assim, ou antes, apesar do verniz de respeitabilidade, muitos não tinham a segurança empregatícia que supunham ter. A situação afeta professores japoneses e estrangeiros, mas apresentam um agravante para os estrangeiros, já que seus vistos muitas vezes dependem de sua situação empregatícia. Ou seja, além de encontrarem-se desempregados, alguns tiveram de deixar o país.

Além dessas consequências práticas, um efeito desmoralizante e muito mais profundo atualmente permeia a classe dos professores, e afeta visivelmente o corpo docente de todas as instituições. Para garantir um salário mínimo constante, professores que dedicaram décadas de suas vidas a uma ou duas instituições hoje trabalham em três, quatro ou mais lugares diferentes, incluindo em outras profissões, já que as universidades mostraram, de forma brutal, que não podem oferecer a segurança empregatícia que esses professores julgavam ter.

As perspectivas, principalmente para professores de português, não são boas. Além da atual queda na demanda e, portanto, no número de alunos, cortes de verbas para a área de humanidades, um aumento no sentimento nacionalista e isolacionista dos japoneses e o envelhecimento e declínio da população do país, entre outros fatores, parecem indicar que a situação empregatícia não deve melhorar nos próximos anos.

Ao mesmo tempo, é justamente o envelhecimento e declínio da população japonesa (que avança em cifras cada vez mais assustadoras, e num dos ritmos mais acelerados do planeta) que traz um raio de esperança para os professores de línguas estrangeiras que vivem no Japão, já que o aumento da imigração e uma subsequente diversificação da sociedade, como a situação que vemos hoje nos Estados Unidos, na União Europeia e em outros países industrializados, pode transformar-se num destino inevitável para os japoneses, por menos preparados e dispostos que eles próprios estejam para encarar este futuro.

Resumo dos Objetivos desta investigação

Este foram os objetivos atingidos através desta investigação:

1. Identificação de Aspectos e Obstáculos do Ensino de Português no Japão

1.1 Aspectos Positivos

Uma análise das entrevistas com estudantes e professores de português no Japão do século XXI revelou que a percepção dos japoneses sobre a língua portuguesa e a cultura dos países lusófonos é positiva. Em comparação com o estudo obrigatório do inglês, o estudo de português é opcional, e estudantes têm interesses genuínos, como a história de Portugal, a música do Brasil e o futebol, entre outros. A admissão para cursos de português nas universidades cobertas pelo estudo é relativamente fácil, resultando inclusive na presença de estudantes que não obtiveram pontos suficientes para estudar espanhol, inglês ou outras línguas consideradas mais importantes no Japão. Embora os resultados acadêmicos sejam relativamente baixos, principalmente em termos globais, vários japoneses com formação universitária em português conseguem utilizar o idioma em sua vida profissional, ou então obter experiências positivas em intercâmbios, trabalhos voluntários ou de desenvolvimento em países lusófonos. O contato com realidades socioculturais pouco conhecidas pelos japoneses expande o horizonte dos estudantes de português para além dos estereótipos dos países industrializados sobre os países em desenvolvimento, gerando um debate saudável e experiências enriquecedoras para esses indivíduos.

1.2 Aspectos Negativos

A sociedade japonesa continua sendo uma das mais autossuficientes e homogêneas do planeta, e o ensino de idiomas estrangeiros ainda é visto por muitos educadores e instituições como algo quase subversivo e potencialmente perigoso, já que permite que jovens japoneses se deparem com valores, princípios e estilos de vida totalmente diferentes e muitas vezes inaceitáveis na sociedade japonesa. A experiência do intercâmbio, geralmente positiva, cria problemas para alguns estudantes que, ao voltar, encontram dificuldades para conciliar o aprendizado linguístico e cultural com o rigoroso e hierárquico sistema de recrutamento de estudantes universitários, onde qualquer diferença de comportamento ou mentalidade, em relação ao pensamento grupal, ou “groupthink” da sociedade, pode ter efeitos negativos na avaliação dos recrutas (Shibata, 2019).

Além disso, apesar da atração e exotismo da música e da cultura, a imagem de países lusófonos no Japão, com fatos muitas vezes distorcidos ou exagerados pela mídia, é associada ao crime, à pobreza e ao perigo.

1.3 Obstáculos para o Ensino do Português no Japão

1.3.1 Implementação das diretrizes do QECR

Quando o QECR começou a ser apresentado em conferências, reuniões e simpósios de professores de inglês do Japão nos primeiros anos do século XXI, a reação inicial foi positiva. Vários professores, japoneses e estrangeiros, dedicaram-se à compreensão das diretrizes e houve sérias tentativas para sua implementação nas escolas e universidades do Japão. (Fennelly, 2016; Markel, 2018; Masashi, 2012; The Japan Foundation, 2015). Contudo, a presente investigação revelou que essas diretrizes continuam sendo vistas pelos professores de idiomas no Japão, e particularmente pelos professores de português, como uma tarefa difícil ou mesmo impossível, devido às expectativas linguísticas mais baixas das universidades japonesas, à pressão para a aprovação dos alunos, e às enormes diferenças socioculturais entre a Europa e o Japão, que não parecem ter sido levadas em consideração em sua elaboração. Na verdade, como mostram os questionários, vários professores e estudantes nem sabem o que é o QECR, e não encontram quaisquer exigências, por partes de seus empregadores, para a implementação de suas diretrizes.

1.3.2 Ausência de diretrizes e padrões de avaliação

O estudo mostrou também que vários professores de português que são, em sua maioria, empregados em regime informal com contratos temporários, têm pouco contato com os departamentos onde trabalham e, como resultado, acabam criando suas próprias diretrizes e padrões de avaliação. O conteúdo do currículo das universidades é inconsistente e formado sem nenhuma consulta entre as universidades ou órgãos governamentais, dentro ou fora do Japão, ficando inteira ou parcialmente a critério dos departamentos ou mesmo de cada professor. Geralmente, após a contratação de um(a) professor(a) de português, há uma ou mais reuniões com algum outro membro do corpo docente que lhe explicará, geralmente de maneira informal, o que ele ou ela vai ensinar no curso.

Um currículo é preparado e apresentado à universidade, e nos anos subsequentes, o processo é atualizado ou repetido no início de cada ano letivo. Há, no entanto, discrepâncias entre os currículos apresentados às universidades e o conteúdo das aulas, que precisa ser adaptado ao número e ao nível dos alunos.

No tocante às avaliações, professores estrangeiros são firmemente incentivados por seus superiores, de forma implícita ou explícita, a não reprovar nenhum aluno, a menos que ele ou ela exceda o número de faltas permitidas em cada semestre letivo. Esta política das universidades japonesas resulta em uma diluição do sistema de avaliação, que acaba tornando-se mais uma formalidade inútil. Alunos com baixíssimo rendimento acadêmico são aprovados e formados em universidades japonesas, o que explica porque tantos professores entrevistados responderam que uma grande proporção de seus estudantes não tem competência suficiente para estudar numa universidade de um país lusófono.

1.3.3. Condições das Instalações para Professores

Com exceção dos poucos professores de português e de outros idiomas estrangeiros que têm posições permanentes, as condições e instalações nas universidades investigadas deixam muito a desejar. Os professores temporários não têm seu próprio escritório, e nem mesmo sua própria escrivaninha, e precisam compartilhar salas, computadores, impressoras e fotocopiadoras com professores de outros departamentos. Essas salas sempre estão cheias, e é comum haver filas para o uso das instalações. Geralmente, os professores podem se inscrever para tentar obter um pequeno armário, onde pode deixar seus livros e pertences. Há sempre um(a) atendente japonês(a) que nem sempre consegue se comunicar com facilidade com os professores estrangeiros, um forno de micro-ondas e uma máquina de café e chá. Professores usam essas salas para preparar suas aulas, mas também para alimentar-se entre as aulas, ou almoçar. Muitos preferem não usar esses espaços, e acabam preparando suas aulas em casa e usando fotocopiadoras em bibliotecas públicas ou lojas de conveniência. O Japão é um país de tecnologia avançada, e as salas de aula geralmente têm bons projetores, aparelhos de DVD, microfones e acesso à internet. Algumas universidades têm computadores em todas as salas de aula.

Contudo, o uso desse equipamento nem sempre é fácil, já que requer que os professores se movimentem entre vários edifícios dos campi para obter chaves dos consoles, cabos e outros adaptadores (os sistemas não são uniformizados), aparelhos para DVD's estrangeiros, códigos e registros para uso da internet, etc.

2. Elaboração de Hipóteses sobre os Obstáculos

2.1 A posição do Japão no mundo

A questão do isolamento cultural, histórico e geográfico do Japão está amplamente documentada e devidamente relacionada com o ensino de idiomas estrangeiros em várias obras consultadas para esta pesquisa (Hendry, 2003; Kerr, 2001; Rowland, 2016; Takeuchi, 2002) e precisa ser levada em consideração também no contexto do ensino de português. Uma hipótese para os obstáculos encontrados por professores de português no Japão é que o país realmente ainda não se encontra preparado para levar o ensino de idiomas estrangeiros com a mesma seriedade vista em países ocidentais. Como vimos, existe uma relutância, e até mesmo uma certa desconfiança dos japoneses em aprender idiomas estrangeiros, e uma percepção, entre muitos, de que um indivíduo que fala outros idiomas torna-se “menos japonês”. Apesar de sua posição como terceira maior economia do planeta, devemos ter sempre em mente o fato de que o Japão permaneceu fechado para o mundo até o século XIX. A sociedade japonesa continua favorecendo a homogeneidade e a padronização de costumes e valores, em detrimento do questionamento de suas estruturas e da abertura para ideias e conceitos vindos de fora do país. Os níveis de hierarquia, fidelidade e lealdade e mentalidade de inclusão ou exclusão dos grupos sociais surpreendem os residentes estrangeiros já que, à primeira vista, o Japão parece ser uma nação “moderna”. As estruturas sociais do Japão são frequentemente comparadas àquelas do período feudal na Europa, e o país continua ignorante sobre e intocado pelos vários movimentos históricos e filosóficos do Ocidente, como o Renascimento, o Iluminismo, o Humanismo e a Revolução Francesa, bem como suas respectivas ideias e os avanços sociais trazidos por estes movimentos. Segundo o pesquisador do Instituto Mizuho Yutaka Okada em seu estudo “Japan’s foreign population hitting a record high: The government announces

the acceptance of more foreign workers”¹⁸ (Okada, 2018), em 1 de janeiro de 2018, a população total de estrangeiros no Japão atingiu, pela primeira vez, a marca dos 2,5 milhões. Apesar do tom alarmista do pesquisador, este número equivale a cerca de 2% da população total do país, uma proporção de estrangeiros baixíssima em comparação com a registrada em nações industrializadas do Ocidente. O governo reconhece, no entanto, que precisa de mais trabalhadores estrangeiros, como podemos constatar tanto neste como num outro artigo de 2018, do jornal *The Washington Post*. (Denyer & Kashiwagi, 2018). Não é possível prever como este aumento no número de estrangeiros vai afetar o ensino de português no Japão no futuro, mas podemos afirmar que, neste momento, esta atividade continua sendo limitada pela própria situação do Japão no cenário mundial.

2.2 Pouco contato entre as universidades e organismos internacionais

Outra hipótese sobre os obstáculos encontrados pelos professores de português no Japão, é que o contato entre esses professores e as próprias universidades e escolas japonesas e os vários organismos de divulgação da língua portuguesa de países lusófonos, como o Instituto Camões, o Ministério da Educação do Brasil, e as embaixadas desses países poderia ser bem maior. Uma rápida visita ao site do Instituto Camões¹⁹, por exemplo, revela que o site não é atualizado há muito tempo. Pelo menos dois dos contatos citados na página já não estão disponíveis: a Profa. Lilian Kano, da Universidade Kanda, que saiu do Japão há vários anos, e o Prof. Akira Kono, da Universidade de Osaka, que infelizmente faleceu em agosto de 2019. Se esta hipótese for comprovada, ela apresenta um caminho a ser seguido, e um dos objetivos desta investigação é aumentar o contato das universidades e professores do Japão com os países lusófonos.

¹⁸ Tradução livre: “População estrangeira no Japão atinge marca recorde: Governo anuncia aceitação de mais trabalhadores estrangeiros”.

¹⁹ <https://www.instituto-camoes.pt/activity/onde-estamos/japao>

3. Sugestões para o Futuro do Ensino de Português no Japão

3.1 Mais comunicação entre os docentes e as universidades

Levando-se em consideração as limitações físicas e financeiras dos professores de português no Japão, e o *modus operandi* das universidades japonesas, conforme o que foi apurado neste estudo, esta sugestão pode ser difícil de ser colocada em prática. A transparência não é bem vista na sociedade japonesa, e os progressos e avanços obtidos por professores e universidades nem sempre são compartilhados dentro das próprias universidades, e muito menos entre as instituições. Contudo, vários dos fatos revelados pela investigação, como a proibição de imigrantes ou filhos de imigrantes estudarem numa universidade, a falta de uniformização nos currículos e avaliações e o desconhecimento das diretrizes da QECR por vários professores, mostram que falta comunicação sobre assuntos básicos e importantes. Idealmente, essa sugestão deveria ser feita às universidades e escolas, para que o incentivo à comunicação venha delas, e não dos professores que estão lidando com prioridades mais básicas, como a renovação de seus contratos e a manutenção de seus salários.

3.2 Maiores esforços para a implementação de diretrizes do QECR

Como foi sugerido por alguns professores entrevistados para este estudo, a adaptação para a realidade japonesa e a adoção de diretrizes básicas do QECR na elaboração de currículos e nos processos de avaliação dos alunos seria benéfica para todos, principalmente para os estudantes. É preciso unificar os processos de avaliação dos estudantes de português dentro e fora das universidades do Japão, para que nos possamos aproximar dos padrões que já são observados no ensino de inglês, alemão e outros idiomas. Esta sugestão também precisará do apoio das universidades, bem como dos órgãos de divulgação da língua portuguesa fora do Japão, para que possa ser realizada de forma eficaz e duradoura.

3.3 Valorização do trabalho dos professores de português

Com pouquíssimas exceções, todos os professores de português entrevistados para esta investigação são profissionais altamente qualificados e extremamente dedicados ao seu trabalho. Ao longo de duas décadas de ensino no Japão, o autor participou das mais diversas iniciativas, que vão desde a organização de eventos para os alunos, como festas juninas, churrascos e feijoadas, até a elaboração de sofisticados concursos de oratória, montagens teatrais, shows de samba e concertos de música brasileira e portuguesa. A grande maioria desses eventos surgiu a partir da iniciativa dos professores, geralmente com o apoio das universidades, mas às vezes sem nenhum apoio, e realizados com grande sacrifício pessoal e, quase sempre, resultando em prejuízos financeiros, seja na cobertura de despesas inesperadas ou em horas de trabalho não remunerado. Infelizmente, embora sejam aparentemente apreciados pelos estudantes e pelas próprias universidades, quase todos esses eventos não recebem o reconhecimento e a valorização que merecem, e são geralmente extintos com a eventual saída dos professores responsáveis. Outros são abandonados pelos próprios professores, por falta de incentivo, apoio ou reconhecimento. Como professores, precisamos encontrar maneiras de demonstrar para as universidades e para os estudantes que tais eventos são benéficos para sua própria imagem e, potencialmente, lucrativos para as instituições e para o próprio país, de preferência com a participação e o apoio de órgãos de países lusófonos e com o patrocínio do setor privado. A valorização e reconhecimento desses profissionais também poderiam ser demonstrados pelas universidades e governos através de melhores condições de trabalho, maior estabilidade financeira, mais investimentos no treinamento e aperfeiçoamento dos professores, e a criação de mais posições permanentes. Essas medidas teriam um impacto imediato no ensino de português no Japão.

Conclusão

Como o ensino de português no Japão é um tema bastante amplo, esta investigação concentrou-se apenas nos aspetos socioculturais, cognitivos e pragmáticos do aprendizado, e, com raras exceções, limitou-se ao contexto de algumas universidades situadas na capital e em seus arredores. Mesmo assim, foi possível chegar a várias conclusões inéditas e, possivelmente, úteis para os profissionais do setor, dentro e fora do Japão.

A primeira conclusão, evidenciada pela comparação com o ensino de inglês, é que há um grande potencial para o desenvolvimento da indústria do ensino de português no Japão. O universo de ESL e EFL²⁰ é enorme, e inclui uma gama de metodologias, materiais didáticos e redes de apoio específicos para as necessidades e a realidade dos estudantes japoneses, que está anos-luz à frente das ferramentas disponíveis para o ensino da língua portuguesa no país. Evidentemente, essa discrepância reflete não apenas a maior importância do inglês no mundo, e principalmente no Japão, que é o maior aliado e parceiro económico dos Estados Unidos, mas também o alto nível de desenvolvimento académico e económico dos países anglófonos, principalmente do Reino Unido e dos Estados Unidos. Os professores de inglês têm oportunidades constantes de treinamento e aperfeiçoamento, um maior apoio de universidades e escolas de inglês do Japão, e acesso a materiais didáticos (analógicos e digitais) que simplesmente ainda não existem para o ensino de português. Além disso, embora a situação empregatícia dos professores de qualquer língua estrangeira no Japão seja parecida, há muito mais oportunidades de emprego, incluindo posições permanentes, para os professores de inglês, graças à demanda aparentemente inesgotável do ensino deste idioma no país. O estudo concluiu que embora a demanda para o ensino de português no Japão tenha crescido consideravelmente entre o início do século e meados da década de 2010, atualmente ela está passando por um declínio perceptível que, por sua vez, está afetando a segurança empregatícia dos professores e a própria qualidade do ensino.

No tocante aos problemas específicos do ensino de inglês no Japão, há uma extensa literatura publicada dentro e fora do Japão, e professores recém-chegados ao país podem facilmente adquirir o conhecimento necessário para lidar com as diferenças socioculturais encontradas na sala de aula. Ao contrário, este estudo concluiu que há poucas ferramentas disponíveis para os

²⁰ Iniciais em inglês para “Inglês como Segunda Língua” e “Inglês como Língua Estrangeira”.

professores de português que se deparam com obstáculos e desafios parecidos, e que a pouca informação disponível nem sempre é adequadamente compartilhada e disponibilizada a todos os profissionais do setor. Além disso, ficou evidente que vários aspectos do ensino de português são completamente diferentes daqueles encontrados por professores de inglês ou de outros idiomas, e que a compreensão e o estudo científico desses aspectos ainda são esparsos e incompletos.

Outra conclusão desta investigação foi que o estudo de aspectos socioculturais, cognitivos e pragmáticos do ensino de português em países do Ocidente quase nunca corresponde com a realidade do Japão, e que esta é uma das principais razões pelas quais as diretrizes do QECR são pouco conhecidas e raramente adotadas por professores estrangeiros ou japoneses. O estudo revelou peculiaridades sobre os estudantes, professores e o ambiente acadêmico do Japão que poderão servir como ponto de partida para um maior entendimento entre o Oriente e o Ocidente no que diz respeito à adaptação daquelas diretrizes para atender às necessidades específicas dos estudantes japoneses e que poderá, posteriormente, resultar em materiais didáticos e outras ferramentas direcionados especificamente para o mercado japonês.

A última conclusão importante desta investigação é que apesar das dificuldades e obstáculos citados pelos estudantes e professores entrevistados, os laços amigáveis e as excelentes relações diplomáticas entre o Japão e todos os oito (ou nove) países onde o português é língua oficial, incluindo o trabalho assistencial feito pelo Japão em países lusófonos da África e os laços históricos e comerciais do Japão com Portugal e Brasil, asseguram para nosso idioma uma posição inabalável no panteão das línguas estudadas e respeitadas pelos japoneses. Embora alguns dos problemas identificados na pesquisa sejam sérios e preocupantes, como a situação empregatícia dos professores de português e o baixo nível acadêmico das universidades japonesas, particularmente na área de Humanidades, vários outros obstáculos poderão ser facilmente superados com boa vontade e iniciativas simples, como um maior compartilhamento de informações, uma maior comunicação entre os professores, universidades e autoridades em países lusófonos, a divulgação de informações positivas sobre estes países e suas culturas, e uma modernização dos materiais didáticos e metodologias do ensino de português no país.

Portanto, a pergunta retórica do título deve ser respondida nesta conclusão com um veemente “sim, claro!” É obviamente possível ser japonês e falar português, mesmo que isto signifique

um trabalho constante de questionamento por parte dos estudantes e dos professores, sobre o que realmente significa este encontro entre culturas tão ricas e diversas, e por vezes antagônicas, como são as culturas de expressão portuguesa em várias partes do mundo, e a milenar cultura japonesa. Ao descobrir a diversidade dos países lusófonos, os estudantes japoneses enriquecem seu conhecimento geral sobre o mundo e sobre seu próprio país, e ao estudar português percebem que estão aprendendo muito mais do que apenas uma língua através do contato com várias culturas e mentalidades diferentes.

O potencial para o ensino de português e a divulgação da cultura dos países lusófonos no Japão é infinito e foi pouco explorado até hoje, na opinião do autor desta investigação que termina, portanto, com o forte desejo de que os governos e organizações relacionadas ao ensino de português no Japão e nos países lusófonos continuem investindo no setor, para que seus profissionais possam de cabeça erguida e em melhores condições, continuar a desenvolver este potencial, e a encurtar assim a enorme distância cultural que ainda existe entre esses países.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, A. M. S. R. de, & Rodrigues, R. L. (2018). *A missão jesuítica no Japão 1549-1614*. Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica Da UNICAMP. Número 26 - Outubro de 2018
- Boman, Y., Gustavsson, B., & Nussbaum, M. (2002). *A Discussion with Martha Nussbaum on "Education for citizenship in an Era of Global Connection."* Studies in Philosophy and Education, 21, 305–311. <https://doi.org/10.1023/A:1019818021891>
- Brandão, R. S. de N. (2013). *Brazilians in Japan*. Tokyo, Japan: ICAS 8 - Macau.
- Byram, M. (2008). *From Foreign Language Education to Education for Intercultural Citizenship: Essays and Reflections* Volume 17 of Languages for Intercultural communication and education. Multilingual Matters
- Carneiro, R., & de Matos, T. (1994). *O século cristão do Japão*. Braga: Barbosa & Xavier Lda.
- Cooper, M. (1995). *They came to Japan : an anthology of European reports on Japan, 1543-1640*. University of Michigan Center for Japanese studies
- Denyer, S., & Kashiwagi, A. (2018). *Japan passes controversial new immigration bill to attract foreign workers* - Artigo no jornal dos EUA The Washington Post publicado em 8 de dezembro de 2018 < https://www.washingtonpost.com/world/japan-passes-controversial-new-immigration-bill-to-attract-foreign-workers/2018/12/07/a76d8420-f9f3-11e8-863a-8972120646e0_story.html>
- Ellis, R. R. (2003). *"The Best Thus Far Discovered": The Japanese in the Letters of Francisco Xavier*. Hispanic Review, 71(2), 155. <https://doi.org/10.2307/3247185>
- Fennelly, M. G. (2016). *"The influence of CEFR on English language education in Japan."* Estudo acadêmico, Universidade de Shikoku, Japão (A) 46 : 109-122,2016
- Fenton-Smith, B., & Gurney, L. (2016). *Actors and agency in academic language policy and planning*. Current Issues in Language Planning, Volume 17, 2016 - Issue 1. Periódico acadêmico, páginas 72-87 <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14664208.2016.1115323>>
- Hall, I. P. (1998). *Cartels of the Mind: Japan's Intellectual Closed Shop*. New York: W. W. Norton.
- Hendry, J. (2003). *Understanding Japanese society*. The Nissan Institute/Routledge Japanese studies series.
- Honna, N., & Takeshita, Y. (2005). *English Language Teaching in Japan : Regional Language Centre Journal*. <<https://doi.org/10.1177/0033688205060055>>
- Kerr, A. (2001). *Dogs and Demons. Tales from the Dark Side of Japan*. New York: Hill and Wang.
- Kerr, A. (2002). *Lost Japan*. Lonely Planet Publications.
- Kubota, R. (1998). *Ideologies of English in Japan*. World Englishes Volume 17, Issue 3
- Laures, J., & Boxer, C. R. (1952). *The Christian Century in Japan 1549-1650*. Monumenta Nipponica Vol.8, No. 1/2 (1952), páginas 424-428. Periódico acadêmico da Universidade Sophia <<https://doi.org/10.2307/2383024>>
- Markel, S. (2018). *The CEFR and English Education in Japan*. Journal of Policy Studies, 56, 33–38. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10236/00026785>
- Masashi, N. (2012). *The Development of the CEFR-J : Where We Are , Where We Are Going*. Language, 105–116.
- Mateus, M. (2008). *Difusão da Língua Portuguesa no Mundo*. In *Anais do I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP)*. Palestra proferida na Universidade de São

- Paulo, Brasil. < http://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/01_31.pdf>
- Mateus, M. H. M. (2002). *Uma Política de Língua para o Português*, Lisboa: Edições Colibri
- McVeigh, B. J. (2004). *Foreign language instruction in Japanese higher education the humanistic vision or nationalist utilitarianism?* *Arts and Humanities in Higher Education*, 3(2), 211–227. <https://doi.org/10.1177/1474022204042687>
- Nelson, T. (2004). *Slavery in Medieval Japan*. *Monumenta Nipponica*, 59(4), 463–492. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/25066328>
- Nussbaum, M. (2004). *Liberal Education and Global Community*. *Liberal Education*, 90(1), 42–47. Consultado em: <http://eric.ed.gov/?id=EJ728534> <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ728534.pdf>
- Nussbaum, M. (2017). *The Evolution of Liberal Arts in the Global Age*. *The Evolution of Liberal Arts in the Global Age*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315645216>
- O'Dwyer, S. (2019). *At the University of Tokyo, there is power in a union*. Artigo do jornal japonês The Japan Times. Consultado em novembro de 2019. <<https://www.japantimes.co.jp/opinion/2019/03/11/commentary/japan-commentary/university-tokyo-power-union/#.XeMhQi2B1p8>>
- Ohara, Y. (2010). *Review of Language and education in Japan: Unequal access to bilingualism*. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, 13(1), 118–121. <https://doi.org/10.1080/13670050802645934>
- Okada, Y. (2018). *Japan's foreign population hitting a record high: The government announces the acceptance of more foreign workers*. *Mizuho Economic Outlook & Analysis*. Mizuho Research Institute, Japan. <<https://www.mizuho-ri.co.jp/publication/research/pdf/eo/MEA180913.pdf>>
- Okumura, A. (2017). *English Education in a Brazilian Community in Japan : A Case Study in a Brazilian School in Ibaraki Prefecture*, Estudo acadêmico, Universidade de Tóquio, págs. 3–20. <<http://park.itc.u-tokyo.ac.jp/eigo/KJEE/009/003-020.pdf>>
- Reichert, F. (2014). *Zipangu. Marco Polos Japan und das europäische Weltbild zwischen Mittelalter und Neuzeit*. In *Asien und Europa im Mittelalter: Studien zur Geschichte des Reisens*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht
- Rowland, L. (2016). *English in the Japanese linguistic landscape: a motive analysis*. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, Volume 37, Issue 1 - págs. 40-55
- Silva, Mário Filipe da (2005). "Promoção da língua portuguesa no mundo: hipótese de modelo estratégico". Tese de doutoramento. Repositório Aberto, Universidade Aberta de Lisboa
- Shibata, M. (2019). *Why Japan's 'shūkatsu' job-seeking system is changing*. Artigo da BBC. <<https://www.bbc.com/worklife/article/20190731-why-japans-shkatsu-is-disappearing-for-japanese-youth>>
- Takeuchi, L. (2002). *Language planning and language change in Japan*. *Bulletin of the School of Oriental and African Studies-University of London*. Volume 65. Páginas 628-630
- The Japan Foundation. (2015). *The JF Standard for Japanese-Language Education Central to the JF Standard for Japanese-Language Education is the idea that communication in Japanese can lead*. Panfleto informativo da Fundação Japão. <https://www.jpff.go.jp/e/urawa/e_rsrcs/dl/jfs2015_pamphlet_eng.pdf>
- Tobace, E. (2016). *O que pode estar por trás do alto índice de autismo entre crianças brasileiras no Japão?* Artigo da BBC, consultado em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional->

36580919?fbclid=IwAR3NTW0o3FkDtzAekq7mJLR0DWhP02IhLq1x-
Vy57dGcMhYCCbHiGHZUBaU>

Various. (2003). *I Wouldn't Want Anybody to Know: Native English Teaching in Japan*. (E. P. Bueno & T. Caesar, Eds.). Tokyo, Japan: JPGS Press.

VxMag. (2015). 26 palavras japonesas de origem portuguesa. Site da internet. Consultado em <<https://www.vortexmag.net/26-palavras-japonesas-de-origem-portuguesa/>>

Anexos

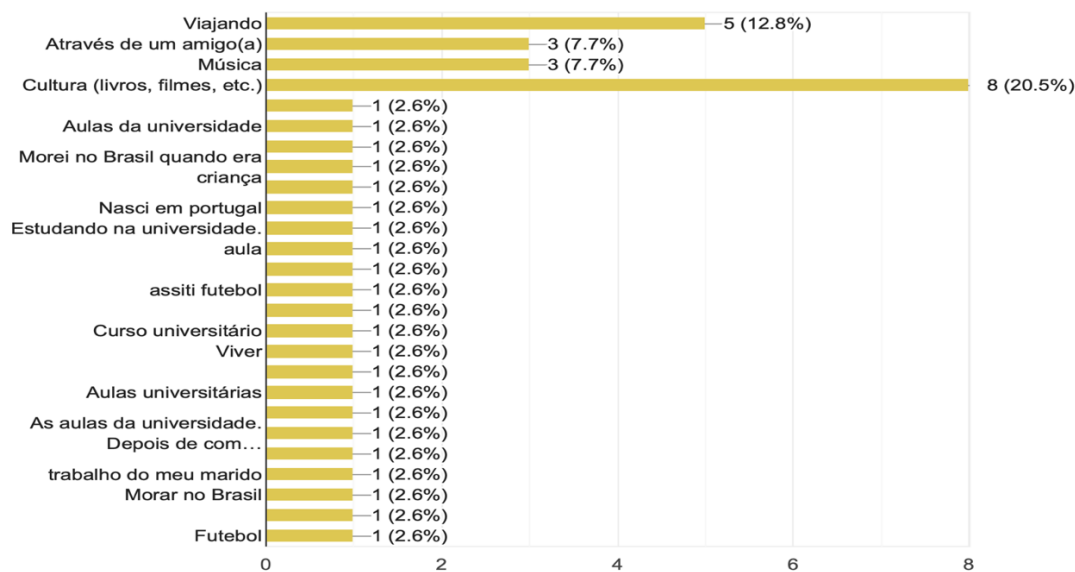
1. Gráficos do questionário dos Alunos

Inclui gráficos de algumas perguntas dos questionários. O objetivo é simplesmente visualizar os resultados com mais facilidade.

1.1 Primeiro contato com a língua portuguesa

Como foi o seu primeiro contato com a língua portuguesa?

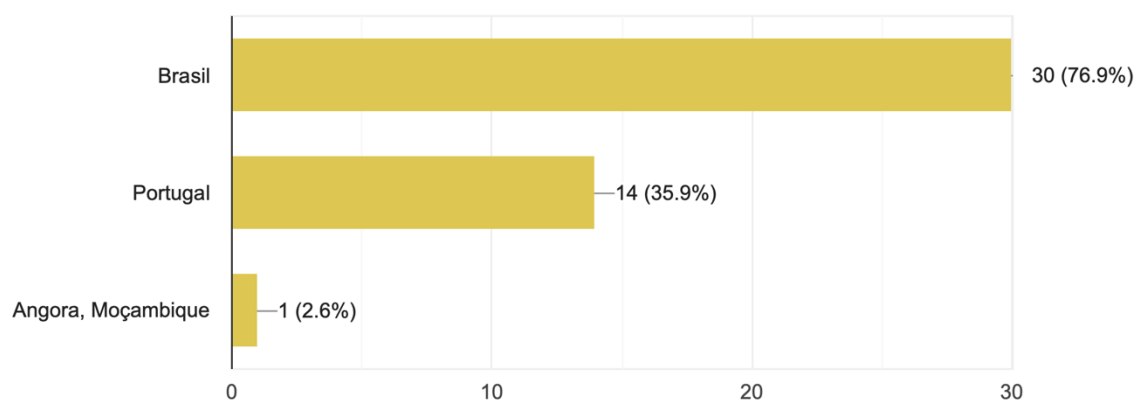
39 respostas



1.2 Países associados com a língua portuguesa

Inicialmente, com que país(es) você associava a língua portuguesa?

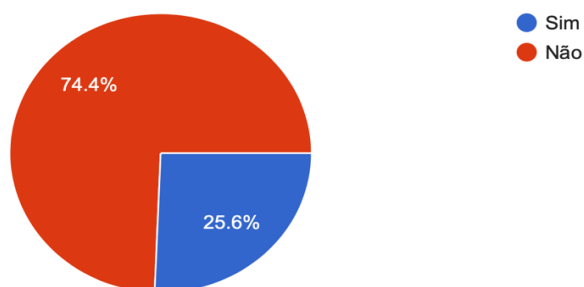
39 respostas



1.3 Contacto com lusófonos antes de iniciar os estudos

Antes de estudar, você conhecia algum japonês ou estrangeiro que fala português?

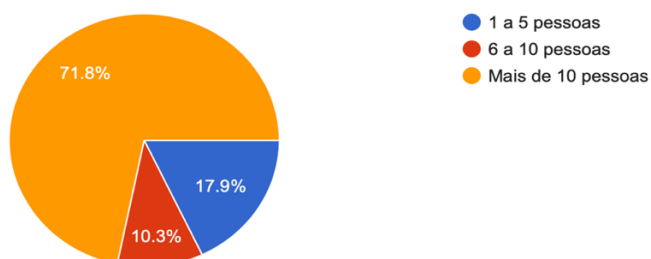
39 responses



1.4 Contacto atual com lusófonos

Excluindo seus professores, quantas pessoas que falam português você conhece?

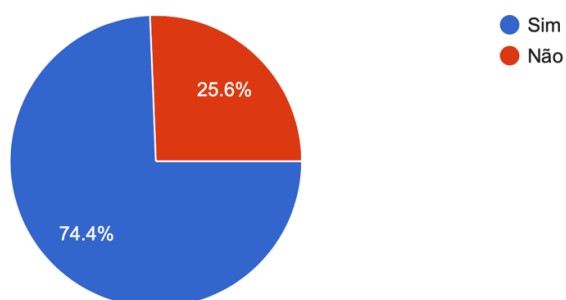
39 responses



1.5 Uso do português fora da sala de aula

Você usa o português fora da sala de aula?

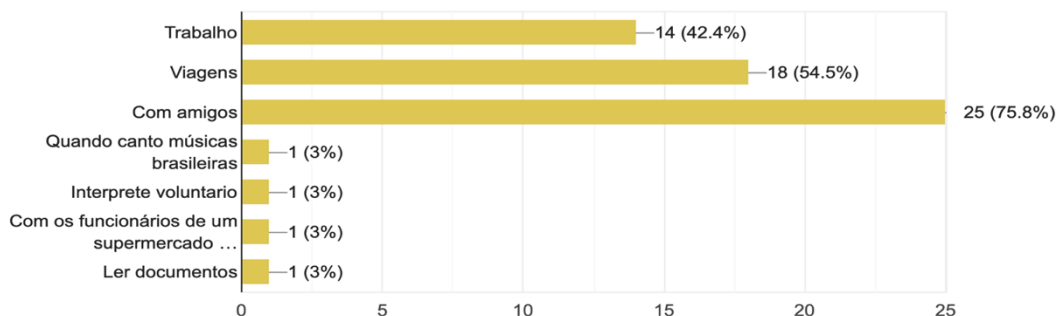
39 responses



1.6 Exemplos do uso do português fora da sala de aula

Em caso afirmativo, onde você usa português?

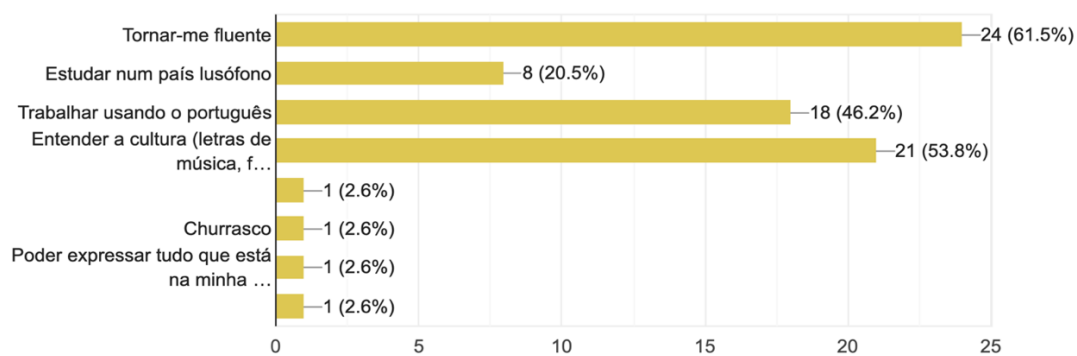
33 respostas



1.7 Objetivos do aprendizado de português

Quais são seus objetivos com o aprendizado de português?

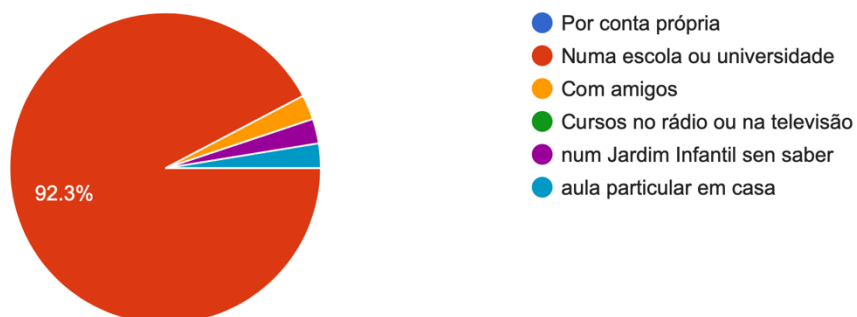
39 respostas



1.8 Início dos estudos de português

Como você começou a estudar português?

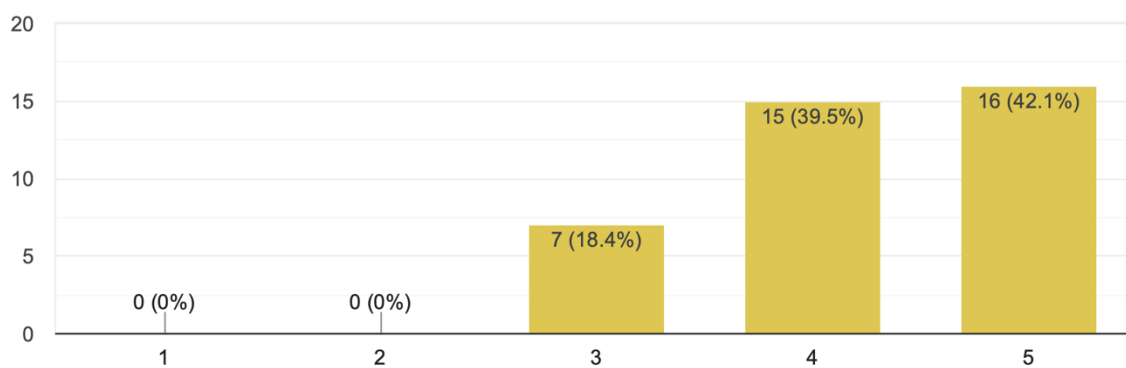
39 responses



1.9 Opinião sobre o curso (1: péssimo – 5: excelente)

O que você achou do(s) curso(s) que escolheu?

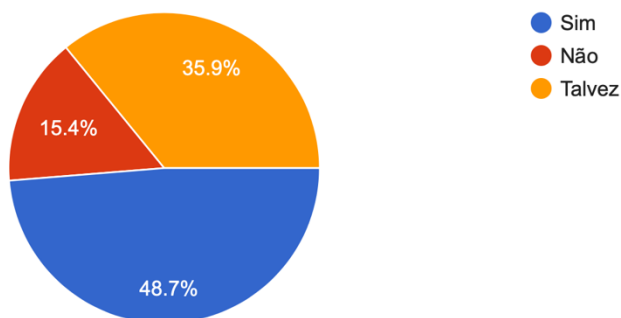
38 responses



1.10 Possibilidade de continuação dos estudos

Há cursos disponíveis para seu nível, caso você decida continuar estudando?

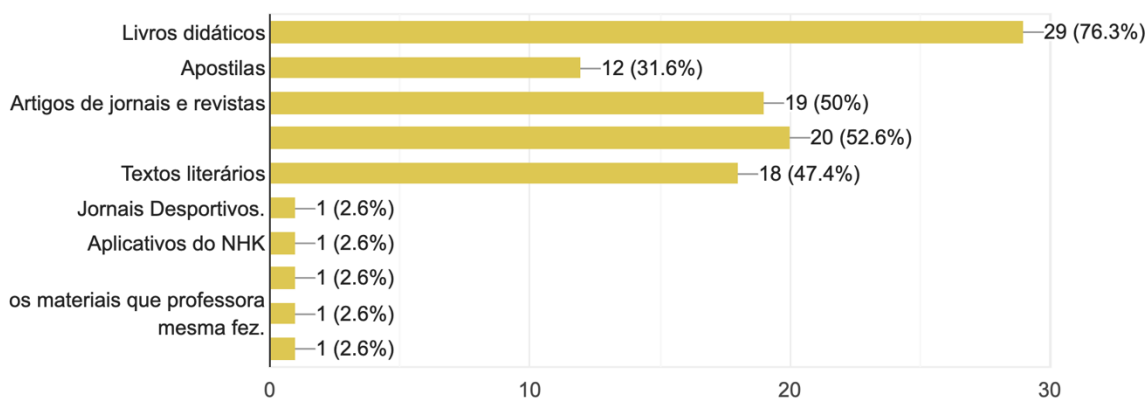
39 responses



1.11 Materiais didáticos

Que materiais didáticos você usou ou está usando para estudar português?

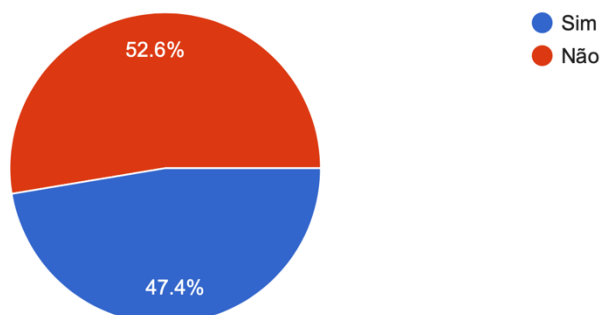
38 responses



1.12 Facilidade de encontrar material didático

Você sempre conseguiu achar material didático com facilidade?

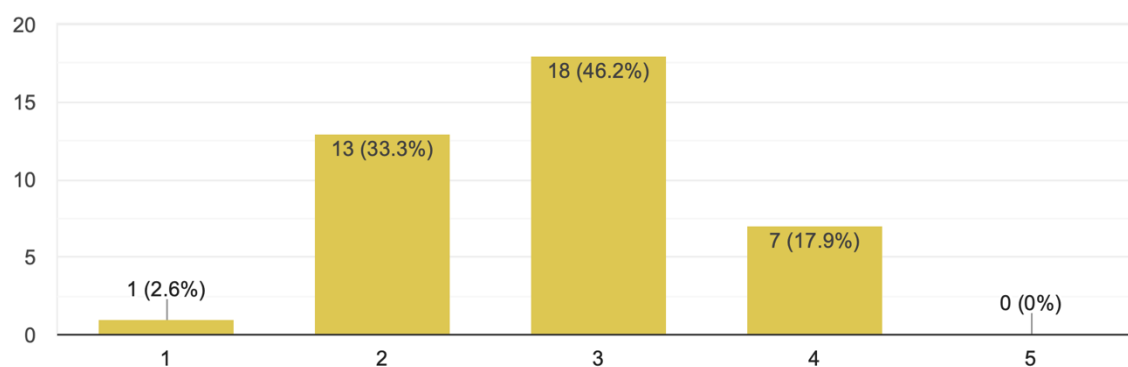
38 responses



1.13 Qualidade do material didático (1: péssimo – 5: excelente)

O que acha da qualidade do material didático disponível no Japão?

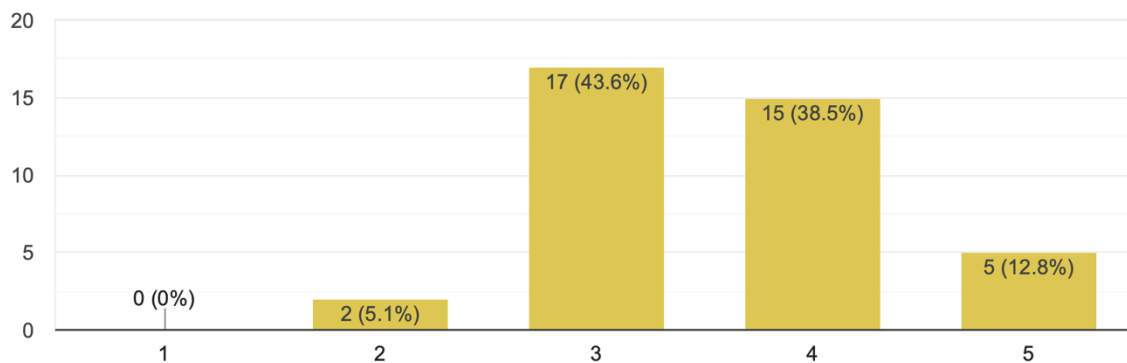
39 responses



1.14 Preço do material didático (1: baratíssimo – 5: caríssimo)

O que acha do preço do material didático disponível no Japão?

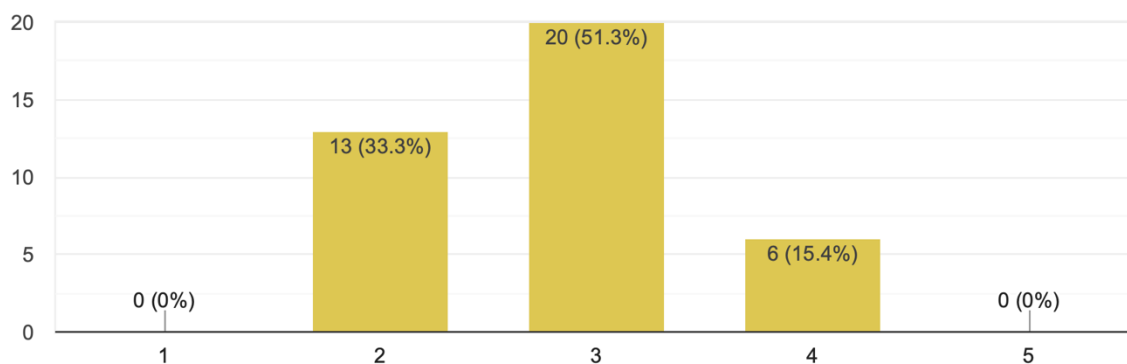
39 responses



1.15 Apresentação do material didático (1: pouco, ou – 5: bem interessante)

O que acha da apresentação do material didático disponível no Japão?

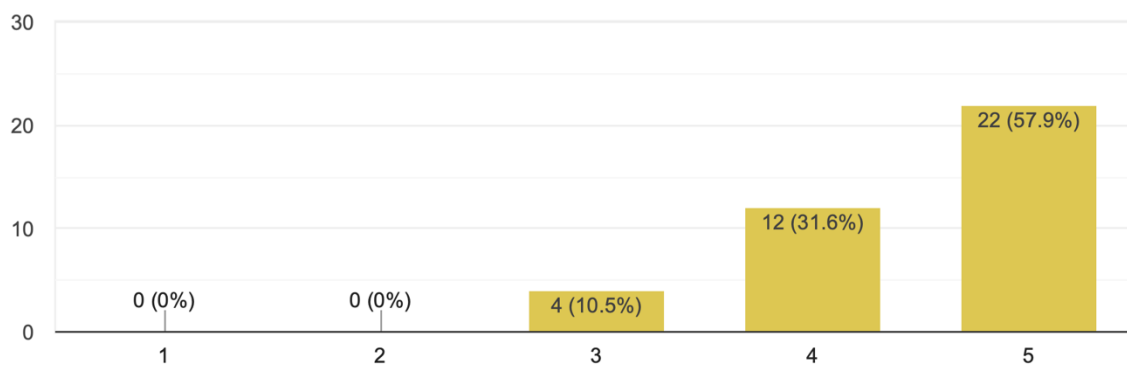
39 responses



1.16 Opinião sobre professores (1: péssimo – 5: excelente)

Como você descreveria seu(s)/sua(s) professor(es)/professora(as) de português?

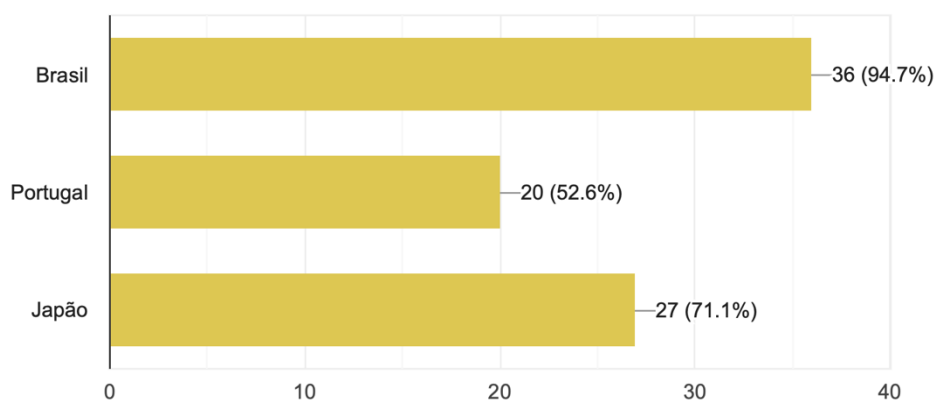
38 responses



1.17 Origem dos professores

De onde é (são) seu(s) professor(es)?

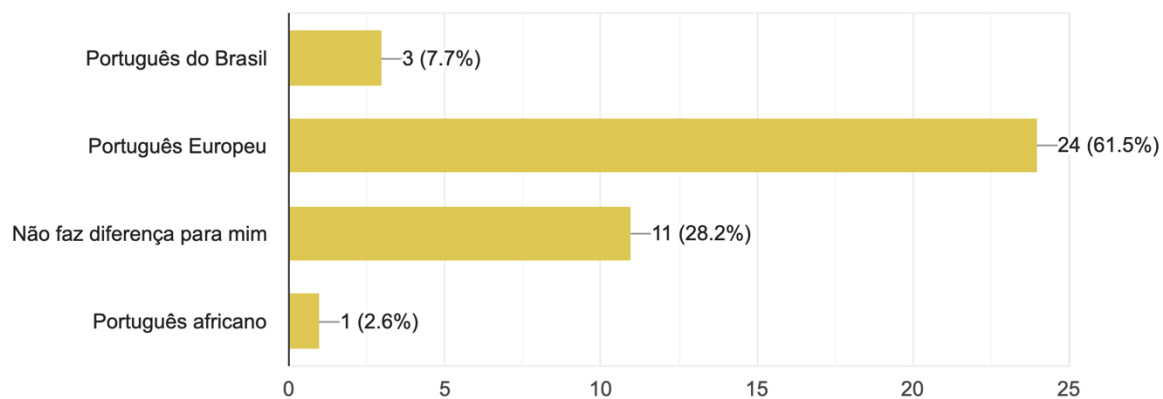
38 responses



1.18 Versão mais difícil do português

Qual versão do português é a mais difícil para você?

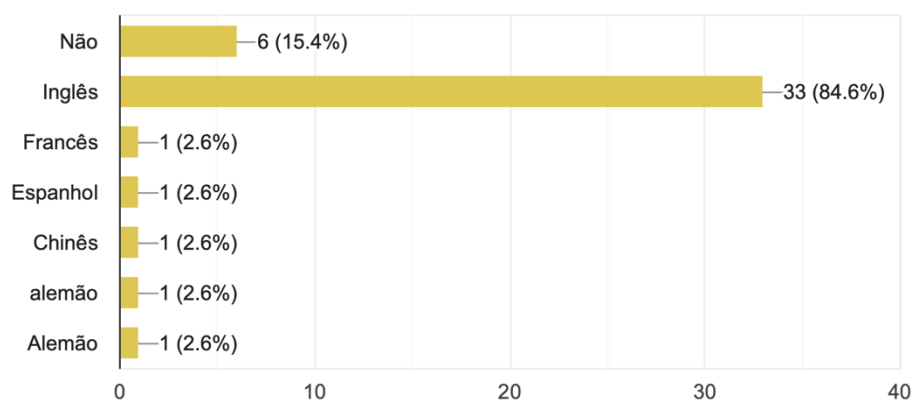
39 respostas



1.19 Idiomas estudados antes do português

Antes de estudar português você tinha estudado outro idioma?

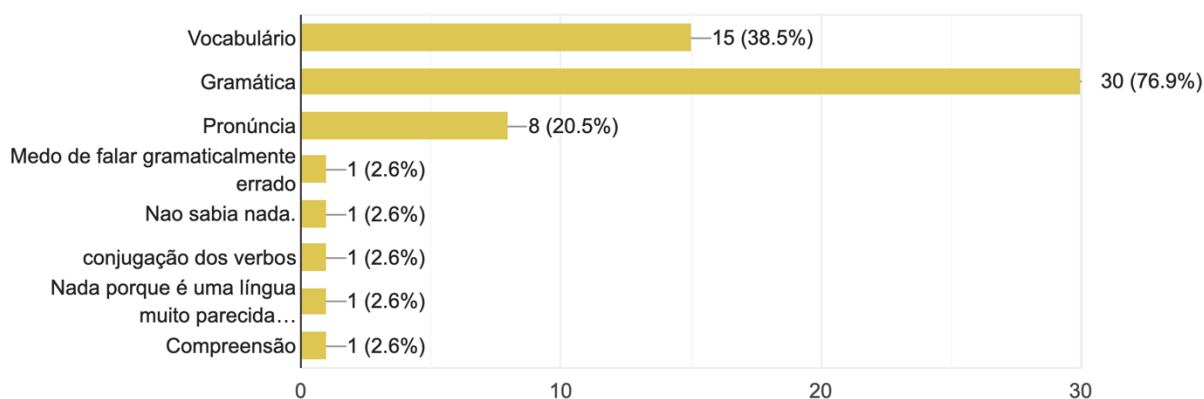
39 respostas



1.20 Principais dificuldades

Quais foram as principais dificuldades que encontrou ao começar estudar o português? (assinale todas as opções relevantes)

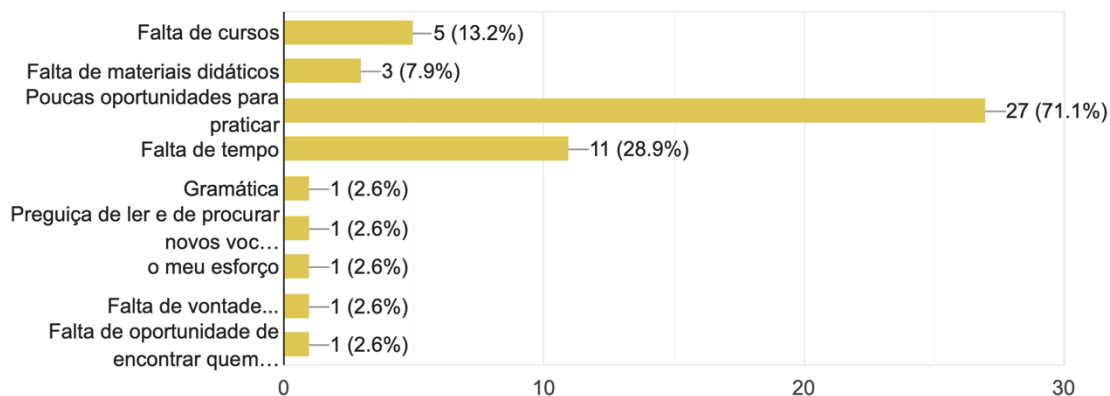
39 respostas



1.21 Obstáculos para aperfeiçoamento do idioma

Quais são os maiores obstáculos, em sua opinião, para melhorar seu português?

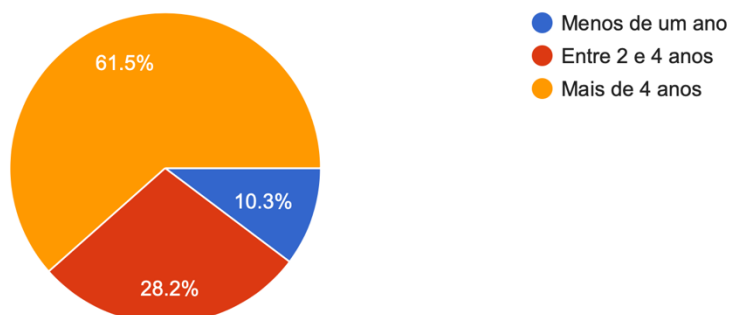
38 respostas



1.22 Tempo de estudo

Há quanto tempo você estuda/estudou português?

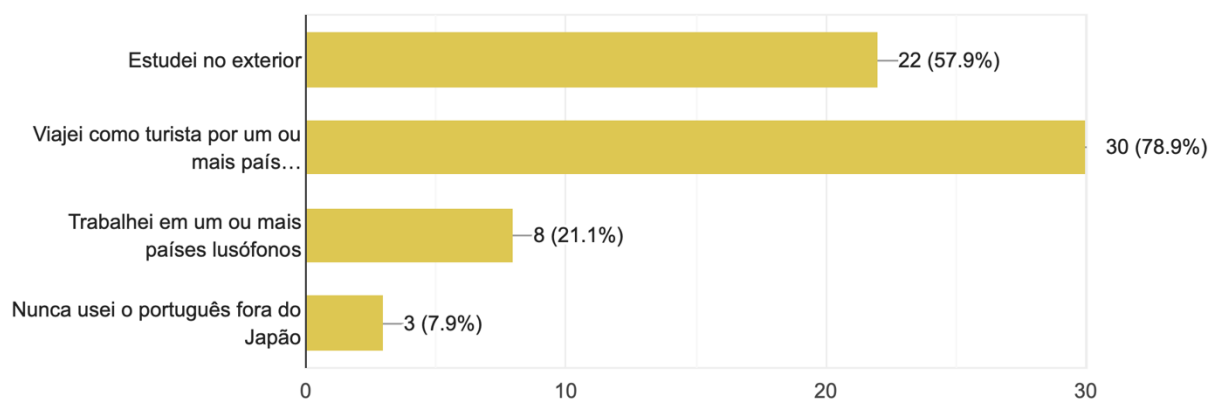
39 responses



1.23 Uso do português fora do Japão

Você teve alguma oportunidade de usar o português fora do Japão? (assinale todas as opções relevantes)

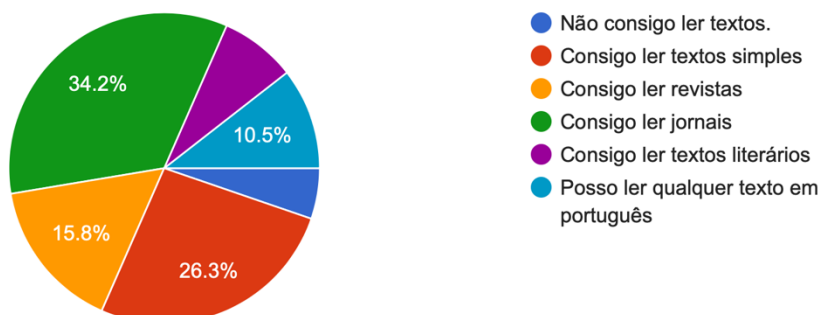
38 responses



1.24 Nível de leitura em português

Qual é seu nível de leitura em português?

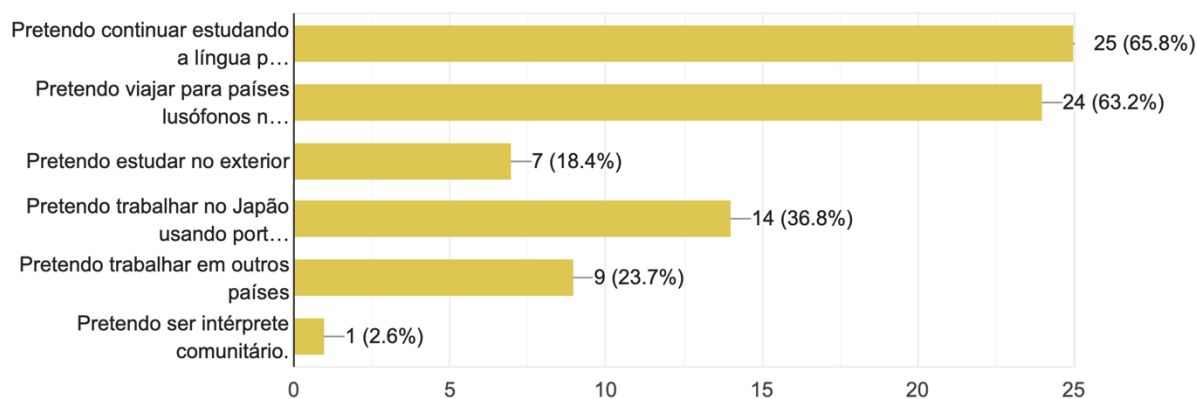
38 respostas



1.25 Perspectivas futuras

Perspectivas futuras (assinale todas as opções relevantes)

38 respostas

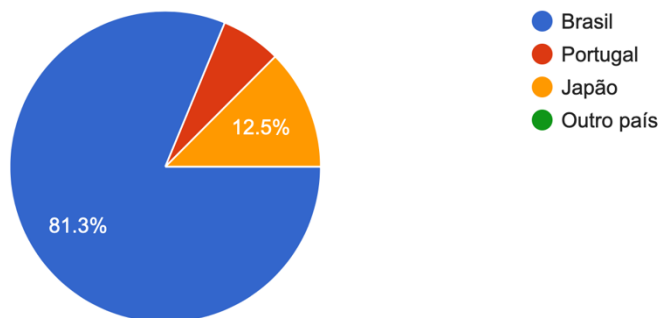


2. Gráficos do Questionário dos Professores

2.1 País de origem

País de origem

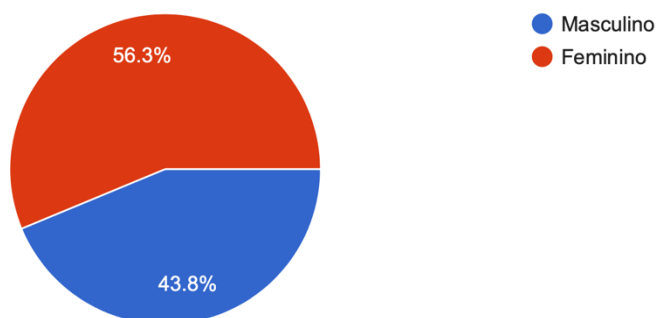
16 responses



2.2 Sexo

Sexo

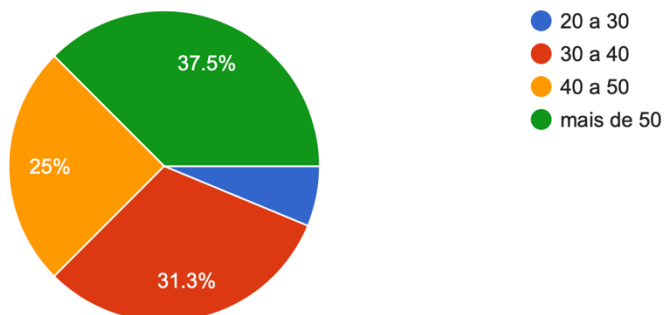
16 responses



2.3 Faixa etária

Faixa etária

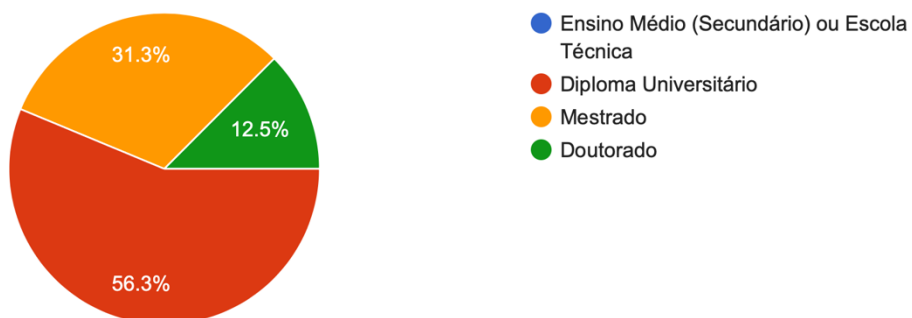
16 responses



2.4 Formação académica

Formação (assinale o nível mais alto obtido)

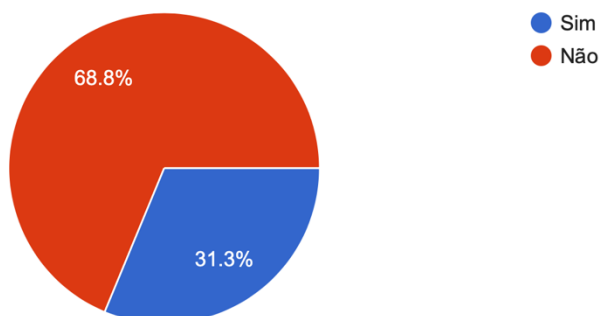
16 responses



2.5 Experiência fora do Japão

Já ensinou português fora do Japão?

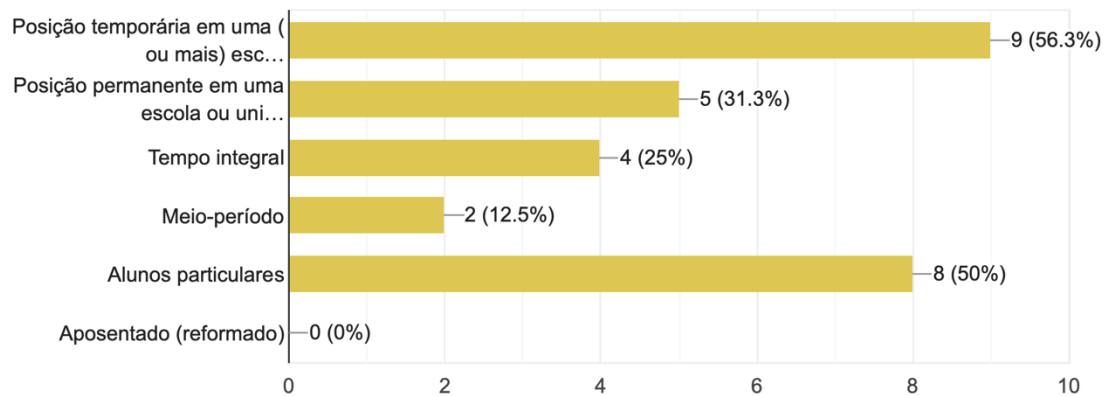
16 responses



2.6 Situação empregatícia

Situação empregatícia (assinale todas as opções relevantes)

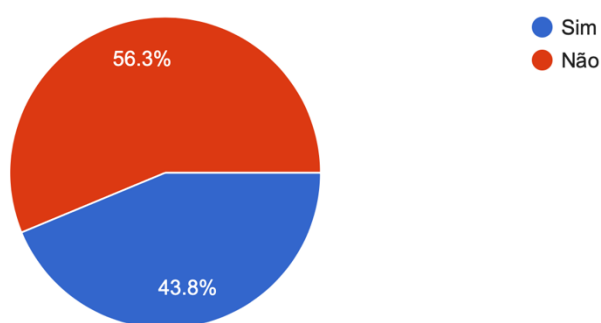
16 respostas



2.7 Nível de responsabilidade

Você administra ou é responsável por algum curso ou departamento?

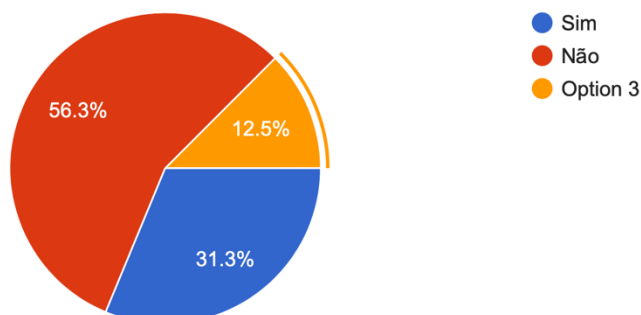
16 respostas



2.8 Incorporação das diretrizes do QEER nos currículos

Nos currículos descritos acima, são incorporadas as diretrizes do QEER?

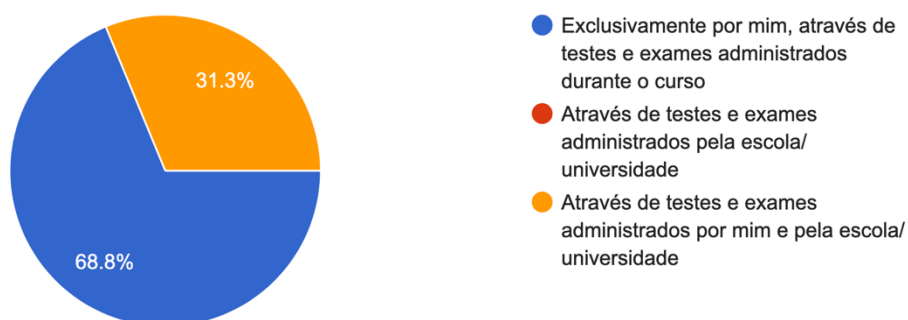
16 responses



2.9 Avaliação dos alunos

Como é feita a avaliação dos alunos?

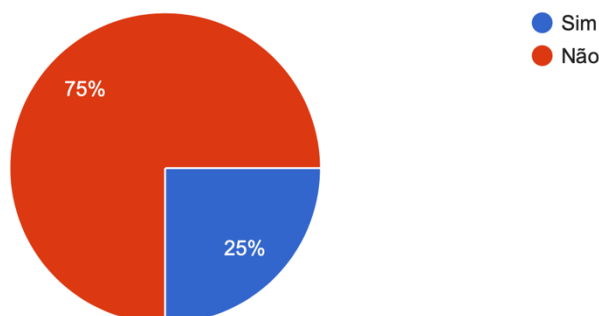
16 responses



2.10 Incorporação das diretrizes do QEER nas avaliações

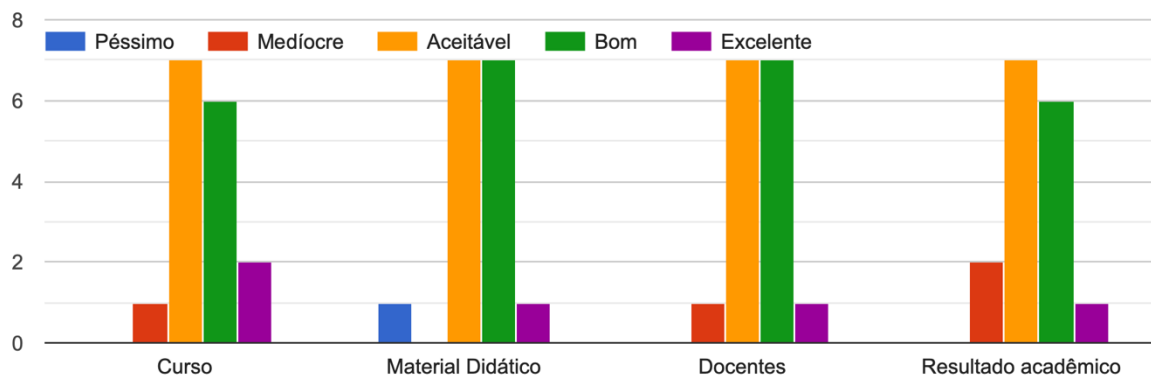
As diretrizes da QEER são utilizadas na avaliação dos seus alunos?

16 responses



2.11 Avaliação dos cursos

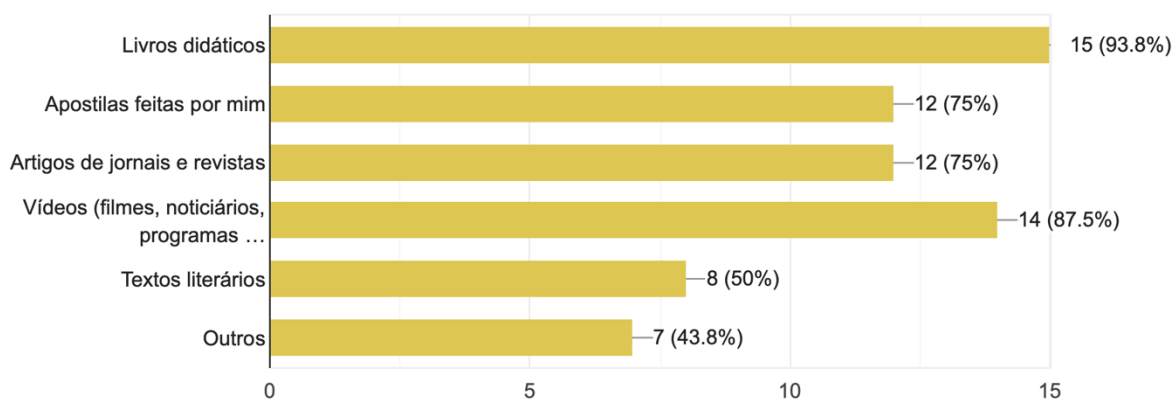
Como professor, como você avaliaria os seguintes aspectos dos cursos oferecidos onde você trabalha?



2.12 Materiais didáticos

Que materiais didáticos você utiliza para as suas aulas? (assinale todas as opções relevantes)

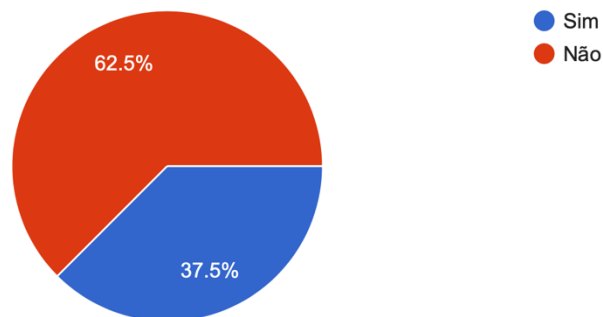
16 responses



2.13 Obtenção de material didático

Você consegue achar material didático com facilidade?

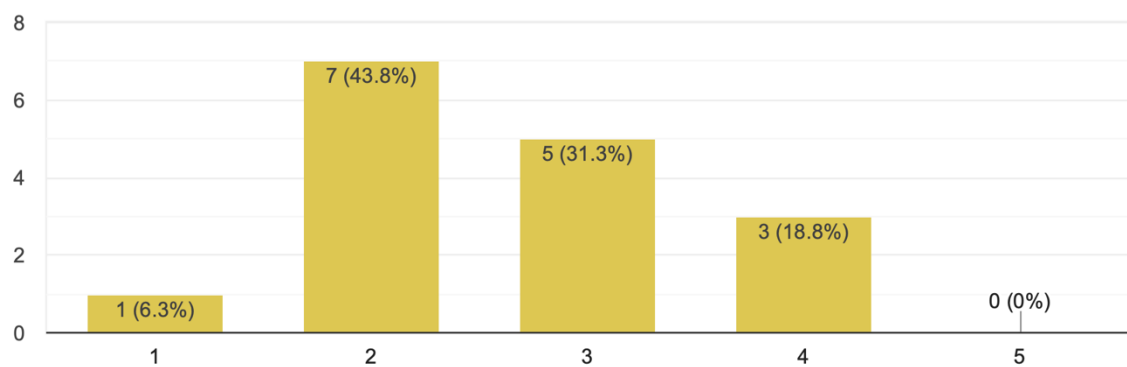
16 responses



2.14 Qualidade do material didático (1: péssimo – 5: excelente)

O que acha da qualidade do material didático disponível no Japão?

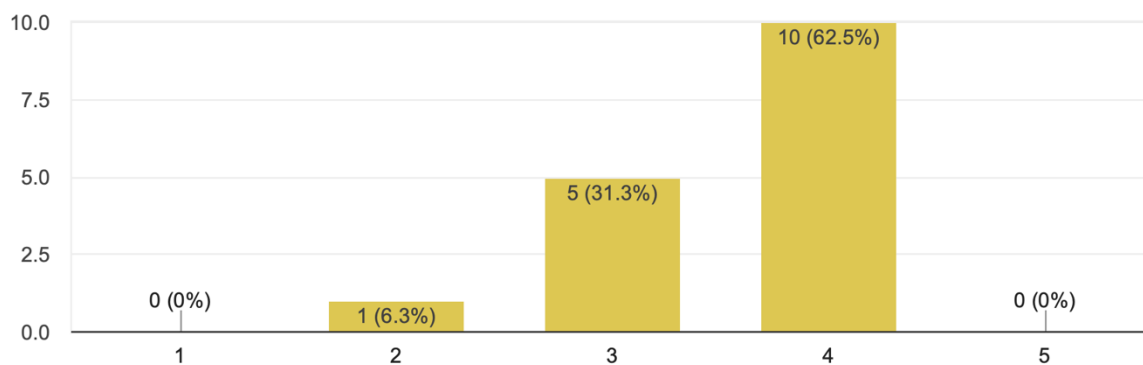
16 responses



2.15 Preço do material didático (1: baratíssimo – 5: caríssimo)

O que acha do preço do material didático disponível no Japão?

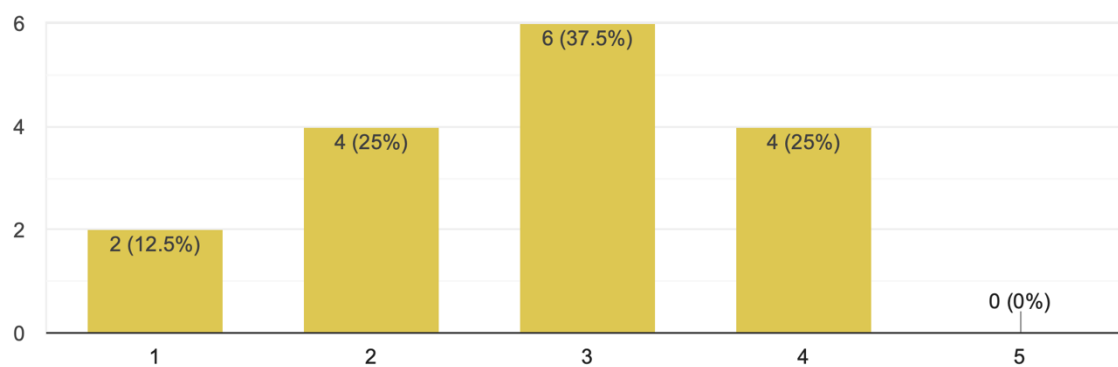
16 responses



2.16 Apresentação do material didático (1: pouco ou – 5: muito interessante)

O que acha da apresentação do material didático disponível no Japão?

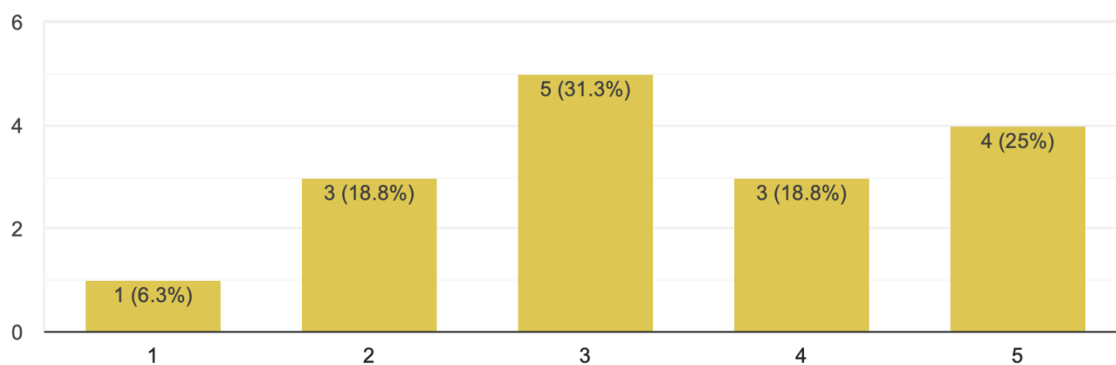
16 responses



2.17 Apoio das universidades (1: nenhum – 5: bastante)

Como você classificaria o apoio que recebe das escolas/universidades onde trabalha?

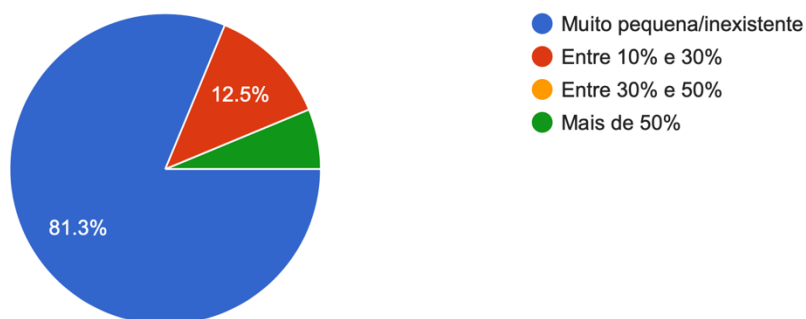
16 responses



2.18 Proporção de imigrantes ou filhos de imigrantes

Em seus cursos, qual é a proporção de alunos que são imigrantes ou filhos de imigrantes de países lusófonos?

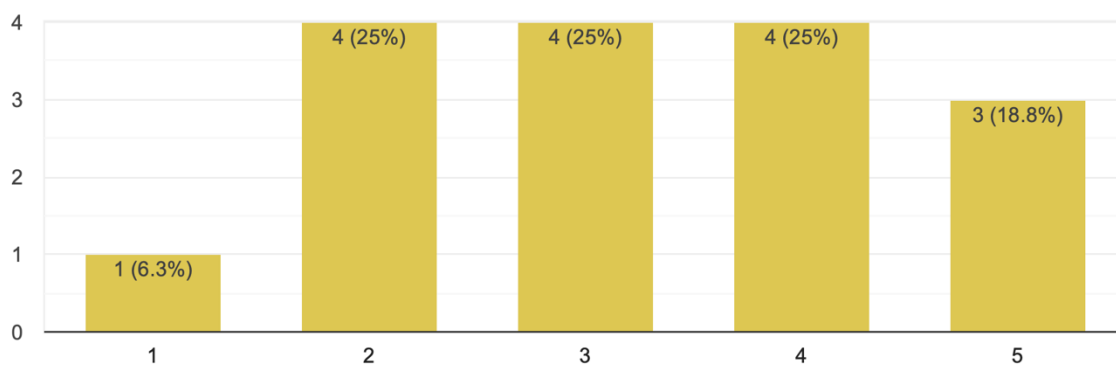
16 responses



2.19 Interesse dos alunos por países lusófonos

Além do idioma em si, qual é o nível de interesse de seus alunos por aspectos socioculturais dos países lusófonos?

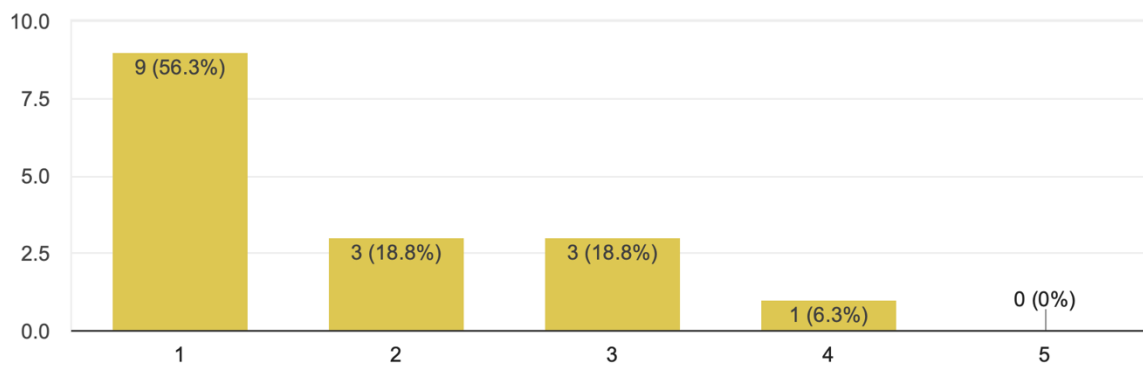
16 responses



2.20 Conhecimento dos alunos sobre países lusófonos

Qual é o nível de conhecimento de seus alunos de português sobre países lusófonos além do Brasil e de Portugal?

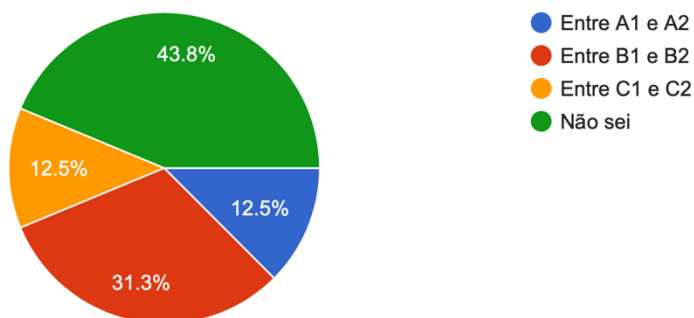
16 responses



2.21 Nível dos formandos

Usando o QEQR, como você classificaria o nível da maioria dos alunos japoneses que se formam em português numa universidade japonesa?

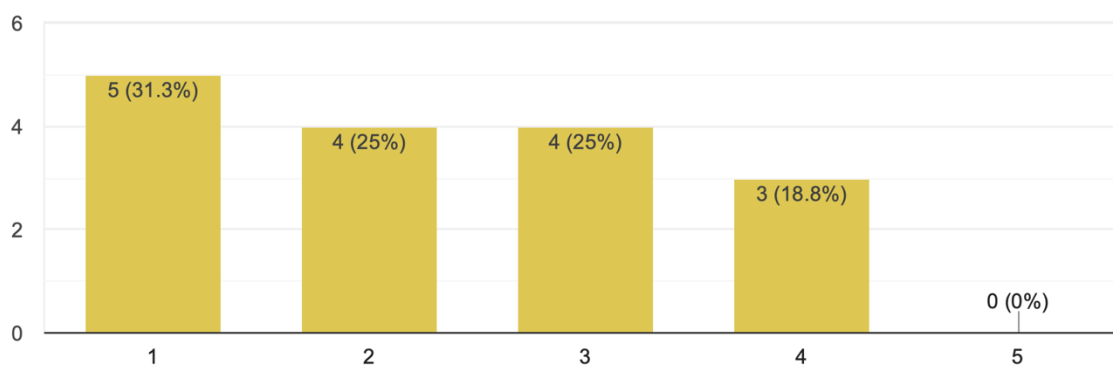
16 responses



2.22 Proporção de intercambistas (1: muito poucos – 5: quase todos)

Qual é a proporção aproximada de seus alunos de português que fazem intercâmbio em países lusófonos?

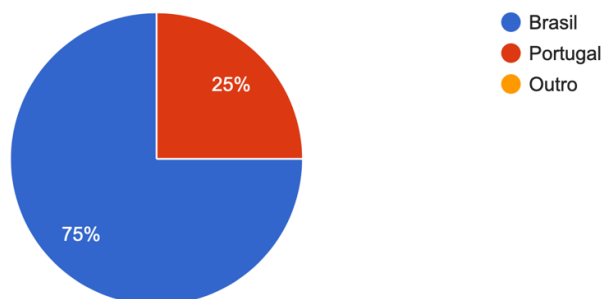
16 responses



2.23 Países mais escolhidos por intercambistas

Qual é o país mais escolhido por seus alunos para intercâmbio?

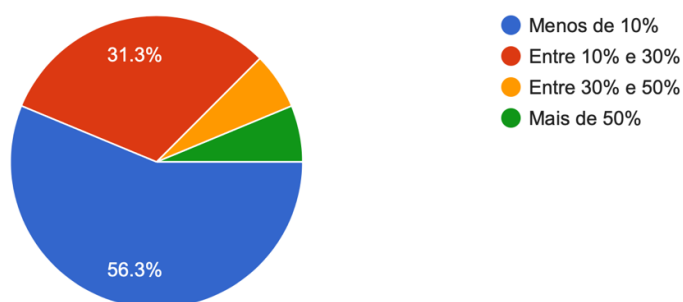
16 responses



2.24 Uso do português na vida profissional dos formandos

Qual é a porcentagem aproximada de seus alunos que usam português na vida profissional depois de se formarem?

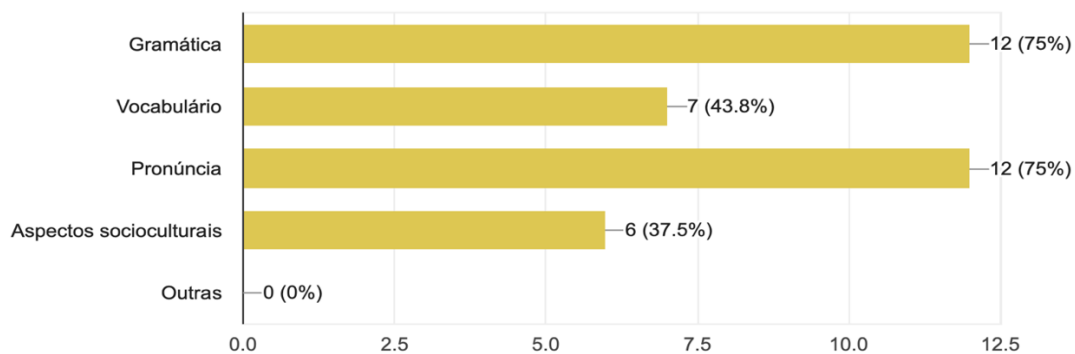
16 responses



2.25 Principais dificuldades dos alunos

Quais são as principais dificuldades encontradas por seus alunos de português? (assinale todas as opções relevantes)

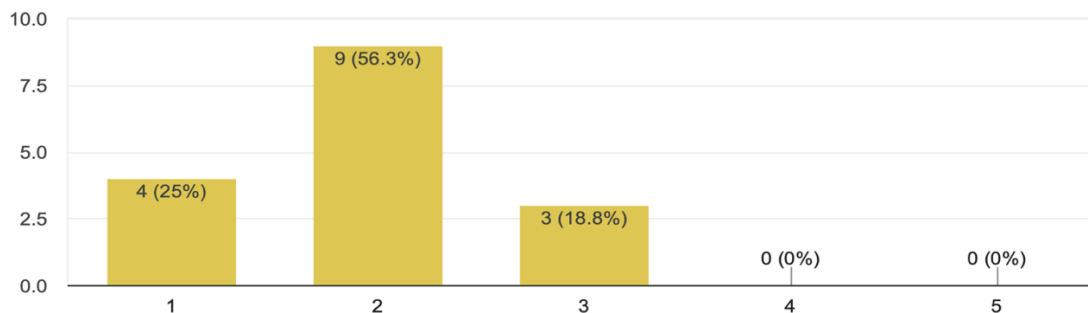
16 responses



2.26 Contacto dos alunos com o português fora das aulas

Em geral, qual é o nível de contato da maioria de seus alunos com a língua portuguesa fora das aulas?

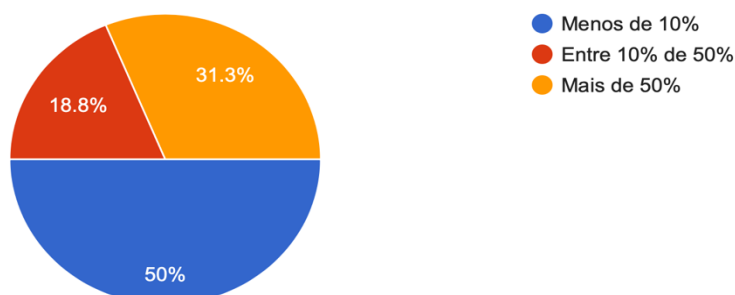
16 responses



2.27 Proporção de alunos com outros idiomas além do inglês

Com exceção do inglês básico ensinado nas escolas japonesas, qual é a proporção aproximada de seus alunos ...am outro idioma antes do português?

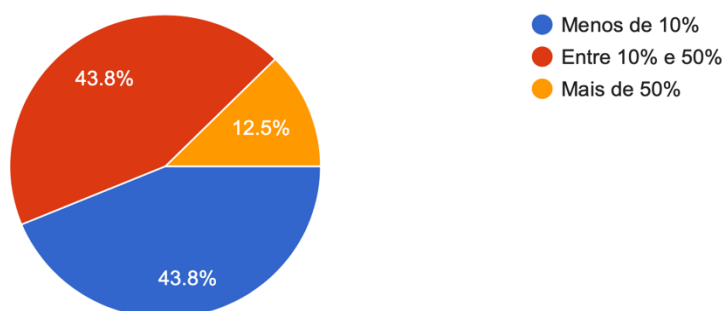
16 responses



2.28 Proporção de alunos com nível suficiente para estudo em país lusófono

Qual é a proporção aproximada de seus alunos que têm um domínio suficiente de português para estudar numa universidade de um país lusófono?

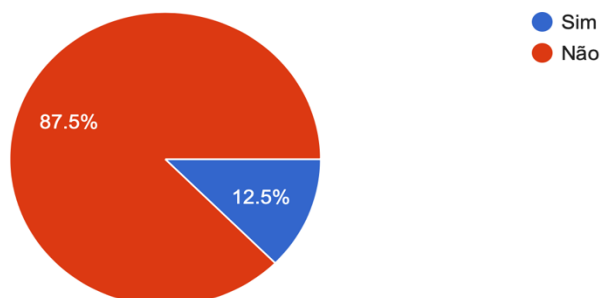
16 responses



2.29 Capacidade literária dos alunos

Seus alunos leem livros em português?

16 respostas



2.30 Condições profissionais dos professores

Avalie as seguintes afirmações sobre sua vida profissional como professor(a) de português no Japão:

